



2021

Marco Nº 1 - Cevide



Publicações Periódicas

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel

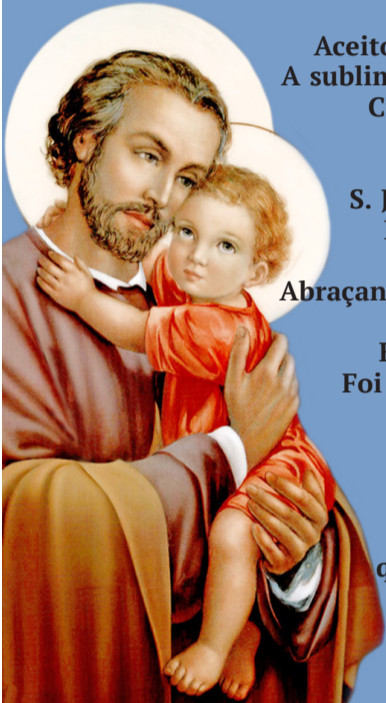


Taxa Paga Portugal Linda à Velha

Prioritário

Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXV - N.º 1448 | 1 Março de 2021 | Preço Avulso Euros 1,75
Assinatura Anual: Portugal 22,50 Euros - Estrangeiro 30 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

S. JOSÉ PAI DE CORAÇÃO



Aceitou com toda a humildade
A sublime missão dada por Deus,
Cuidar em amor e verdade
O Filho, vindo dos Céus.

S. José foi protetor e amigo,
Educando com o coração.
Da penumbra fez abrigo,
Abraçando essa mesma condição.

E, humanamente falando,
Foi um pai que muito amou,
E, como tal, se afirmou.

E, em pretensa analogia,
Desejo assim exaltar
Todos os pais terrenos,
que também sabem amar!

Armanda Urze, Vila
20 de fevereiro de 2021

Caminho Jacobeu Minhoto Ribeiro: um itinerário bem alicerçado no estudo de mais de 20 anos P.24-25



Fecho de Fronteira de S. Gregório leva a viver como em tempos de contrabando P.15 e 36



Soalheiro lança alvarinho 2020 em garrafa mais ecologicamente sustentável P.18



HISTÓRIAS DE AMOR COM
MAIS DE 50 ANOS P.3

CEVIDE, ONDE COMEÇA
PORTUGAL P.9

URBACT: MELGAÇO É
EXEMPLO PARA A EUROPA P.10

DESAFIOS DA PANDEMIA
À VIVÊNCIA DA FÉ EM
COMUNIDADE REUNIDA P.12-13

PROFESSOR JOSÉ MARQUES,
UMA MEMÓRIA AFECTIVA P.16

SENTIDA HOMENAGEM AO
PROF. DOUTOR JOSÉ MARQUES P.17

7 RESTAURANTES SERVEM
LAMPREIA PARA CASA P.19

MELGAÇO DISTINGUIDO
COMO DESTINO
GASTRONÓMICO DO ANO
2020 P.21

TERMINADA A INTERVENÇÃO
NA MAMOA DO BATATEIRO P.28

2 ASSEMBLEIAS GERAIS
DA SANTA CASA DA
MISERICÓRDIA, EM MARÇO P.29

HISTÓRIA DO CULTO A
SANTA RITA P.30-31

VIAJAR PELA BIRMÂNIA P.34-35

Melgaço pintado por Jaime Murteira

P.26-27



1603 pessoas já identificadas para 1º fase de vacinação P.19

Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor
a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
comercial@quintadoregueiro.com

Deve ser sempre um dia de enamorados



«Apoie o comércio local. Compre um bom aperitivo ou uma boa merenda; encomende um doce especial e acompanhe-o com o nosso Barricas ou Espumante. A simplicidade deste gesto conquistará qualquer um».

Carlos Pereira de Lemos e esposa Molly de Lemos com 40 anos de diferença. A primeira foto é de 1981, a segunda, deste ano 2021, tiradas no mesmo local. Os caros benfeitores do jornal estão a tentar arranjar forças para virem a Portugal no Verão. Isto se as condições da pandemia o permitirem. É de gente desta garra que nós precisamos para erguer bem alto o nome de Melgaço e de Portugal. Este melgacense, verdadeiro cidadão do mundo, bem merece todos os elogios e encômios pelo que fez durante toda a vida e pelo amor entranhável a Portugal que espalha por toda a parte. Deus os ajude, bons Amigos!



E agora?

José Senra

Saúde e política parecem andar hoje em dia, de mãos dadas.

Estamos todos fartos, fartinhos desta epidemia que depois virou pandemia. Fartos de termos técnicos, de números de infetados e até de mortos, que são só um número. Depois, vamos ver mais de perto e, esses números, têm rosto, são pessoas e, muitos partem sós, com a família lá longe. Médicos, enfermagem e auxiliares num lufa, lufa, porque é o momento da ação.

E, entretanto, esquecemos aquele outro assunto chato e técnico de que ouviamos falar diariamente: A economia, déficit, importações, exportações, BCE,

agências de rating e mais umas tantas linhas com nomes certamente importante e sonantes, mas que sumiram porque “E tudo o vírus levou”.

Mas ao longo do tempo fomos percebendo e bem, que o país tinha mesmo de parar. Aviões com capacidade para centenas de pessoas no chão, comboios parados, fronteiras entreabertas ou mesmo fechadas, visitas a familiares por videochamada. Aqui realmente realço o valor das novas tecnologias que nos levaram à maior aproximação possível, não importando onde estávamos desde que houvesse algo chamado de internet e um simples computador.

O vírus tem paternidade chinesa, parece hoje ser uma verdade adquirida.

Mas a partir de agora o mundo, todos nós mudamos e, não estou certo que tenhamos mudado para melhor: Poderá haver amizades que continuem, mas na verdade os afetos como os conhecíamos, pelo menos nos primeiros tempos duvido; aquele beijo à chegada, um aperto de mão poderão de forma espontânea ter desaparecido.

Mas a minha mensagem é a que passado algum tempo, acreditem “TUDO VAI FICAR BEM”

Até lá protejam-se e cuidem-se.

Os nossos Amigos

Carlos Nuno

É fácil pagar a assinatura

Em Melgaço, directamente, em 3 locais: Moisés Costa, na florista Elisabete, do ‘Encanto das Flores, 44’ na descida da Rua Afonso Costa, que passa nos Correios; Superquiosque da Calçada, ao Jacinto; Seguros – Rui Malheiro, junto á Farmácia Vale do Moura.

Em Braga, no Largo Senhora-a-Branca, 105.

Por cheque ou vale do correio.

Por transferência bancária:

IBAN = PT50 0018 0000 28639224 00105

Para assinantes no estrangeiro, o BIC ou SWIFT é = TOTAPTPL

Se utilizarem cheque, tem de ser de um banco português, pois que para cobrar um cheque emitido sobre um banco estrangeiro paga-se quase mais pela operação do que a quantia enviada pelo cheque.

Quem pagar por transferência, verificar se o nome do titular da conta de onde é feita a transferência é igual ao que vai na etiqueta do jornal. Se não for, comunicar por email em que nome de assinante se deve lançar o pagamento.

Neste mês houve 3 envios que não conseguimos lançar, porque os nomes não existem como sendo os dos assinantes. Foram estes:

Maria Madalena Gomes de Araújo – transferência efectuada em 2 de Fevereiro.

Dr. António Almeida – transferência de 50 euros em 3 de Fevereiro.

A. A Domingues – transferência feita em 8 de Fevereiro para pagar 2 anos como amigo. Será que se refere a Arlindo Augusto Domingues Afonso?

José Luís Diogo Azevedo, em 11 de Fevereiro.

Email para contacto = jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telemóvel = 919304195

Entre os quase 300 assinantes que pagaram as suas assinaturas até ao presente, houve alguns que o fizeram como amigos: António Jorge Tavares e Rui Salvador, dos Açores; Júlio de Sousa Domingues, de Âncora; Manuel José Meleiro, de Oviedo, como benfeitor; Manuel José da Costa, de Rouças; Dr. José Domingues, de Braga, pagando 21 e 22 como benfeitor; Dr. António Pires, de Lisboa; Dr. Manuel Jaime Fernandes, do Porto, pagou 21 e 22 como amigo; Manuel Afonso, do Porto,

pagou 21 como amigo, e João Lourenço Pires, do Peso, que também pagou 2021 como Amigo.

Obrigado a todos pela colaboração e ajuda.

Aos que ainda estão sem pagar 2021 e sobretudo os que devem 2, 3 e até mais anos, mais uma vez pedimos encarecidamente que ponham as assinaturas em dia. Precisamos mesmo desta colaboração de todos para podermos cumprir todas as nossas obrigações. Quem faz todo este trabalho não recebe nada por ele e ainda põe algum, bastante, do seu bolso para acudir a todas as despesas.

Creio que temos peso moral para pedir a todos esta colaboração e compromisso.

Se é certo que ninguém se salva sozinho, mais certo ainda é que, juntos, podemos enfrentar até as maiores dificuldades. E é por uma obra que enaltece Melgaço e que fica para a história como um marco sem o qual não se compreenderá bem o que foi a vida do concelho nestes quase 75 anos.

O desafio é para todos nós.

Nas vossas mãos, caros assinantes, está o encargo de colaborar com o que é de elementar justiça num contrato de prestação de serviços. Aos que não apenas pagam a tempo e horas, mas ainda o fazem como amigos e até benfeitores, o meu sincero obrigado e a minha gratidão pelo estímulo que me dão.

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozdemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt
www.facebook.com/vozdemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE-68A

Colaborador - CO 257
João Martinho Silva
Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondente
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença

Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
António Costa Guimarães – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armênia Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues – Âncora

Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Táguas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Viana
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Rui Ribeiro – Melgaço

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Telef. 253 214 284
Contribuinte n.º 502668636

NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:
Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Maria do Rosário Salgado Vergara Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,
António Luís Vergara Vaz
e Manuel Luís Vergara Vaz,
20% cada.

Pré-Impressão:
Amigos de “A Voz de Melgaço”

Impressão e Expedição:
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de S. Brás, n.º 1
4710-073 Gualtar Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:
Portugal – 22,50 Euros
Estrangeiro – 30 Euros



“Felizes Para Sempre”: Histórias de amor com mais de 50 anos

João Martinho

Joaquina e Manuel: Um casamento contra o preconceito e o conservadorismo

No Dia de São Valentim “todos queremos ler uma ‘reportagem’ cheia de amor. Foi precisamente o que encontramos na Joaquina e no Manuel, ela com 68 anos e ele com 70. Chegamos a casa deste casal, Joaquina está à janela. Repletos de vitalidade, convidam-nos a



entrar e colocam-nos à vontade. Em cima da mesa está um álbum de capa marmoreada. Abrimos. No seu interior, fotografias a preto e branco. Começamos a viagem no tempo. Uma história que conta com 51 anos de luta mas também de boas e apaixonantes memórias”.

É com esta promessa de mergulho na história de vida de Joaquina e Manuel que começa o primeiro de dois depoimentos recolhidos por Gabriel Lourenço, autor da iniciativa “Felizes Para Sempre – Histórias de Amor Com Mais de 50 Anos”, para o projecto CLDS (Contrato Local de Desenvolvimento Social) - 4G Melgaço. A equipa local de trabalho do programa de inclusão foi acompanhada pelo jovem melgacense num dos dias da sua intervenção no terreno e recolheu dois testemunhos de amor com mais de meio século e que ainda perduram.

A iniciativa assinalou o dia de São Valentim, mas as histórias são também uma prova viva de que há amores que se prometem ‘para a vida toda’.

O primeiro testemunho da vida em nome do amor, partilhada no dia 14 de Fevereiro nas redes sociais passa pela emigração, pelo conservadorismo dos povos e por outras lutas que marcam a evolução da sociedade na segunda metade do século XX.

“Decorria o ano de 1970. Manuel, natural de Vila Nova de Cerveira e Joaquina, natural de Miranda do Douro, a morar em Paris, conheceram-se num circo por intermédio de amigos. Foi amor à primeira vista, até porque Manuel nunca tinha tido nenhum namoro.

Tal como todas as histórias de amor, nem todo o seu caminho foi fácil. Sendo ela “os olhos dele” e querendo ir embora com o Manuel para França, até porque na altura Manuel ia “a salto”, viu-se obrigada a marcar

casamento, porque o seu pai só a deixava sair de casa quando estivesse casada.

Precisava da autorização dele, por ainda ser menor de idade, e foi com a afirmação “Decide lá!”, saída da boca do pai que, “a Joaquina saiu pela casa fora, apanhou um taxi” e foi tratar de todas as questões burocráticas para o grande dia.

Por outro lado, a sua mãe, por “enchimentos de cabeça”, como afirma Joaquina, estava reticente em que subisse ao altar com o Manuel, porque a gente da aldeia de onde ela era natural começou com os “você sabem lá se o rapaz já não é casado com outra?” Ou ainda “você não conhecem o rapaz!”.

Havia uma inquietação na cabeça dos pais de Joaquina: O porquê de ela não casar ‘cá’ (Portugal). O motivo - nunca revelado - era porque Manuel estava na tropa e não queria que o seu grande amor deixasse esse caminho e fosse considerado um desertor pela comunidade francesa. Já Manuel, estava a quebrar a tradição da terra - estava a ser o primeiro rapaz a casar com alguém de outra localidade, que não a dele.

Passado um ano, no dia 30 de Outubro de 1971, já com casamento marcado, o pai de Joaquina viajou até França juntamente com o pai de Manuel, para fazerem parte da união que perdura até aos dias de hoje. Depois deste pequeno grande caminho para saírem vitoriosos no amor, Joaquina, de sorriso no rosto afirma que Manuel “passou a ser o melhor genro, filho e tudo resto”.

Já Manuel, de brilho nos olhos, olha a esposa e afirma que foi buscar o carinho a Trás-os-Montes que não tinha na família dele. Depois de uma longa mas grande história de amor, Joaquina afirma que “o amor pode ser como a lotaria: pode correr bem ou pode correr mal, mas o que importa é nunca desistir!”.

Mia e Zé: A fuga à guerra e o casamento por procuração... com o pai no altar!

A “Casa dos Pereiras”. O nome de família, em azulejos, na porta de entrada, apresenta-nos – a nós e a todos os que venham por bem à casa de Mia e Zé – a este casal que já partilha 56 anos de vida em conjunto.

Abrem-nos a porta de sua casa e do seu álbum de memórias, literalmente. Pegam em fotografias, mas

não deixam de segurar a mão um do outro enquanto contam as mais diversas histórias... e os olhos brilham com esta viagem ao seu tempo.

Desta feita vamos até 1962. É dia de Nossa Senhora da Cabeça, em Penso, e ninguém pode faltar ao bailariço. José, com 18 anos, está no arraial quando chega Mia, de 17, natural de Prado. A troca de olhares flui. Zé diz que foi só simpatia, mas a verdade é que começaram logo a namorar!

Um ano de namoro depois, Zé teve que emigrar mas não se esqueceu do essencial: para ter a certeza que Mia era sua, deixou-a com anel de noivado no dedo. Foram mantendo o contacto por carta. “porque naquela altura não havia telefones para a gente se puder comunicar” e, sem entraves familiares, marcaram o casamento.

No dia 21 de Junho de 1964 subiram ao altar, para um casamento “muito diferente dos que se celebram nos dias de hoje”.

Quando Zé se defrontou com a opção entre cumprir o serviço militar no Ultramar ou ir para França, [a guerra estava a toda a ‘mecha’ em três frentes – Angola Guiné e Moçambique – e o 25 de Abril só aconteceria dez anos mais tarde], Zé optou por ir para França e foram obrigados a casar por procuração.

Assim, enquanto Zé passeava com o seu primo no Jardim Zoológico, em França, Mia subia ao altar – “com o vestido estilo princesa acima do joelho, que era o que se usava na altura” –, de braço dado com o sogro. No altar está à sua espera o pai. “Eu casei com o meu pai!”, diz Mia, reforçando a insólita situação a que o conflito colonial tinha votado o jovem casal.

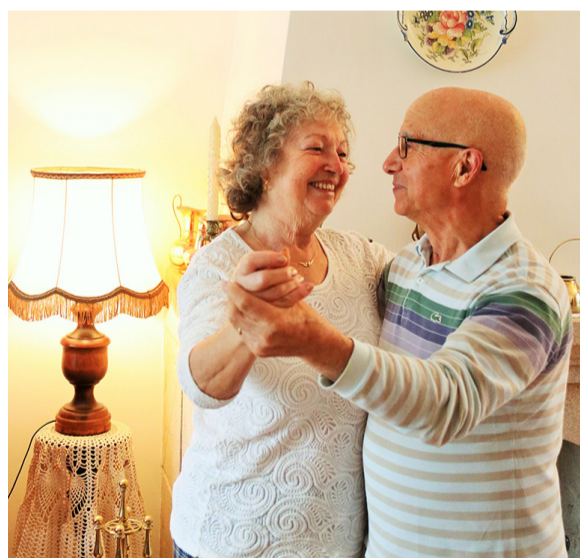
Afirma, de sorriso no rosto, “que o ramo foi bem entregue a Nossa Senhora”... E nós sabemos o porquê dessa afirmação!

Uma fotografia a preto e branco, datada de 18 de Junho de 1965, um ano depois do seu casamento, testemunha o momento em que Mia viaja até França ao encontro do seu marido. A partir daí nunca mais se largaram. Pensavam em não voltar a Portugal, mas passados quatro anos voltaram de férias.

Hoje, Mia e Zé consideram-se “tanto ou ainda mais apaixonados” do que quando se conheceram. E quem os conhece sabe que, não deixam margem para dúvidas. Nenhum vai sozinho para onde quer se seja: teatro, carnavais, ginástica, passeios, convívios...

Antes de sairmos, desafiamos Mia a dar um beijinho na careca de Zé, mas a vontade era outra: Deram beijinhos repenicados, vezes sem conta. E sorriram.

Fotos e recolha de histórias: Gabriel Lourenço



Os nossos profissionais dedicam muitas horas a Formações para proporcionar o que há de mais inovador na Medicina Dentária.



Tlf. +351251404002
808215415

Largo da feira - Melgaço

EstheticSmile
CLÍNICA MÉDICA & DENTÁRIA

PREZAMOS A SUA SEGURANÇA
E A SUA CONFIANÇA.

Por isso não hesite em usufruir dos nossos serviços.



Abençoada seja a Primavera da Vida

Helena Matos

*Está-se a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa e honesta;
Nas belas faces, e na boca e testa,
Cecéns, rosas, e cravos debuxando.*

*De sorte, vosso gesto matizando,
Natura quanto pode manifesta,
Que o monte, o campo, o rio, e a floresta,
Se estão de vós, Senhora, namorando.*

*Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fruto destas flores,
Perderão toda a graça os vossos olhos.*

*Porque pouco aproveita, linda Dama,
Que semeasse o Amor em vós amores,
Se vossa condição produz abrolhos.*

Luís Vaz de Camões

Que a Primavera nos traga muitos beijos e abraços carregados de amor!

Faz falta o toque de amizade e de cheiros que preencham espaços vazios de solidão.

Faz falta a troca de palavras entre amigos que se estimam e familiares que se complementam.

Faz falta correr atrás dos pombos e descansar nos bancos do jardim.

Faz falta entrar numa Igreja e venerar o Santíssimo Sacramento. Entoar cânticos juntamente com o coro da Igreja e participar na Santa Missa.

Faz falta sentir o pulsar da vida quando olhamos de frente o nosso semelhante sem distância.



Faz falta ouvir a gargalhada franca das crianças que correm no parque.

Faz falta dar largas às comemorações que tocam as romarias.

Que Março nos traga a bênção de São José Padroeiro da Família e dos Trabalhadores!

Celebrems com alegria o Dia do Pai a 19 de Março homenageando a nossa Família.

Procuremos de uma forma simples mas altruísta dar um pouquinho de nós a quem nos rodeia levando uma mensagem de solidariedade nesta quadra quaresmal.

Ao orar aos pés da Virgem Santíssima com seu Filho no regaço agradeçamos o amor de nossos Pais e o carinho de nossos avós.

Neste Ano de São José aprendamos a ser pacientes e a confiar na protecção divina.

Com a chegada da Primavera semeemos em nossos jardins interiores canções de açucenas.

Olhando o Céu talvez vislumbremos no bico de alguma andorinha um lírio branco que perfume o silêncio da vida!...

Cravina, flores comestíveis

Teresa Tábuas

A Cravina também conhecida como *Dianthus chinensis*, é uma pequena planta florífera natural da Ásia, caracteriza-se graças à presença de lindas flores formadas por várias pétalas longas.

Geralmente possuem cores variadas e de diferentes tonalidades no centro e na borda.

É cultivada em todo o mundo pela beleza, graciosidade e colorido de suas flores com pétalas franjadas, extremamente ornamentais.

Esta planta gosta de luz solar, mas não pode ficar em ambientes abafados, dando-se bem à sombra onde as flores possuem mais longevidade. A cravina atrai pássaros, abelhas e borboletas, pois possui um aroma e seiva agradável. Apesar de não sobreviverem a ambientes quentes, a cravina desenvolve-se melhor no verão.

– Os principais predadores da cravina são as lesmas e caracóis.

A cravina é uma planta fácil de cuidar e pode ser cultivada em jardins, vasos e jardineiras. As suas flores, além de serem muito bonitas, são geralmente perfumadas, e podem ser usadas como flores de corte.

As flores de algumas plantas, além de possuírem valor ornamental, apresentam características que as tornam verdadeiras iguarias para uso na culinária, sendo

utilizadas tanto para enfeitar pratos como para ter seu sabor apreciado. Em geral, as flores comestíveis servem como um complemento para tornar os pratos mais refinados e podem ser utilizadas em combinação com outros alimentos na confecção e arranjo do prato. As flores comestíveis em especial as suas pétalas, apresentam um valor nutricional significativo com teores de proteína e fibra relevantes para uma boa dieta. As pétalas possuem baixo teor de lipídeos e baixo valor calórico, podendo ser consumidas por pessoas que necessitam de dietas especiais. Além disso, as pétalas possuem altos teores de minerais importantes para a saúde. As flores comestíveis são matérias-primas viáveis para alimentação humana e podem ser consumidas acompanhadas com outros alimentos e ainda podendo ser utilizadas como ingredientes.

A flor da cravina é comestível! O seu sabor lembra especiarias, um azedo como o trevo-da-sorte. Algumas variedades perfumadas, podem ser usadas para decoração e até adicionadas em bolos. Também ficam lindas em saladas e para decorar sopas, risotos e qualquer prato a que se queira dar um toque especial.

Planta perene que gosta de solos bem drenados. Tolerância à poluição atmosférica e a exposição solar e ma-

rítima. De aroma suave e doce, tradicionalmente é utilizada como calmante e para tratar doenças coronárias. Considera-se que a flor tenha propriedades antiespasmódica, sudorífera e capacidade de aumentar a força de contração dos músculos cardíacos. Na China é utilizada como vermífuga, para expulsar os vermes intestinais.

Não posso terminar este texto sem deixar extravasar uma memória do meu querido pai que adorava esta planta para colocar na sua orelha e usufruir do seu agradável odor.



GAZETILHA

Álvaro Carvalho

Ao assistir aos noticiários que proliferam nos canais televisivos apetece desligar o televisor e ficar somente a ouvir alguns programas de rádio que, pelo menos, não ofendem o sentido da visão!...

Faltam profissionais, no verdadeiro sentido da palavra, com qualidade capazes de transmitir a verdadeira mensagem jornalística. Ainda há, felizmente, comunicadores da velha-guarda que não deixam seus créditos por mão alheia!... Mas são tão poucos!...

A notícia não pode ser despejada e muito menos “vomitada”!...

Volto atrás no tempo e sinto saudades do bulício da redacção onde tudo se passava!...

Como era bom sentir o frenesim das máquinas de escrever!...

Que saudades do clique da máquina fotográfica!...

A azáfama da criação das maquetes de revistas e jornais!...

A paginação tem seus momentos únicos!...

O som do telefone...do telex...do telefax!...

Em Lisboa já não há ardinhas a cruzarem-se com os “almeidas”.

Há quiosques que ainda guardam resquícios de eras inolvidáveis!...

Entrei no escritório e manuseei os vários utensílios que me acompanhavam em serviço de reportagem!...

O gravador e a máquina fotográfica estavam sempre em primeira linha.

As “coisas” só têm o valor que nós lhe damos.

São Francisco de Sales, patrono dos jornalistas e comunicadores dizia que “o amor é a perfeição do espírito e a caridade é a perfeição do amor”.

O Amor é a essência da vida. E sem amor tudo se esvai!...

Somos grandes quando o nosso exemplo nos suporta e quando a simplicidade e amabilidade conduz a nossa existência.

Amar e ser amado é uma bênção que irradia felicidade e nos torna mais sensíveis e humanos.

O confinamento torna as pessoas mais vulneráveis e mais entregues a si próprias.

Os meios de comunicação têm mais que uma tarefa a cumprir quando se tornam uma “companhia privilegiada” no quotidiano de todos nós.

Temos que ser exigentes e aumentar a fasquia da qualidade de excelência.

A verdade não pode ser escamoteada a bel-prazer de quem quer que seja. Como diz o povo:

“cada macaco no seu galho”!...

Do “Vale do Lima” XXVII

P. M. Domingues

Tempos houve, que pertencem à minha memória, em que a vida era o que hoje é difícil de imaginar. Estou a pensar nos transportes à cabeça, sobretudo das mulheres, e dos feitos por almocreves. Poderia ainda lembrar os carretos em carros de bois/vacas, alguns num perfeito equilíbrio de arte e alto risco. Estou a ver aquela pobre mulher, franzina e mal comida, cuja cabeça quase se encolhia sob o peso do cesto cheio de louça vidrada, calcorreando caminhos de sobe e desce, regos de água quando chovia e piso irregular todo o ano! Mesmo com a louça vendida de porta em porta, o peso não mingava no regresso porque a receita apurada tinha sido feita em milho, feijões ou batatas e até mesmo em fruta. Estou a ver as sardinheiras que vinham da Valinha, de canastra a pingar salitre, ó Maria, que vai hoje! Nos almocreves, era a mula a besta de carga e esta podiam ser os três ou quatro odres, talvez cinco, com o vinho da ribeira para as aldeias onde as uvas não maturavam; podiam ser os materiais de construção, desde a areia, o cimento e o tijolo até às compridas e pesadas vigas que exigiam um enorme esforço de equilíbrio tanto do animal como do almocreve, sobretudo no descer e no subir dos caminhos mais apertados! Ainda vejo em muitas casas, compridas padieiras arrancadas a guilhos e marreta das moles graníticas dos montes bravos; traves enormes de carvalho postas em obra com *serra de Leiria*, tudo transportado em frágeis carros de bois ou vacas que ali pareciam minúsculos sob a enormidade

da carga alevantada por altos cepos, ditos “malhais”, encaixados nos estadulhos em habilidosa e justa medida que facilitasse a tração e diminuísse o risco para os animais e para o homem da sogá. Pena que a maioria dos velhos caminhos tenham cedido a vez a estradas ou desaparecido amortalhados de vegetação, senão seriam autênticas vias-sacras de romagem à memória de gerações de homens e mulheres esforçadas que construíram uma etapa da história e cujo preito aqui deposito em pobre coroa de palavras mal entrançadas.

Numa espécie de parêntesis comovido, aqui deixo uma homenagem à minha mãe, mulher dos tempos duros numa aldeia que, vista daqui, já é uma aldeia remota. De frágil estrutura física, ainda a vejo forte e corajosa à frente do carro de vacas descendo os difíceis caminhos que vinham das coutadas e das brandas, carreando mato, feno, lenha e tudo o que no eido era o remedeio numa vida muito sofrida mas feliz. E feliz era ela, até porque cantava muito bem, embalando os filhos e sobretudo na igreja.

“...Descansar do trabalho e congregarmo-nos em louvor e acção de graças, serve para gerar memória. Lembramos quem fomos e quem somos. Recordamos o que Deus fez por nós: o Senhor libertou-nos da escravidão. Recordamos a nossa identidade mais profunda: somos o povo de Deus...a liturgia cria e dá forma à nossa memória que, por sua vez, forma os nossos compromissos básicos, as nossas acções e aquilo que acreditamos.” Citei *Seán O'Malley*.

Um mundo que não se abre ao sol morre. Vida humana fechada em si mesma de forma egoísta e materialista, consumista e hedonista, que não se abra aos valores, estiola. “Aspirai às coisas do alto”.

Nota 1: Soube, por um cartão de Natal, vindo de Orense, que estas “memórias” eram lá apreciadas. Pois, obrigado ao amigo “Zèquinha” que despoletou em mim lindas memórias. Para “Os Amigos de S. Gregório” e para “Os Amigos da Família Magalhães” daqui envio sentidas saudades pela amizade em que me envolveram também.

Nota 2: Do bom amigo Cónego Doutor José Marques, recentemente falecido, guardo memórias que me prendem a ele em momentos bonitos da minha vida: a vida no Seminário de Braga; a minha ordenação presbiteral; o quarto dele no Seminário, onde guardei a pequena mala que levei a quando da minha mobilização para Angola e assim pude sair de casa mais discretamente sem despedidas; confidências em encontros; as celebrações em S. Paio (o padre Esteves encarregava-se de prevenir) no aniversário do tio padre Marques; a pequena colaboração que prestei quando precisou de identificar topónimos nos documentos medievais; os telefonemas a perguntar e a dizer como ia a saúde, o último pouco antes do falecimento, lamentando que tinha suspenso a fisioterapia e não podia celebrar, etc. Tudo passa, o amor nunca acaba. Foi bom conhecer e conviver com o amigo Zé Marques!

Excertos de uma carta enviada de França

Assinada pela senhora Maria de Fátima Oliveira, com data de Fevereiro, recebemos uma carta manifestando profundo pesar pela morte do Cónego José Marques, que conheceu quando ele, ainda novo, vinha de Braga na Páscoa para ajudar na visita pascal de São Paio, onde o tio sacerdote, com o mesmo nome, era pároco. Era um tempo em que havia pobreza, mas havia humanidade e verdadeiro espírito familiar.

Lamenta também a morte do Guilherme Ferreira, filho único de Ana Costa e Manuel Ferreira, que ainda era tão jovem. Pede que os pais tenham força para lidar com esta perda e para poderem também ajudar a

cuidar dos netos.

Dá ainda um conselho para lutar contra o vírus: ferver folhas de eucalipto e deixar que o vapor se espalhe pela casa, e fazer um chá de hortelã ou cidreira, com uma roda de limão e uma colher de mel, e tomar bem quente ao deitar. Não faz mal. Só faz bem à saúde.

Diz ainda que somos todos culpáveis do que está a acontecer, porque deixamos que seja o egoísmo a comandar as nossas vidas.

Nas grandes cidades é onde o vírus mais se espalha. E pagamos também a factura da contaminação dos solos e das águas, que depois bebemos.

Em França, o vírus tem feito muitos estragos e causado muitas mortes. Quando foi do primeiro confinamento, com muitas pessoas a viverem em apartamentos muito pequenos, estas sofriam mais que as outras, pois nem balcões tinham para sair à janela e arejar. E viam-se muitos ratos pelas ruas. E quem queria dar uma caminhada tropeçava com facilidade em lenços sujos deitados fora, luvas, máscaras usadas, etc. E se fora pouco, ainda acresce que se vê com facilidade uma grande quantidade de ratos nos parques e jardins. Assim, é muito difícil lutar contra a propagação do vírus.

Flashes do Ciclo

Ninguém está acima da lei

Arménio Melo

Constantemente, se ouve dizer, que ninguém, está acima da lei, porém não é bem assim. Com efeito, não só há, quem está acima da Lei, como também, se verifica que há uma Justiça, para ricos e outra, para pobres. De facto, há tempos, foi anunciado, que um sindicalista, havia sido vigiado, sobre suspeitas, que desconheço. Só sei, que se formou um chorrilho de protestos, consubstanciando que, os sindicalistas, não podiam ser, submetidos a essas situações. Recentemente, porque dois jornalistas, estavam a ser vigiados, originou um clamor de protestos, com vários ataques, à Procuradora, que ordenou essa vigia. Este caso é curioso, visto que, está ligado, às fugas de informação, dos Processos, em Segredo de Justiça, facto que, levou a Procuradora em questão, a tomar as medidas necessárias, para combater, essa anomalia criminosa. Assim, a Procuradora, sabendo, que as fontes de informação, eram obviamente, fornecidas, por funcionários seus, segundo dizem, encarregou a polícia de seguir os jornalistas, para verem com quais funcionários, se encontravam. Era uma boa medida para o efeito. Porém, os criminosos, estudam todos os meios, mais fáceis, para o efeito, mas os investigadores, têm limites, nos meios necessários, na investigação. Depois, com os julgamentos, é nítida a diferença, entre os pobres e os ricos, ou seja, onde há tostões e onde há milhões. Com efeito, a justiça Portu-

guesa com os governos socialistas, caiu na lama. Com a entrada do Governo PSD/CDS, Procuradora Geral, a Procuradora Marques Vidal que, com a sua vontade, competência e independência, conseguiu colocar a Justiça, no lugar em que necessitava estar, como aliás, foi reconhecido, pela maioria do povo português, só não foi bom para o governo socialista e, por arrastamento o Presidente da República, que trataram de a substituir, por uma Procuradora, da sua confiança, sendo de crer que, o factor Tancos, pesou nesta substituição. Efectivamente, a forma vergonhosa, como a Polícia Militar, sem razão, lidou com o Ministério Público, querendo assumir a investigação, recebendo a firmeza, da então Procuradora Geral, não cedendo. Pois era ao Ministério Público, que a Lei impunha, visto este crime, não poder ser considerado “Crime Meramente Militar, ou seja, que só podem ser cometidos por militares e este, era expectável, ter civis, como aliás se veio a provar isso. Perante a Lei, o que a PM, tinha a fazer, era comunicar ao MP, embora, investigasse também o caso mas sempre colaborador com o MP. Foi isso que eu aprendi, quando fui elemento da PM. Aliás, o PR e o Primeiro Ministro, já beneficiaram, com esta Procuradora. Com efeito, o Juiz de instrução, do processo do caso de Tancos, na parte que se refere, ao aparecimento, do material roubado, encontrou dados, que lhe permitiam considerar

que, o Presidente da República e o primeiro Ministro, estavam envolvidos, solicitando o pedido, obviamente circunstanciado, para ouvir Marcelo e Costa. Porém, a procuradora Geral, não deu seguimento, ao solicitado, alegando respeito, pelos cargos, que os visados desempenhavam. Assim, este argumento da Procuradora, mostra que concorda com o conteúdo da solicitação, mas respeita, o lugar que ocupam. Todavia, o então comandante da PM, encontra-se acusado e apresentou, como sua testemunha, o Presidente da República e o também então ministro da defesa, apresentou o primeiro ministro. Como a Lei o permite, já responderam por escrito. Mas, responder por escrito, é muito mais fácil que estar presente, consequentemente diferente, visto estarem livres de serem confrontados com provas provadas, contrárias ao que dizem por escrito. Para terminar e, para mostrar, como vai a Justiça, lembro o caso “MARQUÊS”, nomeadamente a forma como o Célebre, pela negativa, do Juiz Ivo Rosa que tem o processo há mais de 3 anos, vai para um ano, que deu a averiguação por terminada e, a partir daí tinha dez dias para dar o despacho, no fim de Janeiro, disse que anunciaria o despacho e agora, disse, que não quer notificar, quer falar com os acusados pessoalmente, mudando assim, a comunicação, para o fim da Pandemia, ou seja, sem dia. Se isto não é brincar com a Justiça, não percebo.

Eleições na Catalunha: um “rap” de indefinição

Costa Guimarães



Há duas semanas que se realizam manifestações em defesa do rapper Pablo Hasél em Barcelona, com registo de confrontos, embora não na mesma escala de manifestações anteriores, após umas eleições que deixaram o panorama político-partidário dividido como estava..

Com gritos de “Liberdade Pablo Hasél”, várias centenas de pessoas reúnem-se em frente à estação ferroviária de Sants, fortemente vigiada pela tropa de choque da polícia da Catalunha. Depois, os manifestantes marcharam em direção ao centro da capital catalã.

Em frente ao quartel-general da Polícia Nacional na Via Laietana, grupos com os rostos cobertos atira garrafas e outros objetos contra os polícias que vigiam o prédio.

Noutras partes do centro de Barcelona, como nas Ramblas, alguns grupos montaram barricadas com materiais urbanos e atiram objectos contra a polícia. Após a confusão dos resultados eleitorais, a prisão do cantor aumentou os distúrbios da cidade capital da região que luta pela independência e estenderam-se nos últimos dias a outros locais, como Madrid.

Recorde-se que o Rap (em inglês, também conhecido como rapped) é um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX entre as comunidades Afro-descendentes nos Estados Unidos.

E Porquê? Hasél, de 32 anos e com antecedentes criminais, foi condenado a nove meses de prisão por afirmações em que insultava a monarquia e a polícia e elogiava pessoas envolvidas em crimes de terrorismo.

A prisão do rapper reacendeu o debate sobre a liberdade de expressão na Espanha e aprofundou as diferenças dentro da coligação governamental, entre os socialistas, do presidente Pedro Sánchez, e o partido Podemos (esquerda radical), que tem defendido os protestos.

Nas mensagens, o rapper atacou a monarquia e chamou, por exemplo, o antigo rei da Espanha Juan Carlos, que se mudou para Abu Dhabi depois de acusações de corrupção, de “ladro” nas letras de algumas canções. Hasél rotulou como “mercenários de merda” as forças policiais, acusando-as de torturar e assassinar manifestantes e imigrantes.

Em 2014, o rapper já tinha sido condenado a dois anos de prisão por glorificar o terrorismo em canções que clamavam pela morte da família real ou elogiar grupos extremistas responsáveis por atentados violentos. Na ocasião, a prisão não foi executada porque Hasél não tinha antecedentes e porque a pena não ultrapassava dois anos.

INDEPENDENTISTAS APELAMA SANCHEZ

No final do discurso na noite eleitoral catalã, Pere Aragonés, candidato do partido pró-independência Esquerda Republicana da Catalunha (ERC), deixou uma mensagem a Pedro Sánchez e, por extensão, ao Estado espanhol: “É hora de nos sentarmos e vermos como vamos resolver isto [a questão da autodeterminação da Catalunha], votando num referendo”.

A primeira dupla maioria absoluta (de votos e de mandatos) de partidos pró-independência na legislatura da região autonómica da Catalunha trouxe a questão da autodeterminação catalã de novo ao centro do debate político.

O apelo à negociação de Pere Aragonés evoca um exemplo bastante rico e consequente de uma semelhante pretensão separatista já com mais de duas décadas: a questão do Québec.

Para a maior parte dos analistas àquela data, a resposta seria clara: em regra, a secessão e um eventual direito à secessão são questões extra-constitucionais, isto é, existem fora da legalidade constitucional e não deviam ser constitucionalmente contempladas.

As poucas exceções encontram-se em ordens constitucionais como a da Etiópia, Jugoslávia e União Soviética (que continham cláusulas expressas sobre o direito à secessão) e dos Estados Unidos da América (em que uma decisão do Supremo Tribunal considerou a secessão como proibida pela Constituição).

No domínio do Direito Internacional, a opinião prevaiente era (e ainda em parte é) a de que a secessão unilateral, fora do contexto específico da descolonização, era essencialmente uma questão de facto, não regulada diretamente pelo Direito Internacional.

O Parecer Consultivo do Tribunal Internacional de Justiça em relação ao Kosovo (2010) é um excelente exemplo destas manobras evasivas do Direito Internacional em relação à questão da secessão, uma vez que o Tribunal concluiu que as declarações de independência unilaterais não são, formalmente, incompatíveis com o Direito Internacional, mas nada disse sobre o direito (substantivo) à secessão. A secessão era, assim, uma espécie de terra de ninguém.

QUATRO MAS...

A primeira maioria absoluta de votos em partidos independentistas no parlamento catalão está a ser proclamada como um mandato claro para a independência da Catalunha. Mas não é bem assim. Em primeiro lugar, este resultado refere-se a eleições para a constituição do parlamento catalão e não sobre a questão específica da independência. Em segundo lugar, esta maioria é composta por uma coligação de partidos diferentes (o ERC, o Juntos pela Catalunha e a Candidatura de Unidade Popular), o que fragmenta leituras sobre a intencionalidade do voto pró-independência.

Outra leitura mais fina dos resultados mostra também um crescimento claro (e vitória) do Partido Socialista da Catalunha (constitucionalista) e um decréscimo da expressão relativa do ERC.

Em quarto lugar, este acto eleitoral ficou marcado por um aumento forte da abstenção (cerca de 20%) e dificilmente abona a uma leitura que queira extrair destes resultados uma “expressão clara por uma maioria clara” em relação à questão independentista.

Ainda que fosse possível fazer essa leitura, a consequência defendida pelo Supremo Tribunal canadiano e a que apelam os partidos independentistas catalães é a do início de negociações sobre a questão.

Outras soluções podem e devem ser contempladas, tais como novos acordos de autonomia e de arranjo e partilha de poderes constitucionais entre o Estado espanhol e a Comunidade Autónoma da Catalunha.

Se os partidos pró-independência (assumindo que conseguirão nos próximos dias formar um governo de coligação) entrarem num processo negocial com o Estado espanhol com o intuito de aceitar como única solução um referendo à independência e recusando contemplar quaisquer outras alternativas, não parece ser uma negociação “substancial” em relação à questão da independência e entra no domínio da unilateralidade, juridicamente difícil de enquadrar.

A Alemanha disse adeus a Merkel

Seis minutos de calorosos aplausos

Os alemães escolheram-na para liderá-los, e ela liderou 80 milhões de alemães por 18 anos com competência, habilidade, dedicação e sinceridade.

Durante esses dezoito anos de liderança da autoridade no seu país, não houve transgressões contra ela. Não designou uma secretária para nenhum de seus parentes. Não afirmou ser a criadora da glória. Ela não lutou contra aqueles que a precederam. Quando falava não dizia asneiras. Não apareceu nos becos de Berlim para ser fotografada. Ela é a mulher que foi apelidada de “A Senhora do Mundo” e foi descrita como o equivalente a seis milhões de homens.

Há poucos dias Merkel deixou a posição de liderança do partido e entregou-a aos que a seguiram, e a Alemanha e seu povo alemão estão em melhor forma do que estavam quando ela chegou. A reação dos alemães foi

sem precedentes em toda a sua história. Toda a gente nas cidades saiu para as portas das casas e aplaudiu calorosa e espontaneamente por 6 minutos contínuos.

Ao contrário da nossa realidade populista, não houve elogio, hipocrisia, representação ou exagero.

A Alemanha permaneceu como um só corpo despedindo-se da líder da Alemanha, uma física química que não se deixou seduzir pela moda ou pelas luzes e não comprou imóveis, carros, iates ou aviões particulares, sabendo que era da ex-Alemanha Oriental.

Ela abandonou o seu posto depois de deixar a Alemanha na liderança. Dezoito anos e não trocou de roupa.

Numa conferência de imprensa um jornalista perguntou a Merkel:

– Reparo que o seu vestido é repetido, a senhora não tem outro?

Ela respondeu:

– Sou funcionária do governo e não modelo.

Noutra conferência de imprensa perguntaram-lhe:

– A senhora tem empregadas domésticas que fazem a limpeza da casa, preparam as refeições, etc.?

A sua resposta foi:

– Não, não tenho trabalhadores e não preciso deles. O meu marido e eu fazemos esse trabalho em casa todos os dias.

A Sra. Merkel mora num apartamento normal como qualquer outro cidadão. Este apartamento é aquele na qual ela vive desde antes de ser eleita Primeira-Ministra da Alemanha e não o deixou, e ela não possui uma mansão com empregados, piscinas e jardins. Esta é Merkel, a primeira-ministra da Alemanha, a maior economia da Europa!

Itália: Draghi primeiro com todos

Costa Guimarães

Existe na gastronomia Portuguesa o cozido com todos. Em Itália, agora existe um Governo com todos, liderado por Mário Draghi ou o Super Mário, um jogo da Nintendo que os jovens admiram.

Com o apoio de quase todos os partidos, o ex-presidente do Banco Central Europeu assume a liderança do novo Executivo italiano, em substituição de Giuseppe Conte. Trata-se de um governo de unidade nacional para combater as crises de saúde pública e revitalizar a economia

O primeiro-ministro da Itália, Mario Draghi, tomou posse no passado dia 18 de Fevereiro, após ter sido aprovado na Câmara dos Deputados, e já se concentra na gestão da pandemia do coronavírus e projecta reformas para impulsionar o fraco crescimento do país.

Draghi teve 535 votos a favor, menos que os 556 recebidos por Mario Monti em 2011, enquanto 56 votaram contra, quase todos eles do Irmãos de Itália. Houve cinco abstenções.

O governo tem o apoio quase unânime do Parlamento, com excepção do Irmãos de Itália, de extrema direita.

Draghi, no discurso ao Senado, defendeu o europeísmo e as reformas.

O ex-governador do Banco Europeu apontou a corrupção como um flagelo que castiga a economia e prometeu que combatê-la será uma de suas missões.

“Um país capaz de atrair investidores, incluindo os internacionais, deve se defender contra a corrupção. Ela representa um perigo de interferência criminosa, também da máfia, e um factor de desestímulo no tecido

económico devido aos efeitos depressivos sobre a competitividade e a livre concorrência”, destacou.

Mostrou-se a favor do apoio às pequenas e médias empresas no seu processo de recuperação após a crise provocada pelo coronavírus e destacou que será essencial favorecer a “internacionalização” dessas companhias para fortalecer sua competitividade no mercado global.

Draghi escolheu a primeira mulher para presidente do Tribunal Constitucional italiano em dezembro de 2019, Marta Cartabia, como ministra da Justiça, e sua principal tarefa será impulsionar uma reforma que acelere os tempos dos processos judiciais, para alinhá-los aos de outros países da União Europeia.

“Acções inovadoras terão que ser feitas para melhorar a eficiência da justiça civil e penal, como um serviço público fundamental que respeita todas as garantias e princípios constitucionais e, ao mesmo tempo, um julgamento justo e um processo de duração razoável, em linha com outros países europeus”, declarou a ministra.

O governo de Draghi quer trabalhar uma reforma da Administração Pública, para aumentar a transparência e simplificação.

O vice-presidente e chefe de Comércio da Comissão Europeia, Valdis Dombrovskis, salientou que Draghi ajudará a Itália a recuperar da crise económica decorrente da pandemia e a implementar as reformas e investimentos necessários.

Disse estar “absolutamente convencido de que o novo governo terá sucesso brilhante na execução das medidas e passos necessários” para elaborar o plano de



reforma e os objetivos com os quais a Itália pode receber, “o mais rápido possível”, os 209 bilhões de euros do Fundo de Recuperação da UE.

O líder do Forza Italia, Silvio Berlusconi, comentou que Draghi tem uma boa equipa de ministros e espera aprovar em pouco tempo as medidas que o país precisa, já que tem o apoio de quase todo o Parlamento.

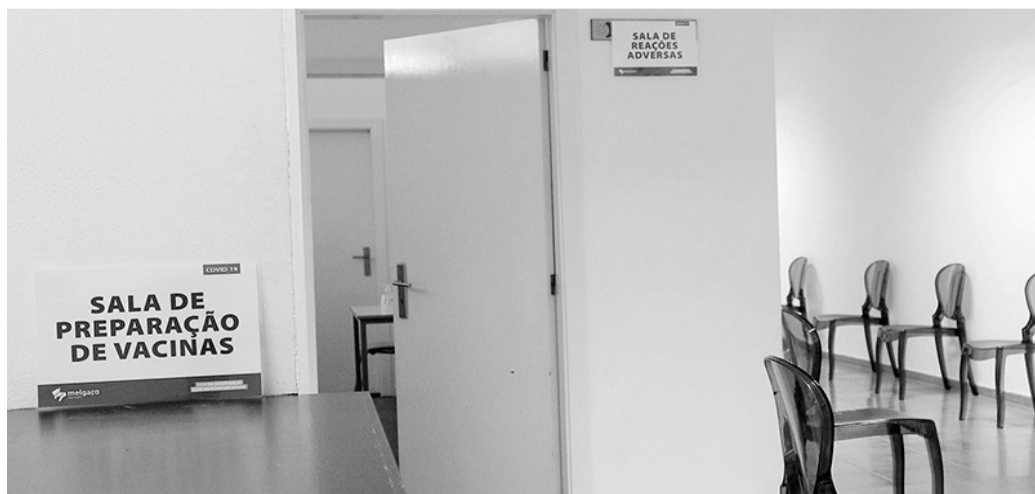
Quem não o apoia são os Irmãos de Itália. A líder da coligação, Giorgia Meloni, afirmou que a formação fará o que tem que fazer para defender o futuro da Itália, citando um jogo de palavras com o famoso “O que for preciso” com o qual Draghi salvou o euro em 2012.

“Faremos o que tivermos que fazer. Vocês não terão nosso voto de confiança, mas terão o nosso apoio para qualquer decisão que acharmos correta, porque somos, antes de tudo, patriotas”, avisou.

Covid-19/Melgaço: 1603 pessoas já foram identificadas para a primeira fase de vacinação

Centro Municipal de Vacinação recebeu casos prioritários nos dias 25 e 26 de Fevereiro

João Martinho



Nos dias 25 e 26 de Fevereiro, o Centro Municipal de Vacinação, instalado no Pavilhão do Centro de Estágios de Melgaço, recebeu mais de quatro centenas de munícipes identificados enquanto prioritários para a vacinação contra o novo coronavírus SARS-CoV-2.

Nesta primeira fase estão a ser vacinadas pessoas com 80 ou mais anos e as que tenham entre os 50 e os 65 anos que sejam portadoras de doenças relacionadas com insuficiência cardíaca e doença coronária, insuficiência renal crónica e doença pulmonar crónica.

No dia 25 de Fevereiro, a prioridade foram as pessoas mais idosas, com a administração de 330 vacinas

às pessoas com 80 ou mais anos.

“Se por algum motivo, alguma pessoa com mais de 90 anos não foi notificada, deverá entrar em contacto com Centro de Saúde, através do 251 400 330”, alertava o município nas redes sociais, na véspera da acção de vacinação.

No dia 26 de Fevereiro, foram inoculadas com a primeira dose da vacina as pessoas entre os 50 e os 65 anos, diagnosticadas com as doenças referidas acima. Neste grupo, de acordo com a Autoridade de Saúde, foram já convocadas todas as pessoas referenciadas no concelho.

“No total, foram identificadas no nosso concelho 1603 pessoas para esta fase de vacinação: 1280 com 80 anos ou mais e 323 portadoras das patologias identificadas”, avançou o município na mesma publicação online.

O processo de vacinação vai continuar de acordo com a disponibilidade de vacinas. A Autoridade de Saúde vai continuar a contactar a população, sendo que a prioridade neste momento são as pessoas com idades entre os 80 e 89 anos. O agendamento será totalmente conduzido pela ULSAM - Unidade Local de Saúde do Alto Minho EPE.

Para que conste!

José Manuel Fernandes publicou um Podcast no Observador, com cujo título não posso estar mais de acordo... “O problema não são os fachistas, são as avestruzes”!

As pessoas simulam que são dotadas de inteligência e coerência, quando, na verdade, são apenas carneirinhos.

É fácil, viver num apartamentozeco, ir e voltar do trabalho imerso na multidão e na poluição de uma qualquer cidade ou arrabalde destas, passar uns dias de férias no algarve, ir ao cinema, navegar na internet, regalar-se com a Netflix e vangloriar-se de que se é a favor de tudo e mais alguma coisa, seja dos animaizinhos, ambiente, ciganos, minorias, direito das mulheres, democracia, liberdade de opinião, etc...

O raio é que falta coerência e consistência.

De que adianta pintar os lábios de vermelho em suposta defesa das mulheres, da sua liberdade e da sua honra SE, depois, se diz ser também defensor da etnia cigana e das suas tradições?

Fica fácil e parece bem sermos a favor da etnia cigana. MAS... e é sempre o dito “mas” que lixa tudo... Alguém sabe, mas sabe sabendo, não julgando que sabe... como são tratadas as mulheres e o papel das mesmas dentro da etnia cigana?

Quantas meninas ciganas chegam a terminar o 9º ano?

Quantas meninas ciganas completam o 17º aniversário sem estarem ainda “casadas”?

Quantas meninas ciganas são mães antes da maioridade?

Quantas meninas ciganas têm e sentem igualdade de género dentro da etnia?

Quantas meninas ciganas podem escolher livremente o seu futuro ou até mesmo o seu futuro marido/dono?

Acaso sabem que as próprias famílias espancam e perseguem qualquer menina cigana que desobedeça à “lei” e tradição da etnia?

Acaso sabem que muitas meninas ciganas nem são autorizadas a participar em visitas de estudo ou em aulas de nataçao em contexto escolar?

Acaso, conseguem, da vossa rua cercada de prédios, ver o estado em que vivem, sobrevivem e se reproduzem os ciganos?

Pois. Se calhar, não sabem, mas eu sei as respostas.

Sei, porque conheço e lido com ciganos desde a infância.

Sei, porque já estive presente em interrogatórios judiciais e julgamentos com ciganos que haviam roubado, agredido, matado... ali, olhos nos olhos... a ouvir os factos e a confissão ou desculpa dos mesmos.

Sei, porque a minha mulher e outras colegas têm tido diversos alunos ciganos, ao longo dos últimos 20 anos. Alunos que têm o máximo de privilégios do Estado e o máximo de atenção e carinho das professoras, mas cujos líderes do acampamento tiram da Escola, quando acham conveniente.

Experimentem a fazer um telheiro no vosso terraço

ou a colocar uma casa de madeira num qualquer terreno da vossa propriedade e irão perceber, rapidamente, o peso da fiscalização camarária e o custo da contra-ordenação que serão forçados a pagar.

Enquanto isto, podem verificar que existem autênticos bairros/acampamentos montados sobre terrenos alheios, por parte de ciganos, onde até os serviços de recolha de lixo vão instalar contentores.

Experimentem ir a um Hospital e a incumprir as regras, a agredir os seguranças ou o pessoal médico e vão ver o tempo que estarão sem algemas.

Os ciganos fazem e repetem... e, lá lhes arranjam um mediador, como fizeram no Hospital de Beja e outros, com a desculpa que eles não saberão/compreenderão que agredir quem está a cumprir funções para o Estado que lhes dá subsídios, é algo que não devem fazer.

Experimentem a ter uma horta, onde trabalham e vertem suor e esforço, na proximidade de onde viva uma comunidade cigana e irão ver o que conseguem colher da mesma.

Os fachistas, provavelmente, queriam exterminar os ciganos. Contudo, aqueles muitos, sobretudo no Alentejo, que votaram em André Ventura, não são fachistas, são apenas gente cansada e farta de gente que gosta de tudo e todos, mas vive longe dos problemas.

Os fachistas serão muito poucos, mas as avestruzes serão imensas.

Outro dos temas da moda é ser a favor da Constituição da República Portuguesa, da Liberdade e da Democracia.

E, realmente, todos deveríamos ser a favor disto.

MAS... lá está o dito, novamente... quantos já leram a Constituição? Quantos realmente a conhecem?

E assistir à crescente degradação e humilhação dos agentes da autoridade será ser a favor da Liberdade e da Democracia?

Ver, cada vez mais gente a trabalhar e a não conseguir pagar as suas contas, enquanto outros se regalam, sem nada fazer e a receber parte da riqueza que os primeiros produzem, é ser a favor da Liberdade e da Democracia?

Ver Polícias a ser agredidos, desrespeitados e perseguidos é ser a favor da Liberdade e da Democracia?

Quando alguém bate num Polícia e o Polícia também bate nesse alguém, a tal defesa da Liberdade e da Democracia é ir apenas tirar umas fotos com os que, de facto, bateram na Polícia? Ou seria, no mínimo, manter-se neutro até que se averiguasse o sucedido?

A Liberdade, a Democracia e a defesa da Constituição é querer e defender a Eutanásia, a despenalização das drogas, a liberalização de tudo e mais alguma coisa desde que seja do agrado da malta e atacar a cultura e as tradições das gentes do interior?

Então, em nome da Liberdade e da Democracia devo poder abortar, ser sujeito a eutanásia, casar com uma pessoa do mesmo sexo, consumir droga, não trabalhar e receber um subsídio e não posso gostar de touradas, ou ser Caçador?

Posso assistir a uma parada LGBT em horário nobre, nos noticiários, mas as touradas só podem ser trans-

mitidas a partir de determinada hora ou devem até ser proibidas na televisão?

As crianças devem ser educadas numa agenda radical de loucuras de género, transgénero, multigénero e género da puta que os pariu e não podem acompanhar os pais a uma tourada?

E, tudo isso, em nome da Liberdade(?) e da Democracia(?!?!?)?

Acreditam nisso? É coerente?

E o Ambiente? Então, a malta que corre a estudar ou trabalhar em Lisboa ou Porto e por ali se fixa, renegando muitas vezes as origens, e que contribui activamente para grande percentagem da poluição verificada no país é que são a favor do Ambiente???

E querem mandar palpites e fazer Leis para que os que vivem, de forma sustentada, longe dos grandes aglomerados urbanos, sejam forçados a cumprir?

Os cidadãos têm que respeitar quem é laico, mas os laicos não respeitam os que são crentes numa qualquer religião?

A malta acha fino ser vegan, mas isso não lhes basta?

Além de serem vegans acham que a Liberdade e a Democracia é querer forçar todos os outros a também o serem?

Surge este tal de Ventura e é um “Deus nos acuda” que vem aí o papão da extrema direita... e, então a extrema esquerda do BE e o radicalismo louco e insensato do PAN?

Esses não atentam contra a Liberdade e a Democracia?

Esses não são perigosos?

Ainda não perceberam que os “pais” do Ventura são o BE e o PAN?

Eu não me importo que haja vegans, laicos, gays, lésbicas, malta que fuma erva, gente que odeia touradas, gente que é anti-caça, que haja ciganos, pretos, amarelos, chineses ou esquimós, etc.

E, não me importo, porque sou, sinto-me e actuo REALMENTE com respeito pela Liberdade e pela Democracia e porque até conheço, exaustivamente, o teor da Constituição da República Portuguesa.

E, por ser e actuar assim, não permito, nem vou permitir que outros me queiram restringir nos meus direitos e liberdades e me queiram formatar e subjugar aos seus gostos e interesses pessoais.

As pessoas que votaram no André Ventura não são fachistas, são apenas gente farta e social e culturalmente oprimida pelos radicalismos de esquerda e dos amiguinhos dos animais.

A culpa do voto no Ventura é do PS e do PSD que embarcaram nesta coisa das modas, ao invés de manterem o rumo norteado pelo bom senso e pela coerência.

Tanto pisaram, tanto desrespeitam e menosprezaram o português comum, que as pessoas se começaram a revoltar.

Ainda há tempo para evitar males maiores, assim o PS e o PSD consigam ler os sinais e arrepiar caminho.

Caso contrário... a realidade vai encarregar-se de lhes abrir a pestana.

Regularização de armas

ARTIGO 2.º

Manifesto voluntário e detenção domiciliária provisória

1 - Os possuidores de armas de fogo não manifestadas ou registadas devem, no prazo de 120 dias a contar da entrada em vigor da presente lei, fazer a sua entrega voluntária em qualquer instalação da Polícia de Segurança Pública ou da Guarda Nacional Republicana, não havendo nesse caso lugar a procedimento criminal.

2 - As armas apresentadas ao abrigo da presente lei são consideradas perdidas a favor do Estado, para

todos os efeitos legais, salvo o disposto nos números seguintes.

3 - Os detentores de armas que se encontrem em infração ao disposto no n.º 3 do artigo 31.º, no n.º 2 do artigo 37.º, no n.º 1 do artigo 97.º e nos n.os 1 e 2 do artigo 99.º -A da Lei n.º 5/2006, de 23 de fevereiro, devem, no prazo de 120 dias após a entrada em vigor da presente lei, regularizar a situação ou proceder à entrega voluntária da arma a favor do Estado, não havendo nestes casos lugar a procedimento contraordenacional.

4 - Caso os possuidores das armas pretendam a sua legalização, podem, após exame e manifesto que con-

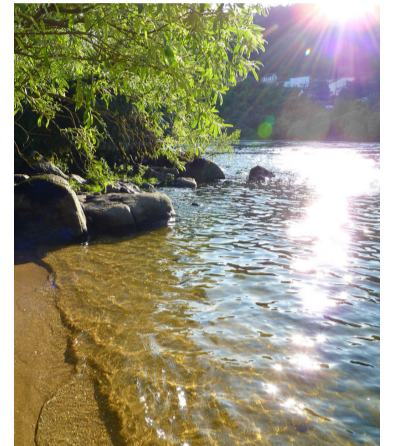
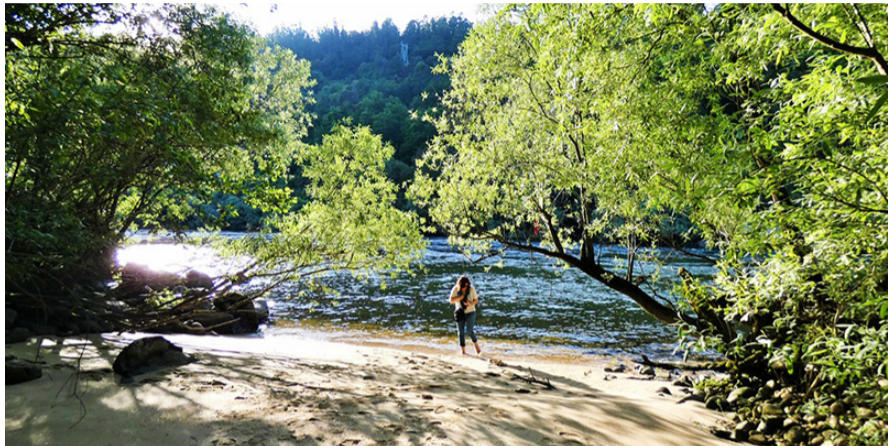
clua pela suscetibilidade de legalização, requerer que as armas fiquem na sua posse em regime de detenção domiciliária provisória pelo período máximo de 180 dias, devendo nesse prazo habilitarem -se com a necessária licença.

5 - O requerimento para a detenção domiciliária provisória deve ser instruído com certificado de registo criminal do requerente.

6 - Em caso de indeferimento ou decurso do prazo referido no n.º 4 sem que o apresentante mostre estar habilitado com a respetiva licença, as armas são consideradas perdidas a favor do Estado.

Cevide, onde começa Portugal, o imenso verde e uma praia de areia branca para as tardes de Verão

Ana C. Borges



Peguem num mapa e procurem a fronteira de Portugal com a Galiza. Percorram-na até à pontinha do lado direito, sempre acompanhando o rio Minho. Nesse local, o território português faz uma última incursão no país vizinho, na forma de uma língua de terra delimitada do lado direito pelo rio Trancoso.

A confluência deste rio com o Minho marca a fronteira entre Portugal e Espanha e é precisamente aqui, no ponto mais a Norte do nosso país, que encontramos a pequeníssima aldeia que representa o último reduto português por estas bandas: Cevide.

Se o mapa for daqueles tradicionais, em papel, escusam de ir buscar uma lupa porque não vão encontrar lá a indicação de Cevide, mas se estiverem no Google Maps e ampliarem um bocadinho irão conseguir localizar a aldeia. Não mais de uma dezena de casas, rodeadas por alguns terrenos cultivados e muitas, muitas árvores. Se estiverem mesmo atentos, talvez vos desperte o interesse uma outra legenda que aparece no Maps: Marco nº 1 de Portugal.

Falar em marcos fronteiriços quando há mais de vinte anos foram abolidas as fronteiras com Espanha – e por consequência com a maior parte dos países europeus – pode parecer um bocado chauvinista ou saudosista mas acreditem que, da minha parte, não poderia corresponder menos à verdade.

No entanto, é precisamente por isso, por causa deste esbatimento de limites e desta “harmonização” em curso no nosso continente (já para não falar na globalização) que se torna necessário preservar a memória da nossa identidade geográfica, cultural e humana. Afinal, é aquilo que faz de nós portugueses, além de europeus.

O meu cicerone em terras de Cevide, tal como já o fez com centenas de outras pessoas, chama-se Mário Monteiro e é um apaixonado pela sua terra natal. É ele quem, desde há vários anos, tem vindo a fazer um estóico esforço de divulgação da aldeia e da beleza do local, dando a conhecer a quem lá vai os segredos e as preciosidades escondidas do ponto mais setentrional do nosso país.

O Mário e a Lena, a mulher, são os donos da Quinta da Netinha, à qual pertence uma capela que (curiosamente) não está dentro do terreno da propriedade, mas sim umas dezenas de metros mais à frente, seguindo por um caminho cimentado coberto por latadas.

É dedicada a Santo António e sabe-se que data pelo menos do séc. XVIII, embora o ano que figura no exterior seja 1937, o ano em que foi reconstruída. O interior da capela prima pela simplicidade e é encantador, pese embora esteja a precisar de obras de restauro.

A parede onde se encontra o altar é toda em madeira, pintada de tons claros e com alguns ornamentos dourados. Uma das suas portas dá acesso à parte de trás do altar e a outra à sacristia. A ara maciça, em granito

claro, está mesmo encostada ao altar, o que não é muito comum nos dias de hoje mas se explica porque até 1969 as missas eram celebradas pelo Missal Romano e a posição mais comum do sacerdote na liturgia do Rito Romano era “de costas para o povo”.

Tempos houve em que aqui não faltava movimento. Como em todas as terras raianas, o contrabando era uma das principais fontes de rendimento do lugar e fazia-se nos dois sentidos, obviamente que com a connivência dos agentes da autoridade responsáveis pela vigilância da fronteira. Foi, por isso, entre memórias de infância e histórias de contrabandistas, contadas pelo Mário com aquela entoação melodiosa tão peculiar do sotaque galego, que encetámos o percurso pela Caneja do Contrabando – um caminho apertado entre muros de pedra e vegetação densa que passa por cima das nossas cabeças, onde o sol não entra e o odor espesso do húmus invade o ar.

Fará sentido calcorrear umas centenas de metros por atalhos para ir ver o marco fronteiriço nº 1? Ah, podem crer que faz! Primeiro porque isto é o Alto Minho, a terra do verde e passear por aqui já é só por si um prazer. Depois, porque a sensação é de estarmos num lugar especial que poucos conhecem e ainda é quase selvagem.

O marco nº 1 está colocado sobre uma fraga que se ergue uns quantos metros acima do Trancoso. Descemos até ao rio, que depois das chuvas dos últimos tempos vai cheio e ruidoso, e o Mário e a Lena surpreendem-se: a foz do Trancoso modificou-se ligeiramente, está mais estreita. As chuvas copiosas aumentaram o caudal do rio, que arrastou com ele pedras e areia, acumulando-as de um dos lados, e agora que o nível das águas baixou o caminho mais desobstruído que elas encontraram para desaguardem no rio Minho foi este, menos amplo, entre árvores que praticamente formam um túnel. Mas como a natureza sabe bem o que faz, no local onde a água já não passa nasceu agora uma encantadora praia de areia clara, absolutamente impoluta. Uma prainha intocada e rodeada de árvores, com água translúcida – bastante fria, mas onde me soube pela vida molhar os pés nessa tarde quente... – perfeita para os dias de Verão.

Uma ponte pênsil de madeira, rústica mas segura, leva-nos para terras de Espanha. Cevide passa a ser Acividido, mas as diferenças são poucas. Também aqui existe um marco com o nº 1, mas este tem um E em vez de um P e está acompanhado de um painel solar e uma caixa de distribuição que diz pertencer a um sistema de informação meteorológica. E também aqui existe uma praia, mas esta tem gente, três rapazes que aproveitam o final da tarde para se refrescarem. Desta praia subimos pelo que resta de uma estrada romana até às primeiras casas da aldeia galega onde o Mário cumprimenta um português que ali vive há cerca de 40 anos. Uma prova

mais de que a diáspora portuguesa nem sempre se faz para muito longe da mãe pátria.

O rio Trancoso nasce em Portelinha, perto de Castro Laboreiro, e no seu percurso de 13,6 km define maioritariamente a fronteira entre Portugal e Espanha nesta região minhota. Por ser uma zona pouco povoada e portanto ainda com muita qualidade ecológica, com boa conservação das ribeiras e suas margens e consequentemente das suas águas, existe um plano hidrológico conjunto de Portugal e Espanha para a classificar como Reserva Natural Fluvial Internacional.

Padrenda, o município espanhol, já se adiantou e reconheceu o potencial paisagístico do “rio Trancoso ou Barxas”, os dois nomes pelos quais se referem ao Trancoso, tendo criado na sua margem uma ecovia de meia dúzia de quilómetros com uma vedação de madeira, que acompanha o rio no seu percurso de ressaltos sucessivos sobre pedras já muito polidas pela água.

Uma outra ponte traz-nos de regresso a Portugal. Maior e mais sólida do que a primeira, assinala a rigor a linha incórcia que separa os dois países e termina, do nosso lado, junto à casa que abrigou em tempos a Guarda Fiscal – hoje propriedade privada.

O marco ainda lá está de pé, indicando que aquele foi em tempos o posto nº 451. Embutido na parede da casa, um nicho abriga uma imagem rústica de Santo António, esculpida em granito e devidamente protegida por um gradeamento. O nosso santo mais internacional parece ser bastante popular por estas bandas.

O caminho a que prosaicamente chamaram do Posto guia-nos de volta à aldeia e à Quinta da Netinha, onde a casa grande aguarda a oportunidade de ser transformada em alojamento de turismo rural.

Há projectos para colocar Cevide definitivamente no mapa como lugar obrigatório de visita, mas no nosso jardim à beira-mar plantado o boom do turismo ainda não chegou a este canto do Minho, tal como ainda não chegou a prometida ciclovía que está prevista para ligar Melgaço a Cevide.

Quanto a mim, saí de Cevide encantada. Começa a ser difícil encontrar no nosso país locais ainda tão originais e inalterados como esta aldeia e a tendência é mesmo que um dia venham a desaparecer completamente.

São lugares como este que me deixam dividida entre o gosto de partilhar as minhas boas “descobertas” com toda a gente e a vontade de guardar estes pequenos segredos só para mim e para quem me está mais próximo. Por isso vos digo: vão lá, vão conhecer este nosso pedacinho do Portugal ainda profundo antes que comece a andar nas bocas do mundo e desapareça uma parte do seu carácter único. Quando lá estiverem vão sentir-se como eu: Privilegiados.

Texto e fotos: Ana C. Borges
(blog Viajar Porque Sim)

URBACT: Melgaço é exemplo para a Europa e continua a somar novas aberturas no comércio local

João Martinho



A boa prática do projecto Melgaço Tem Pop-Up, reconhecido na Europa e exemplo para outras regiões, vai ser apresentada no dia 4 de Março, durante o evento “Maratona das Transferências”.

O evento, que decorrerá em formato online e conta com o testemunho dos 19 parceiros nacionais das Redes de Transferência URBACT, tornando-se um momento de partilha das experiências e dos resultados dos projectos implementados em Portugal.

A Maratona das Transferências é o Evento Nacional de Partilha (National Sharing Event) que marca uma etapa final para estas redes URBACT. A iniciativa assume-se como uma oportunidade para os parceiros partilharem, aos níveis regional e nacional, o que aprendem

com o trabalho em rede e ainda para alargarem a transferência de boas práticas a mais cidades e promoverem o diálogo com partes interessadas.

Os Peritos URBACT Maria João Rauch e Miguel Sousa irão conduzir o evento, que decorrerá das 09h30 às 16h50, organizado em quatro sessões. Programa em <https://urbact.eu/urbact-em-portugal>.

Estão convidados a participar todos os interessados em aprofundar ou conhecer o método URBACT, incluindo profissionais da área do desenvolvimento urbano sustentável, políticos aos níveis regional e local e todos os cidadãos interessados nas temáticas urbanas. As inscrições poderão ser realizadas através de formulário no site Fórum das Cidades, no endereço web: <http://bit.ly/InscriçõesMaratonadasTransferências>.



15 projectos desenvolvidos desde Outubro de 2019

Este projecto de dinamização da economia local nasceu em Altena, na Alemanha, e conta com a parceria de Melgaço, em Portugal, Idrija, na Croácia, Nyirbator, na Hungria, Aluksne, na Letónia, Isernia, em Itália, Manresa, em Espanha, e Igoumenitsa, na Grécia.

O objectivo principal é reanimar centros urbanos que apresentem declínio prolongado fruto da falta de animação comercial e reverter a perda de população. A estratégia passa assim pela ocupação temporária de espaços comerciais devolutos. Adoptando medidas comuns, as cidades estão a encontrar soluções em conjunto com a comunidade para reverter a perda de população.

Em Melgaço, o desafio foi bem aceite, quer junto dos proprietários das lojas, quer dos empreendedores. As primeiras lojas pop-up abriram em Outubro de 2019. Bernardete Pereira e Ana Maria Gregório foram as primeiras empreendedoras a aderir ao projecto.

Desde o início do programa foram desenvolvidos 15 projectos. Sete são hoje lojas permanentes e estão já mais oito novas candidaturas aprovadas, prevendo-se a abertura das mesmas durante o mês de Março. O projecto contou com a cedência de 11 espaços a título gratuito.

“No nosso município, o Programa URBACT/Re-growCity/Melgaço Tem Pop-UP não foi interrompido pela COVID-19. Desde o início, que a dinâmica se adaptou aos novos tempos de pandemia que vivemos e o empreendedorismo manteve-se. Respeitando as indicações da Direcção Geral da Saúde, fomos encontrando formas de manter vivo o programa e activa a vontade dos novos empreendedores que continuaram a procurar informações e a desenvolver candidaturas. Durante o período de quarentena e confinamento continuamos activos na implementação do programa, na sua divulgação e comunicação”, sublinhou Manoel Batista, presidente da Câmara Municipal de Melgaço.



Hotel Castrum Villae: hospitalidade, natureza e património no coração da Serra da Peneda

+351 251 460 030 reservas@hotelcastrumvillae.pt

Castro Laboreiro - Melgaço hotelcastrumvillae.pt

CASTRUM
VILLAE
HOTEL

Festa do Alvarinho 2021 adiada. Evento de Verão? “É uma possibilidade”, admite Manoel Batista

João Martinho



Ainda que se cumpram as melhores perspectivas de redução de novos casos diários de infecção pelo coronavírus SARS-CoV-2 e consequentemente as medidas de confinamento a partir da primeira semana de Abril, já há uma certeza quanto ao maior evento enogastronómico de Melgaço: “No final do mês de Abril ainda não temos condições para retomar a Festa do Alvarinho 2021. O país não tem condições para isso e o município também não tem”, avançou o autarca de Melgaço em declarações ao jornal “A Voz de Melgaço”.

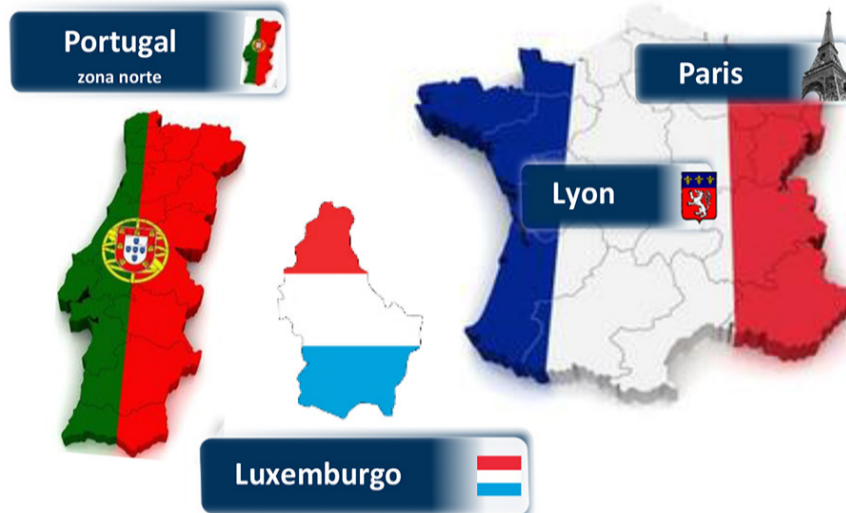
Contudo, não é o fim da festa. “Temos de nos reinventar uma vez

mais. Ainda não está decidido, mas não cancelamos. Ainda temos algum tempo para perceber as alternativas”, acrescentou Manoel Batista, procurando manter a celebração dos produtos locais noutra formato ou até noutra data.

Sobre a possibilidade de remarcar para o Verão, o edil assume que “é uma possibilidade, entre outras”, mas não quis adiantar datas ou modelo da festa que ainda ocorrerá em período de pandemia, preferindo esperar por “outras condições de segurança e de saúde pública para podermos abrir um bocadinho mais esta celebração”, considerou.



LINHAS INTERNACIONAIS



Barquense (+351) 258 454 303

BARQUENSE – AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA. • RNAVT nº 1849
SEDE: R. DR. JOAQUIM M. DE BARROS, Nº3 • 4980-634 PONTE DA BARCA - PORTUGAL
INFO@BARQUENSE.COM • WWW.BARQUENSE.COM • FACEBOOK.COM/BARQUENSE.PT

UKUBO

Imobiliária
Gestão de Arrendamentos

Na UKUBO encontra um serviço especializado na área de gestão de arrendamento.

Saiba que vantagens encontra ao colocar o seu imóvel nas mãos de uma empresa especializada;

- **Rentabilização máxima do imóvel** – a previsão da saída de um inquilino pressupõe a preparação imediata de um novo arrendamento;
- **Apoio Jurídico/legal** – dispomos deste apoio para todas as questões jurídicas e legais que possam surgir, caso necessite;
- **Divulgação do imóvel** – através da estratégia de comunicação que adotamos é possível alcançar um maior número de interessados;
- **Seleção do inquilino** – fazemos uma análise do perfil do arrendatário que se adequa com as pretensões do senhorio, particularmente a nível da duração de contrato;
- **Gestão de rendas** – atualização, cobrança de rendas e emissão de recibos.

UKUBO Consultoria,
O seu parceiro de negócios.

Melgaço
R. Dr. António Durães, nº65 R/C Dto
4960-522 Melgaço
+351 251 418 322

Braga
Av. Robert Smith, nº19
4715-398 Braga

Monção
Rua D. Afonso Henrique, Ed. Domus Residence, R/C Lj 2
4950-446 Monção
+351 251 031 908

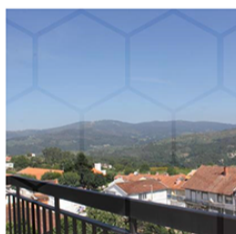
info@ukubo.com www.ukubo.com www.imoukubo.com

Imóveis que lhe podem interessar

Apartamento T3
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3 localizado no centro da Vila de Melgaço. Encontra-se mobilado e com cozinha equipada. Possui uma garagem individual fechada com 25m2.

130.000€
01086 D



Moradia V4
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo

Excelente moradia V4, em local calmo, a 5 minutos da Vila. Possui cozinha mobilada e equipada, aquecimento central, garagem, anexo, jardim e pomar.

Sob Consulta
00603 D



Moradia V3 e terreno
Penso, Melgaço, Viana do Castelo

Casa de moradia V3, em pedra, totalmente recuperada. É composta por dois andares, com divisões amplas dispostas ao longo de 167m2. Área descoberta: 500m2. Possibilidade de venda, em conjunto, de dois terrenos para cultivo com cerca de 2.000m2.

Sob Consulta
00789 C



Terreno de Cultivo
Cristóval, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno de cultivo em Ramo, Cristóval, com cerca de 10.000m2.

60.000€
00881



Apartamento T2
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T2, mobilado, com bons acessos e bem localizado. Possui caixilharia com rotura térmica, vidro duplo e garagem fechada.

110.000€
00572 F



Terreno de cultivo
Pademe, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno de cultivo e monte com cerca de 2.300 m2 no Lugar da Longarinha. Bons acessos.

10.000€
00733



Ruína e terreno
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo

Ruína e terreno em Chaviães. Possui poço de águas, bons acessos e boa exposição solar. Declaração de Ruína: SCE177941938

40.000€
00805



Moradia para restauro
Cristóval, Melgaço, Viana do Castelo

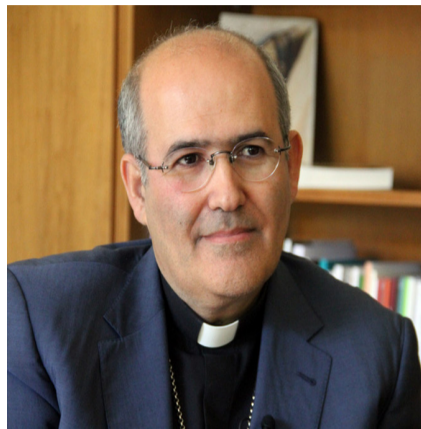
Moradia em pedra, para restauro, com rossios. Excelente localização e ótimas vistas. Declaração de ruína nº: SCE192378434

70.000€
01008



Desafios da pandemia à vivência

Carlos Nuno e Manuel Domingos Silva



Cardeal Tolentino



P.º José Nuno



P.º Francisco Couto

De 25 a 29 de Janeiro, a 43ª Semana de Liturgia de Viana teve um cunho muito especial, pois teve de ser realizada on line. Com picos de audiências ao vivo que ultrapassaram as 500 pessoas na intervenção do cardeal Tolentino, no último dia, proporcionou um conjunto de reflexões que não vimos suficientemente espelhadas nos órgãos de comunicação, mesmo os que, para tal, estão mais vocacionados.

Introduziu os trabalhos ao tema geral: PANDEMIA: CRISE LITÚRGICA o bispo Dom José Cordeiro, presidente da Comissão Episcopal de Liturgia e Espiritualidade. E desde logo afirmou que a «Liturgia não está em crise, porque ela é obra de Cristo e obra da Igreja». Aliás, já tinha reafirmado isso mesmo numa intervenção de 13 de Janeiro à Agência Ecclesia: «o desafio maior deste sector e dos seus organismos é a formação permanente, tão necessária e urgente, para que se cultive sempre este espírito na centralidade do mesmo e único mistério de Cristo». Realçou ainda que a renovação litúrgica é o fruto mais visível de toda a obra conciliar. Temos que saber responder a estes novos desafios.

Algumas das intervenções vi-as e reví-as, como foram os casos do padre José Nuno Silva, que foi Capelão do Hospital de São João durante 18 anos e que agora trabalha também como Capelão no Santuário de Fátima, com especial dedicação aos doentes; a palestra do padre Francisco Couto, intitulada: «Celebração da fé e comunidade: realidade e desafios»; e a do cardeal Tolentino: «Liturgia e comunidade perante novos desafios». Rico, também, o painel sobre «Desafios e pressupostos da música na Liturgia: que caminho?», com 5 qualificados intervenientes. Começaria por este último, que sintetizaria da seguinte maneira: o que realmente é importante é que a música seja de qualidade, adequada realmente à finalidade litúrgica, e que contribua para que os fiéis sejam ajudados a interiorizar e levar ao coração a Palavra de Deus e as acções sagradas como fonte de revitalização de nossa condição de filhos de

Deus, desafiados a nos relacionarmos verdadeiramente como irmãos que se ocupam dos outros, especialmente dos mais necessitados. O que não se pode tolerar é uma música que serve apenas para distrair e ajudar a passar o tempo, mas que não ajuda mesmo nada a interiorizar e a fazer a experiência viva da filiação divina.

O padre Francisco Couto recordou palavras do Papa Francisco: «Desta crise não sairemos iguais. Ou sairemos piores, se quisermos voltar ao de antes, sem mais; ou, necessariamente, teremos que sair melhores, se percebermos que o que acontecia antes do confinamento já precisava de uma profunda revisão, à luz da pergunta fundamental: «as nossas celebrações são apenas meros actos de culto externo para cumprir preceitos, ou são o meio privilegiado para fazer experiência de comunidade de baptizados, convocada para crescer na filiação divina e comprometida com a sorte dos irmãos, sobretudo dos mais desfavorecidos?»

Citando T. Hallic, que afirma: «assim como a comida não é virtual, também a vida cristã não pode ser só virtual», conclui com Andrea Grillo: «Se a Igreja não se pode reunir, também não existe». Só que a pandemia e as regras de ocupação de lugares nas igrejas após o confinamento, fizeram que as nossas comunidades, reunidas presencial e fisicamente, decrescessem exponencialmente em número de participantes. Uns, por medo de apanhar o vírus, e outros – a maioria? – por pensarem que basta um cristianismo de sofá, servido comodamente pelos meios virtuais. Como a ida à Igreja não levava à vivência do fundamental: um aprofundamento das razões da fé e da prática cristã, numa escuta atenta e saborosa da Palavra de Deus, que nos implica no cuidado amoroso dos irmãos, sobretudo dos mais frágeis e carenciados, tenta-se substituí-la pela visão e audição através dos meios digitais, pois lhes parece ser a mesma coisa. A prática que leva à consciência da filiação divina e da fraternidade cristã, pelo contrário, dá ênfase ao silêncio que, como afirmou Daniel Faria : «é

um instrumento difícil», mas absolutamente indispensável para escutar, nos sentirmos filhos muito amados e nos levar a uma vida de entrega generosa e gratuita.

Continuas a falar com os olhos e é como se nos visses por dentro

Cruzando afirmações com o que pude ir vendo ao seguir algumas transmissões de eucaristias pelos meios digitais, deu para perceber a diferença substancial entre a maneira de celebrar do padre José Nuno Silva, - a quem se poderia aplicar a frase da saudosa mãe do Cónego João Aguiar colocada acima em subtítulo, e a de outros capelães do Santuário de Fátima. Vê-se muito bem quem realmente acolhe e está atento aos irmãos ausentes e os convoca com ternura e carinho a seguirem a celebração, quem manifesta estar enamorado do que está a fazer, quem escutou e saboreou primeiro a Palavra de Deus e quem a sabe depois transmitir de maneira interpelante, mas que tem correspondência com o que realmente diz e sugere. Falar com os olhos do coração, os olhos de quem se deixa ver na mais profunda intimidade e vivência, e por isso fala aos outros com os olhos que vêem dentro das pessoas, isto é, tocá-las de verdade.

As transmissões on line põem ainda mais a nu as insuficiências de tantas celebrações em que não se respira vivência interior, encanto, espírito adorante, realmente acolhedor e interpelador.

O padre José Nuno, na própria exposição, mostra-se alguém realmente enamorado do que diz e faz. E fala sobre a relação dos ministros extraordinários da comunhão com os doentes e sós, de uma maneira que se vê estar alicerçada numa prática concreta de capelania hospitalar a tempo inteiro. Uma aprendizagem feita de milhares de casos de doença e solidão que, perante a pandemia, vai realmente ao fundo do problema. Os ministros da comunhão não podem ser apenas para ajudar a distribuir a comunhão dentro da eucaristia e para a levar aos doentes, acompanhando-a de umas palavras formais de circunstância. Têm que ser preparados e ajudados até com guias de conversa com os doentes e sós, para que tais experiências sejam aproveitadas pelas pessoas doentes – mais do que nunca abertas ao essencial do anúncio cristão: a Morte e Ressurreição de Cristo. Se tal acontecer, elas sentir-se-ão deveras consoladas e ajudadas a superar o medo dos medos: o da extrema solidão na doença e o desamparo mais completo perante a morte. E citou integralmente o nº 115 da Fratelli Tutti, do Papa Francisco: «Nestes momentos em que tudo parece diluir-se e perder consistência, faz-nos bem invocar a solidez que deriva do facto de nos sabermos responsáveis pela fragilidade dos outros na





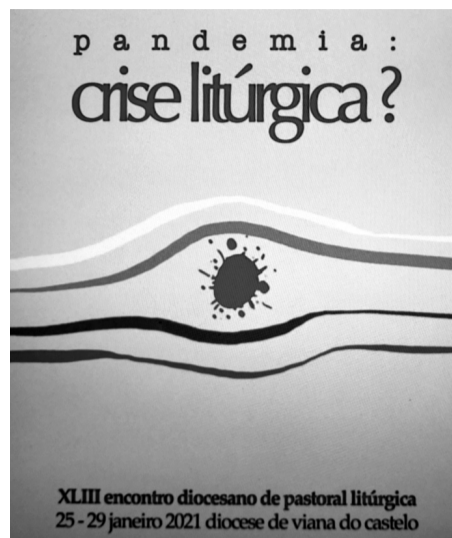


ADEGA SABINO

Respeito pela **comida regional**
paixão pelo **Alvarinho Monção e Melgaço**

www.adeга-sabino.com

da fé em comunidade reunida



Cartaz



Painel sobre música na liturgia

procura de um destino comum. A solidariedade manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros. O serviço é, em grande parte, cuidar da fragilidade. Servir significa cuidar dos frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo. Nesta tarefa, cada um é capaz de pôr de lado as suas exigências, expectativas, desejos de onipotência, à vista concreta dos mais frágeis(...). O serviço fixa sempre o rosto do irmão, toca a sua carne, sente a sua proximidade e, em alguns casos, até padece com ela e procura a promoção do irmão. Por isso, o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas».

A crise pandémica é poliédrica

O cardeal Tolentino, servindo-se também de afirmações do Papa Francisco, referiu que a crise pandémica é um obstáculo à vivência comunitária da liturgia e, ao mesmo, tempo, uma ocasião propícia para reflectir sobre os novos caminhos que urge percorrer. É uma crise poliédrica, em que avulta uma certeza: ninguém se salva sozinho. Uma crise onde há 3 crises :

a) está posta em questão a centralidade do corpo e, portanto, do mistério da Encarnação. Compreendemos agora como é tão difícil estar a 1 metro de distância e ser privado dos gestos de proximidade e afecto, tão próprios da nossa condição corpórea. Quando o corpo perde a sua centralidade, há como que uma 'excarnação' da fé, um tratar a fé como uma ideologia. As tecnologias são vividas por muitos como uma extensão deles próprios, e não apenas como instrumentos. As transmissões virtuais nunca serão substitutivas das presenciais. Isto é exigido pela lógica da Encarnação. Deus fez-se um de nós em Jesus Cristo. A sua presença não foi virtual.

b) Crise da centralidade da comunidade. O próprio da celebração litúrgica é ser em comunidade realmente reunida, de corpo e alma, mas os cuidados sanitários, a proibição de visitas e outras exigências causam uma rarefação da comunidade. Ora, a Igreja nasceu da e na

diáspora, mas em comunidades reunidas numa comunidade maior, alimentada pelas cartas de Paulo e outros textos sagrados que apelam a uma vida em verdadeira fraternidade. Há uma janela aberta por esta pandemia: o reconhecimento do lugar doméstico como lugar primordial da celebração da fé. Liturgia é o serviço que eu presto a Deus com a minha vida. A casa é um lugar da liturgia. Sobre ela construía-se uma igreja. A casa era o lugar de construção da experiência cristã. Por isso é importante deixarmo-nos interrogar pelos desafios desta crise e não perder a oportunidade de ajudar as pessoas a construir comunidade na sua própria casa para, depois, serem comunidade na comunidade maior das várias comunidades reunidas para a celebração pública e comunitária da fé, no edifício comum a que também chamamos Igreja.

c) A terceira crise provocada por esta pandemia é a da linguagem. Por alguma razão, o mundo da cultura é um dos mais afectados, precisamente porque é o mundo que funciona com a linguagem dos grandes símbolos. O teatro na WEB não subsiste, porque o teatro é essencialmente a arte do contacto. Na WEB, pode transmitir-se a eucaristia, mas a celebração é inconsequente. A linguagem são mediações. Somos desafiados a encontrar linguagens para estas relações. Como o foi o gesto profético de Francisco em 27 de Março 2020 avançando pela Praça de São Pedro, sozinho, e mostrando-se uma voz profética que grita neste deserto e vai ao coração das pessoas.

Há muita coisa suspensa, mas a vida continua a acontecer no milagre do amor. O milagre que nos convida a estar atentos a quem pode morrer de frio a poucos metros da Praça de São Pedro. Num caso assim, São Gregório Magno diria que não se pode celebrar missa, porque era como estar em Sexta-Feira Santa, dia em que a Igreja não celebra eucaristia.

Expropriados de muitas coisas, com um sentimento de radical expropriação do homem, porque aconteceu um empobrecimento profundo da vida, podemos e devemos olhar para a Cruz, que nos ensina a extrema centralidade de Deus, mostra-nos de maneira eloquente até onde está disposto a chegar, para nos salvar. É esta

também a essência do primeiro anúncio cristão, de que o ser humano tanto precisa, e o de hoje, mais ainda, para conseguir enfrentar os medos de toda a ordem causados pela pandemia. Cabe-nos a nós, cristãos, testemunhar com palavras e obras que o Amor é digno de fé.

Por isso, afirmou o padre José Nuno, as paróquias devem interrogar-se : vive cada cristão uma relação filial com Deus, ou é apenas um cumpridor dos actos de culto em comunidade? Que é que realmente pretendemos com os nossos percursos de iniciação cristã? Que lugar têm neles as famílias? A paróquia quer os seus filhos para si, ou para Deus? Ajuda-os a fazer da vida um caminho para Deus? As comunidades que que se reúnem, são comunidades que não se fecham em si, mas que servem a relação entre Deus e os seus filhos, e dos seus filhos com Deus? Cultivamos a educação para a interioridade? Cultivamos uma formação que leva a que cada um se descubra como baptizado, filho muito amado de Deus? Se me sinto Filho de Deus, acrescentava o padre José Nuno: «a solidão é uma ocasião para a redescoberta de Deus como Pai. Por isso, devemos investir muito mais em ajudar cada um a habitar o seu íntimo, porque é nele que Deus realmente habita. Que lugar damos ao anúncio da inabituação, isto é, ao anúncio de que Deus habita o meu coração? Se de verdade habitar o meu coração, sinto que não atravesso sozinho a solidão. Cada um, privilegiando o silêncio interiorizador, vai descobrindo que Deus habita realmente o seu coração. E descobre que só o silêncio transforma a minha solidão num lugar habitado pelo próprio Deus. O meu coração é o templo. Para lá ir, tenho que me calar, fazer silêncio.

Creio que está aqui um dos mais prementes e decisivos desafios das nossas celebrações, quer presenciais, quer on line: fazer silêncio. Não um silêncio que desperdiço porque me distraio, mas um silêncio que me preenche, porque me sinto habitado por Deus. Ora, é inquestionável que ainda se observa tanta pressa e tão pouco silêncio nas nossas celebrações!. Sem ele, praticado e vivido, não há mudança possível. E sairemos piores desta pandemia.

De nós sacerdotes dependem imensas coisas. Por isso, não atiremos as culpas para os outros. Temos de preparar muito melhor as celebrações, quer na vertente da escuta e aprofundamento da Palavra de Deus, quer nas atitudes corporais e vocais, quer sobretudo na dicção, traduzindo através dela que estamos de facto perpassados pela maravilha do sacramento e do mistério que celebramos, não tendo medo de nos extasiar, degustar e partilhar o encanto dos mistérios celebrados. Então, os momentos de silêncio não serão uma mera formalidade, mas uma parte constitutiva do próprio acto de celebrar e dar corpo à nossa presença orante. As orações não serão uma repetição maquinal de fórmulas aprendidas, mas ganharão cada dia um sabor mais excelso e delicioso. E levar-nos-ão a aprofundar toda a sua riqueza espiritual e teológica. Assim nos deixemos convencer e tenhamos a humildade de aceitar a necessária conversão para que possamos ser realmente ministros sagrados e do Sagrado, por excelência que é o Senhor Jesus e o seu mistério de Morte e Ressurreição, presente e actualizado em cada eucaristia.

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS
AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa · 4960-310 PENSO MLG · MELGAÇO · TELEM. 969 065 676

Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio
Funerais e Transladações para todo o País e Estrangeiro · Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 · Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

O animalismo é protagonizado por deputados e partidos

João A. S. Lemos

O animalismo é protagonizado e estimulado pelo grupo parlamentar do PAN, BE, VERDES e alguns disfarçadamente infiltrados noutros grupos parlamentares puseram os pés à parede contra o assédio da Caça, do mundo Rural, da Vida no Campo e Vida Selvagem.

Nos Estados Unidos, no início dos anos sessenta do século passado, os primeiros movimentos começaram contra os testes atômicos que ainda estavam sendo realizados no caso de terceira Guerra Mundial e, ao mesmo tempo, alertaram para a destruição causada por algumas ações humanas à natureza. No fim dos anos sessenta, e com a guerra do Vietnam, nasceu o movimento hippie, antiguerra e ambientalmente consciente que passou a Europa no início dos anos setenta.

A ecologia como conceito ou relação de todos os seres vivos e da natureza já possuía desde o primeiro quartel do século anterior muitos estudos e estudiosos, a maioria pensando no serviço do meio ambiente aos seres vivos, principalmente humanos. No final daquele século, os seguidores desses primeiros hippies foram erigidos como os únicos guardiões da vida na natureza e, portanto, o nome de ecologistas. Os Caçadores, apesar do que todos nós amamos a natureza, foram para outra coisa, como de costume. Um movimento que odeia “armas” e preocupações com a natureza, como o hippie, rapidamente encontrou o alvo no Caçador.

O animalismo está a tornar-se um assédio opressivo dos direitos dos Cidadãos como os amantes da Caça.

Há uns tantos (poucos) anos, uma nova corrente que não tem nada a ver com a ecologia entrou em cena social; eles são animalistas. Os grupos de animais igualam ou sobrepõem os direitos de qualquer animal isolado (não falo de especismo), em vez de preferir um ambiente melhor para todos os seus componentes – especialmente para as pessoas –, o que é em si mesmo um fim da ecologia. O animalismo está a tornar-se um assédio opressivo aos direitos dos nossos Cidadãos como amantes da Caça ou da Pesca e Ecologistas, muitos dos quais

estão com todos os direitos e reconhecimento. Mas o animalismo vai além. Dizem que amam os animais e ao mesmo tempo escrevem que sempre que um Caçador morre em acidente de Caça ou um Toureiro na praça, além de desejarem a morte até mesmo de uma criança porque gosta que o seu Pai é Caçador ou Aficionado da Festa Brava...isto é animalismo primário. Eles estigmatizam qualquer um e colocam um “sambenito”, como a “santa inquisição”, para aqueles que visam o seu ódio. Eles mentem, ameaçam, criam violência sem restrição e eu não sei até que ponto estamos indo.

Ninguém precisa gostar de Caça ou da Festa Brava, e nós respeitamos de antemão, mas isso não nos permite insultar-nos e nos extorquir.

O parlamento é responsável pelo assédio dos animalistas.

Mas o animalismo mais perigoso para a Caça, Festa Brava e Sociedade, é que há um grupo de pais, deputados e ministros, filiados nas Associações em Defesa dos Direitos das Animais, e que têm membros de todos os partidos políticos, incluindo PS, PSD, CDS, embora a maioria se relacione com o PAN, BE, VERDES, que estimulam a discórdia e que fazem a força no Parlamento da Nação e são aqueles que estão a tentar Legislar contra a Caça, Festa Brava, Mundo Rural, Vida no Campo e Vida Selvagem. E algumas coisas vão ficando, como recentemente com a história da Herdade da Torre Bela, logo vem o Ministro do Ambiente “refém da comunicação social”, querer uma vez mais, entre centenas do após 25/abril/74 alterar mais uma vez a Lei de Caça, quando se deveria preocupar com a incompetência do ICNF em cumprir e fazer cumprir a Lei vigente.

Esses Parlamentares são os que instam esses outros radicais animalistas de rua a nos insultar ou atentar contra o bom nome dos Caçadores, quando saem para o campo para boicotar nos dias calendarizados para Caçar, como junto das Praças de Touros, porque não gostam da “legalidade”, acho que o melhor desempe-



nho dos Caçadores não é devolver insultos, mas tudo fazerem junto do Parlamento afirmarem que a “caça é uma atividade essencial” para a Vida Selvagem, Mundo Rural e Vida no Campo, e como tal, dever ser oficializada na Assembleia da República.

Em suma, “as bombas poderão parar a música, mas continuarei a tocar”. A frase não é minha, mas agradeço a mensagem. Vou continuar lutando com a palavra para defender a Caça. E farei isso em face da indiferença de tantos Caçadores, porque continuo escrevendo com o orgulho de um Caçador quase em “fim de carreira”. Mas eu gostaria de saber se, neste ponto da minha vida e paixão, a minha crença de que a Caça se defende sozinha, sem precisar de mais argumentos do que o comportamento ético que a maioria dos Caçadores deveria observar, é verdadeira, porquê eu ter dúvidas sólidas que valem a pena argumentar, tendo em vista este duelo para os “clubes” de que estamos lutando durante os últimos 46 anos, os Caçadores Portugueses.

Gestor Cinegético

Confraria de Melgaço Vila Praia de Âncora

J.D.

Caros Confrades, desejos de que toda a família e amigos estejam de boa saúde, nesta hora ainda muito má, com muita coragem.

Logo que a situação esteja bem controlada, iremos proceder ao Nosso Almoço / Convívio Anual, nesta localidade, junto ao Mar e pertinho da linda “Praia das Crianças”, com muitas recordações da nossa infância.

* * *

Aproveitamos para informar que a Junta de Freguesia de Vila Praia de Âncora já estipulou o preço das Sepulturas no novo Cemitério Local (1.201,15 Euros), sendo que os interessados já inscritos, receberão uma carta a informar. Os demais, poderão contactar os Serviços (Tel. 00351 - 258 911 546 / 968 636 467), nas horas de expediente.

* * *

Já se fizeram diligências para que um Espaço Comercial de Vila Praia de Âncora (SUPERMERCADOS

BRÁS - E - COVIRAN - em 2 Locais de Vila), passem a disponibilizar aos seus Clientes as Nossas ÁGUAS DE MELGAÇO - Peso/Melgaço.

* * *

JOAQUIM BARREIROS (Pai): 102 Anos de Vida.

Comemorou no passado dia 15 de Fevereiro, com toda a sua Grande Família e Amigos, 102 Anos, o Senhor Joaquim Barreiros, que percorreu também as Festas de Melgaço, com o seu Conjunto Alegria.

Neste Grupo, seu Filho QUIM BARREIROS - o já famoso lendário e compositor - acordeonista, com apenas 9 anos de idade iniciou a sua carreira musical, tendo tocado bateria.

Para tal, foi-lhe entregue uma prenda, com o Bom Espumante oriundo de Melgaço, como fica a imagem ao lado.

Com Saudações Amigas.



Fronteiras: Passagem de São Gregório – Pontebarxas continua fechada ao trânsito

Bloqueio irredutível “atropela os direitos dos trabalhadores transfronteiriços e os interesses das empresas de fronteira”

João Martinho

O considerável aumento do número de casos de infeção de SARS-CoV-2 em Portugal no início de 2021 levou os países europeus a fecharem de novo a população dentro das suas fronteiras e a repetir os bloqueios que tinha colocado fora de questão, após uma esperançosa recuperação no verão de 2020.

As medidas do Estado de Emergência decretado pelo Governo no final de Janeiro 2021 implicaram a suspensão da mobilidade transfronteiriça (excepto para os serviços essenciais ou urgentes) mas o impacto desta barreira na economia das localidades raianas durante o confinamento da Primavera de 2020 gerou municípios menos tolerantes a um novo período de isolamento dos territórios.

O Agrupamento Europeu de Cooperação Transfronteiriça (AECT) Rio Minho, em representação dos dez municípios que compõem a CIM Alto Minho e dos dezasseis concelhos galegos da província de Pontevedra, tem movido várias iniciativas de protesto contra o bloqueio da circulação transfronteiriça e promete novas acções para que as eventuais renovações das medidas de contenção criem excepções para o território.

O município de Melgaço integra esta luta encabeçada pelo AECT Rio Minho e lidera uma segunda frente de contestação que engloba quase três dezenas de autarcas de municípios de fronteira, de Caminha a Vila Real de Santo António.

No caso deste segundo movimento, foi já encaminhado para o Governo uma missiva assinada por 29 autarcas dos municípios raianos, do Alto Minho ao Algarve, que expõe o consenso relativamente à necessidade de levantar este bloqueio.

“Não faz sentido estar fechada [a fronteira]. Não é resposta à questão da saúde pública. Atropela os direitos dos trabalhadores transfronteiriços e os interesses das empresas que estão na zona de fronteira e precisam de fazer circular as mercadorias”, considera o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, em declarações ao jornal “A Voz de Melgaço”.

Na luta liderada pelo município de Melgaço, que junta “uma grande parte dos autarcas portugueses de



fronteira” e que reuniu a 2 de Fevereiro vinte e dois autarcas dos municípios da raia de norte a Sul do país, foi “consensual” uma maior abertura na ligação terrestre destas regiões. O autarca sugere ainda que, “no caso de não se poder abrir a fronteira na totalidade, pelo menos que em cada município exista uma passagem de fronteira”.

Após a abertura do ponto de passagem autorizado (PPA) entre Melgaço e Arbo, no dia 15 de Fevereiro, o autarca diz que é preciso continuar a ouvir as preocupações das populações “que não o conseguiram”, inclusive noutros pontos de passagem com dinâmica social e económica do concelho.

A nível local, Manoel Batista recorda a necessidade de circulação em mais dois pontos que ligam com diferentes e importantes localidades galegas. “Temos neste momento locais onde a passagem não acontece, como é o caso da velha fronteira de São Gregório, onde as pessoas manifestam o seu descontentamento por se manter fechada, e a fronteira da Ameijoeira [em Castro Laboreiro] com Entrimo”.

O autarca reconhece que a mobilização de recursos humanos para uma abertura controlada de mais PPA possa ser uma “dificuldade” para a tutela, mas perspectiva que a 1 de Março a situação possa estar “com



outra cara” de forma a aligeirar o fluxo terrestre entre Portugal e Espanha.

“Do nosso lado [português] são necessárias duas forças policiais, a GNR e o SEF [Serviço de Estrangeiros e Fronteiras]”, notou o autarca, após visita a PPA da ponte internacional do Peso. “Estavam dois agentes da GNR [do Posto Territorial local] e dois agentes do SEF, vindos de Lisboa. Acredito que seja essa a dificuldade, em colocar agentes do SEF em todos os pontos de passagem de fronteira”, observou.

Em Melgaço, a luta popular e das autarquias locais em prol da abertura da ligação transfronteiriça entre São Gregório e Pontebarxas aconteceu a 20 de Fevereiro – e de que damos notas noutro texto desta edição de Março – mas o protesto não sensibilizou o Governo no momento da revisão aos pontos de passagem autorizados entre Portugal e Espanha. A tutela também não foi sensível aos apelos de Vila Nova de Cerveira, mantendo-se irredutível na manutenção da barreira nos acessos à Ponte da Amizada, que liga aquele concelho ao galego de Tomiño.

No âmbito dos reajustes para a quinzena do Estado de Emergência em vigor até 16 de Março, apenas Ponte da Barca beneficiou de ligação à Galiza, com a reabertura da fronteira da Madalena, em Lindoso, a partir do dia 2 do corrente mês.

Medidas de apoio às famílias e empresas foram estendidas até ao final de Março

João Martinho

Face à continuidade das medidas restritivas inerentes ao Estado de Emergência, o município decidiu prolongar o período de isenções e reduções relativas a tarifas de serviços geridos pela autarquia.

Assim, até ao final do corrente mês, os consumidores não-domésticos terão isenção total das tarifas nos serviços de abastecimento de água, saneamento e resíduos urbanos. A medida abrange indústrias, comércio, serviços e equiparados.

Aos consumidores domésticos (famílias) o apoio será o enquadramento de todos os consumidores no primeiro escalão (o valor mais baixo) relativo à tarifa variável nos serviços de abastecimento de água, saneamento e resíduos urbanos.

Está também suspenso durante o mesmo período o pagamento de rendas relativas a contratos de arrendamento não habitacional celebrados nos termos dos Regulamentos Municipais aplicáveis; a isenção do pa-

gamento da taxa de lugares da feira semanal e da taxa de ocupação do Mercado Municipal.

A isenção do pagamento da taxa anual aplicável à ocupação do espaço público permanecerá em vigor durante todo o ano de 2021.

Ainda relativamente ao apoio às famílias, tendo em conta as dificuldades que atravessam, a autarquia reactivou o apoio extraordinário emergencial para suprimento das necessidades básicas de alimentação através da atribuição de um vale no valor de 50 euros, concedido a cada elemento do agregado familiar e por mês. Este ‘cheque’ permitirá a compra de bens de primeira necessidade, a adquirir em supermercado local. A iniciativa decorre em articulação com a Loja Social.

Decorre ainda a campanha de recolha de géneros alimentícios, artigos de higiene pessoal e de limpeza, lançada na primeira vaga da pandemia Covid-19, de forma a apoiar o número crescente de famílias que tem



recorrido à Loja Social. Os produtos poderão ser entregues na Loja Social da Cruz Vermelha Portuguesa, sita na Avenida Capitão Salgueiro Maia. O espaço encontra-se aberto todos os dias úteis, entre as 9 e as 13 horas e entre as 14 e as 17 horas.

Professor José Marques, uma memória afectuosa

Henrique Barreto Nunes*



Conheci o padre José Marques (foi assim que se apresentou) em 1976, quando ele, já assistente da Fac. Letras Univ. Porto, mas então aluno do Curso de Bibliotecário-Arquivista da Fac. Letras Coimbra, veio pedir ao incipiente bibliotecário da Biblioteca Pública de Braga que eu era (também antigo aluno daquele curso) ajuda para um trabalho que estava a fazer para uma disciplina curricular. E logo ali, talvez por ambos sermos do Alto Minho (ele de Melgaço e eu de Monção) criamos laços de amizade que se iriam fortalecer e prolongar pela vida toda.

Acompanhei o seu percurso académico, como professor, reputado paleógrafo e investigador da Fac. Letras Porto (de que foi director), com enorme gosto, ao mesmo tempo que ia fruindo com a leitura dos seus trabalhos, nomeadamente sobre a arquidiocese de Braga e o Minho medieval.

Encontrava-o frequentemente como leitor da BPP e sobretudo do Arquivo Distrital de Braga, de que era utilizador assíduo. Muitas vezes recorri aos seus conhecimentos e colaboração no exercício das minhas funções, de bibliotecário (realização de conferências, apresentação de livros – como foi o caso de “Liturgia de Braga”, do cónego A. Luís Vaz em 1992 – ou publicação de artigos na revista “Forum” do CCUM que eu coordenava) mas também em relação à ASPA, da qual José Marques era sócio e apoiou em diversas ocasiões (deve-se-lhe p. ex. a condução esclarecida de uma visita à Sé de Braga ou a publicação de um artigo na revista “Mínia”).

Devo-lhe ainda o convite, que muito me honrou, para ser professor do Curso de Especialização em Ciências Documentais que o Prof. José Marques criou na FLUP.

Já depois da sua aposentação, pude apreciar o caminho que o Prof. José Marques continuou a trilhar como investigador, materializado num conjunto apreciável de livros, artigos e recolhas documentais que incansavelmente ia publicando.

Recordo, comovido, a apresentação do “Cartulário de Fiães”, feita junto àquele mosteiro melgacense numa esplendorosa tarde minhota, em Agosto 2016, durante a qual José Marques recordou o amor de sua mãe, a dura infância que viveu e o tempo em que, já sacerdote, se ofereceu para ir para França dar apoio espiritual (e presumo que material) aos emigrantes portugueses que então viviam penosamente nos “bidonvilles”.

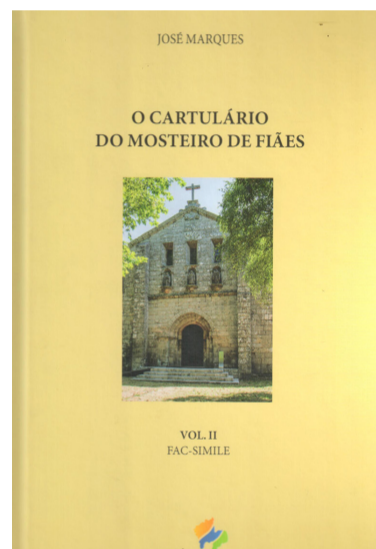
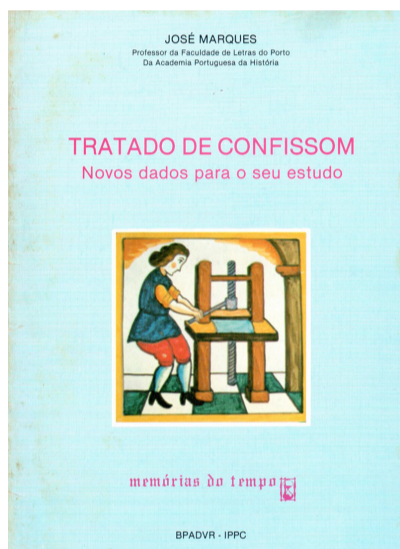
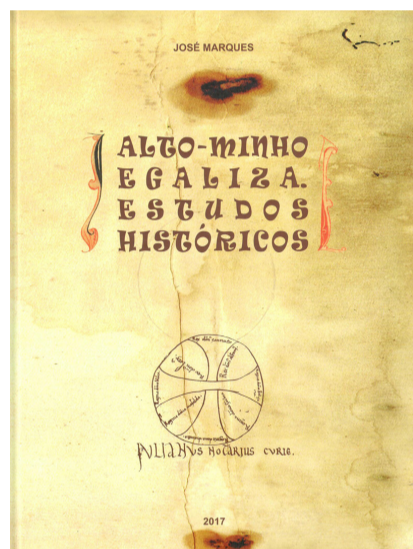
Com o seu grande amigo Prof. J. Viriato Capela (catedrático em História da Univ. Minho) visitei-o no hospital e depois na residência sacerdotal, quando esteve gravemente enfermo, mas mostrando sempre grande ânimo, falando de projectos de publicação a concretizar (o que ainda conseguiu), tendo eu ficado extremamente surpreendido quando nos disse que recitava o breviário pelo telemóvel.

Também o encontrava ocasionalmente em V. P. de Âncora onde, como alto-minhoto, gozava, como eu sempre fiz, parte das suas férias, mas trazendo sempre algum estudo para ultimar.

Assisti a conferências proferidas pelo Doutor José Marques, em Braga, Monção, Melgaço, Paredes de Coura, Porto e Lisboa e à apresentação dos seus últi-

mos artigos científicos, bem como 109 relativas à colaboração na imprensa local e regional (anoto que o seu primeiro artigo foi publicado neste jornal em 15 Abril 1976). Pois bem, na última mensagem que dele recebi, em 26 Dez. 2020, dizia-me: “eu tinha de facto alguns projectos, que não desisto de os concretizar. Um deles é a reedição do meu curriculum académico, agora corrigido e aumentado, porque na 1ª edição ficaram omissos muitos artigos e, após a aposentação, publiquei muito mais e queria reuni-los. Vamos lá ver o que é possível fazer”. Não tenho dúvidas que a sua produção se aproximaria dos 600 títulos. Seria bom tentar saber se esse trabalho ficou concluído, pois, com a sua publicação, a comunidade académica (e não só) muito dele beneficiaria.

Há um aspecto muito pessoal que me apraz aqui



mos trabalhos. Nomeadamente, acompanhei de perto a organização do livro “Alto Minho e Galiza: estudos dispersos”, um projecto bastante antigo, uma obra de grande importância, editada pela Casa Museu de Monção e C. M. Melgaço, em 2017, que o deixou muito feliz.

Em Fev. 2020, colaborei com o grande fotógrafo e editor Libório M. Silva na organização da exposição “Rostos da Escrita em Braga”, apresentada na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, para a qual o Doutor José Marques foi uma das 10 personalidades seleccionadas, tendo eu sugerido os 5 livros mais importantes da sua bibliografia para figurarem na exposição, com o que ele de imediato concordou.

Fui regularmente privilegiado com a oferta dos seus livros e separatas, sempre enriquecidos com dedicatórias amigas. De entre eles, recordo o seu **Curriculum vitae** publicado em 2008, no qual são compiladas 338 referências bibliográficas relativas a monografias e ou-

referir. Após o falecimento de minha mãe, a sua missa de sétimo dia foi surpreendentemente celebrada, sem que tal lhes fosse pedido, na igreja de S. Lázaro (Braga) pelos Senhores Cónegos José Marques, Fernando Monteiro (que infelizmente também já nos deixou) e Carlos Nuno Vaz. Não sendo eu um homem de fé (mas a minha mãe era profundamente católica) tratou-se de um gesto de grande solidariedade e estima que a mim e meus irmãos tocou profundamente.

Para além das suas qualidades como historiador, que todos reconhecem, e a sua vultuosa e qualificada bibliografia bem comprova, o que do Professor José Marques mais guardarei na memória e no coração serão a sua amizade benevolente, a sua constante disponibilidade, a sua simplicidade, generosidade e afabilidade e, sobretudo, a sua tolerância.

* Bibliotecário.

NOVIDADES
VINHOS
QUEIJOS
MEL
CHÁS REGIONAIS

“Da Costa Congelados, até ao seu prato”

Visite a nossa loja!
251 031 438

Rua Dr. António Durães, 119
4960-522 Melgaço

Sentida Homenagem ao Prof. Doutor Cónego José Marques

Ernesto Português



Cónego José Marques apresentando um dos seus livros

A notícia da morte do Cónego Doutor José Marques, que me chegou pela voz embargada do comum amigo Doutor Carlos Vaz, bateu-me à porta, inesperadamente, deixando-me completamente bloqueado e incapaz de manifestar, por escrito, o que me ia na alma.

A última edição deste jornal, bem em cima do acontecimento, num notável trabalho jornalístico do seu diretor, reúne um conjunto de textos ditados pela amizade e dor profunda da perda onde, numa pluralidade de olhares e sentimentos, se exaltam os valores mais altos que ornaram o Homem, o Sacerdote, o Professor universitário e o Historiador que laboriosamente nos legou uma obra inigualável.

Outras vozes e outros clamores se fizeram eco da vida e obra do Professor, nos dias seguintes ao seu falecimento, nas páginas do Diário do Minho, onde não faltou o reconhecimento do país, através da mensagem do Senhor Presidente da República, depois de, no passado, esse mérito lhe ter sido já reconhecido pela Universidade do Porto, onde foi distinto Professor Catedrático, pelas cidades do Porto e Braga, pela Universidade do Minho, pelo Ministério da Cultura e ainda, como não podia deixar de ser, pelo Município de Melgaço, a terra mãe que ele tanto amava.

Depois de tudo isto, parece que nada mais haveria a dizer. Entendo, porém, que a grandeza do Cónego José Marques, nas suas mais diversas dimensões, está ainda muito para lá do que todos já disseram. Se auscultássemos cada um dos que com ele privaram, certamente que haveríamos de encontrar ainda muitas surpresas por desvendar.

Dispensando-me de repetir o já dito e escrito, embora nunca seja de mais, não posso deixar de lhe manifestar a minha Homenagem, não só pelo grande apreço que por ele tinha, mas também pela enorme dívida de gratidão que com ele contraí ao longo da vida. Há quem já lhe tenha assinalado a faceta muito peculiar da sua dedicação aos alunos e o facto de saber despertar neles o interesse pelo estudo da Idade Média e também, direi eu, pela investigação. Pois disso sou eu prova, como terei oportunidade de explicitar.

Conheci o Padre José Marques quando tinha 15 anos, na Missa Nova do Padre João Porto Soares, e mais tarde como prefeito do Seminário de Teologia. Anos depois, fui encontrá-lo no Curso de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto como professor de *História Medieval de Portugal*. Foi o princípio de uma nova era que deixou marcas profundas. E há gestos que jamais se esquecem. Quando, pela primeira vez, nos cruzámos nos corredores da Faculdade, logo me encaminhou para o seu gabinete, oferecendo-me, com dedicatória datada de 27.X.76, uma separata da revista *Bracara Augusta* (1976), com o artigo intitulado "Subsídios para o estudo da Arquidiocese de Braga no séc. XV". Não esperava, naquela altura, um acolhimento daqueles. E só então percebi a grandeza do seu coração. Deixou-me completamente rendido.

Terminada a licenciatura, agora em Braga, num encontro meramente casual, apresenta-me uma proposta de trabalho de investigação. Invertendo o seu percurso

pedonal, conduziu-me ao Arquivo Distrital – onde se movimentava como se em sua casa se encontrasse –, e, sem mais, colocou-me nas mãos o volumoso manuscrito do *Tombo da Comenda de São Tiago de Pias*, de 1676, para eu o trabalhar. Razões de ordem pessoal obrigaram-me a uma interrupção forçada, mas, passados 20 anos, retomei o trabalho que foi a génese da Monografia de Pias, obra que ele próprio, por solicitação do Padre Agostinho Caldas, apresentaria em sessão realizada em Monção, em 2008, na Casa do Curro. Mas antes disso, a meu pedido, havia já escrito o *Prefácio* para a Monografia de Cambeses e feito a respetiva apresentação, também em Monção. Posteriormente, nova solicitação para fazer a conferência inaugural das solenes comemorações do IV Centenário do Santuário da Senhora dos Milagres. E em 2011, depois de um prolongado encontro, onde com ele debati a estrutura da obra a editar sobre o Instituto Monsenhor Airosa, solicitei-lhe, então, um artigo introdutório sobre os conventos, a que prontamente anuiu. O texto – "Os Conventos de Braga, nos inícios do século XVII" – integra a obra coletiva *Do Convento ao Instituto. Portas para a Vida*, que coordenei e também escrevi.

Nesta hora muito sofrida, não posso esquecer o privilégio que foi o convívio com o Professor e os ensinamentos que dele recebi, através da oferta de uma parte significativa dos seus trabalhos de investigação. Ao percorrer a minha base de dados deparei-me com um total de 41 publicações, oferecidas com dedicatória. Mas fiquei a dever-lhe o apoio que sempre me dispensou em sua casa/biblioteca, em tantos e tantos momentos, sobretudo na leitura e interpretações de textos medievos que tive de trabalhar, e em prolongadas conversas sobre os seus mais diversos trabalhos de investigação e deambulações pelo mundo da cultura, razão pela qual me sinto eternamente grato.

Como monçanense, não posso esquecer, nesta hora, a presença amiga e o interesse que dedicou a Monção e às suas gentes.

De facto, Monção muito lhe deve, ele que conhecia o seu passado histórico, talvez melhor que ninguém. Além de ser local de passagem – de e para sua casa de Lobiô (Rouças) –, muitas vezes aí se deslocou, expressamente, à Casa Museu de Monção/Universidade do Minho para apresentar comunicações ou simplesmente participar em atos por ela promovidos. Era também uma presença assídua nas Jornadas Teotonianas, onde apresentou várias comunicações, e ainda em outras ocasiões que não poderemos olvidar.

Da presença e interesse que o Prof. José Marques dedicou a Monção contam-se os diversos estudos como *Prefácios e apresentação de livros, Comunicações na Casa Museu de Monção/Universidade do Minho e nas Jornadas Teotonianas*. Entre os estudos específicos contam-se: *A Capela Aberta de S. Tiago de Barbeita; Dedicatória da Matriz de Monção; Segundo Milénio Cristão no Alto Minho; A Senhora dos Milagres de Cambeses, no contexto mariano do século XVI; A capela de Santa Vera Cruz, de Mazedo; Padre Manuel António Bernardo Pintor;*

pastor e investigador da história local; Peste em Ceivães; S. Teotónio e a cultura no século XII. São, ao todo, 14 trabalhos que estão, também, publicados e que muito enriquecem a historiografia monçanense.

A minha presença em alguns atos mais significativos das homenagens que, em vida, lhe foram prestadas, foi a maneira de lhe manifestar a minha gratidão. Aqui e agora não poderei esquecer quatro momentos marcantes da sua carreira dos últimos tempos: os lançamentos do *Cartulário do Mosteiro de Fiães* e do *Liber Fidei da Sé de Braga*, a condecoração com a *Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura*, em 28 de abril de 2017, e o lançamento da obra *Alto-Minho e Galiza. Estudos Históricos*.

Realço, a propósito, a significativa Homenagem que a Casa Museu de Monção/Universidade do Minho lhe prestou, em 25 de novembro de 2017, no decorrer do Colóquio Internacional "Alto Minho nas origens e formação de Portugal", com a publicação de *Alto-Minho e Galiza. Estudos Históricos*.

Trata-se de uma volumosa obra de 900 páginas, uma edição da Casa Museu de Monção/Universidade do Minho em parceria com o Município de Melgaço, onde estão compilados 40 estudos do Prof. José Marques, dedicados ao Alto Minho, mas que estão longe de esgotar os trabalhos que publicou sobre estas nossas terras. É uma obra promovida pelo Presidente da Casa Museu, Prof. Doutor José Viriato Capela, onde se encontram 15 textos específicos sobre Melgaço e 4 sobre Monção.

Esta obra, que muito querida lhe deve ter sido, abarca estudos muito abrangentes e que, como o título indica, debruça-se sobre as raízes ancestrais deste torrão minhoto e tenta mostrar os traços comuns e os laços umbilicais que unem o nosso Alto Minho à Galiza, que o poeta monçanense João Verde assim immortalizou:

*Vendo-os assim tão pertinho
A Galiza mail' o Minho
São como dois namorados
Que o rio traz separados
Quasi desde o nascimento...*

O Cónego José Marques deixou marcas por onde passou e nas instituições que serviu: na Igreja Bracaraense e no Cabido Primacial de Braga, na Universidade do Porto, na Academia Portuguesa da História e ainda nas mais diversas universidades onde lecionou e perante os mais diversos públicos a quem se dirigiu.

Depois de tudo o que dele tem sido dito, para além do meu conhecimento pessoal, fico com a certeza de que a vida do Cónego José Marques foi um grande dom para a sociedade do seu tempo e a sua memória fica perpetuada na obra verdadeiramente referencial que deixou e à qual teremos de voltar sempre que quisermos enveredar pelas áreas em que ele foi Mestre. Mas fica também na memória de todos os seus alunos e discípulos que nele encontraram sempre palavras de incentivo e confiança e nele tiveram um guia seguro.

A eterna gratidão de quem muito lhe deve.

Soalheiro lança alvarinho 2020 em garrafa mais “sustentável”. Novo formato permite poupar cerca de 56 toneladas de vidro por ano

João Martinho



Os Clássicos não mudam, reinventam-se. Dando seguimento ao seu compromisso com a sustentabilidade, a marca Soalheiro acaba de lançar um novo formato de garrafa mais amiga do ambiente.

As tradicionais garrafas altas e esguias ganham um formato mais sustentável, com menos 19% de vidro, o que permite reduzir as emissões de carbono utilizadas na sua produção e transporte. E porque a produção passou a ser feita em Portugal, há também uma importante redução de quase 8,5 vezes no impacto no transporte das garrafas até à adega, que antes provinham do centro da Europa.

Até ao final de 2021, cerca de 90% das garrafas Soalheiro irão adoptar este novo formato, o que permitirá uma poupança estimada de 56 toneladas de vidro ao ano.

Também as embalagens foram repensadas para reduzir 39% do consumo de cartão, oriundo de florestas geridas de modo responsável (certificado FSC). Com capacidade para 6 garrafas, a nova caixa pode também ser reutilizada como “garrafeira”, pois, depois de aberta, pode ser guardada em pé, por quem pretende beber

o vinho ainda jovem, ou deitada, posição ideal para que o vinho possa evoluir em garrafa.

“Mais um pequeno passo para o Soalheiro na sua trajetória de sustentabilidade, que representa uma redução significativa da sua pegada carbónica e impacto no meio ambiente”, avança a marca.

Luís Cerdeira, que ao lado da sua irmã Maria João e da mãe, Palmira, lidera o projecto Soalheiro, afirma que “o compromisso com a sustentabilidade é muito mais do que uma resposta a uma clara emergência climática e de preservação do planeta”.

“Faz parte da nossa natureza, enquanto produtores que vivemos da terra, protegê-la. Por isso, estamos a repensar todas as nossas práticas no sentido de identificar pontos críticos em que podemos melhorar a nossa acção e reduzir o impacto ao mínimo possível”, frisou ainda.

Prova disso é a certificação ambiental de toda a actividade do produtor e certificação biológica de todas as vinhas da quinta, bem como a recente instalação de uma cobertura vegetal na adega, que trará uma poupança energética estimada de 26% ao ano.

“A certificação biológica das vinhas permitiu um aumento da biodiversidade nas parcelas e o desenvolvimento de vinhos naturais bio. A certificação ambien-



ajustado ao tamanho das prateleiras e frigoríficos.

As garrafas passam também a contar com a gravação de Soalheiro no vidro, “uma espécie de assinatura de toda a equipa, de todos os viticultores que ajudaram a escrever a nossa história e cujo esforço queremos ver reconhecido em cada uma das nossas novas garrafas”, conclui o produtor.

tal é reflexo do desenvolvimento de uma consciência coletiva na empresa, mérito de toda a equipa”, refere Maria João Cerdeira, responsável pela viticultura do Soalheiro.

A primeira garrafa a apresentar o novo formato é o Soalheiro Alvarinho 2020, um verdadeiro clássico do produtor e da região, e que, por isso, segundo Luís Cerdeira, “deve ter essa responsabilidade”.

Com mais mineralidade, mas mantendo-se fiel às suas características intemporais como a frescura aromática e a notável longevidade em garrafa, o Soalheiro Alvarinho 2020 apresenta-se como a melhor escolha como aperitivo ou para acompanhar pratos de marisco, peixe ou carnes de aves.

A nova garrafa foi desenvolvida em exclusivo para o Soalheiro e será estendida a 90% das referências a partir do momento em que são lançadas no mercado. Além do menor impacto ambiental, o formato torna-se mais prático e

Clínica
OSTEO+

...onde a Osteopatia vale mais!!!



OSTEOPATIA • OSTEOPATIA PEDIÁTRICA E OBSTETRÍCIA • SHIATSU
Dra. Cátia Rocha • Terap. Iris Fernández

FISIOTERAPIA: Neurológica e Ortopédica (planos individuais e personalizados),
Cinesiterapia Respiratória, Drenagem Linfática Manual, Kinesiotaping, Etc.

Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 MELGAÇO
www.osteomais.com • clinica@osteomais.com

Tel. 251 401 078
Tlm. 969 195 272

Sete restaurantes de Melgaço aderiram ao método ‘Lampreia... em Casa!’

João Martinho

A época de pesca da lampreia nas pesqueiras do Rio Minho ter-se-ia iniciado a 15 de Fevereiro, porém, a suspensão de todo o tipo de pesca não profissional devido às medidas restritivas resultantes do Estado de Emergência voltou a adiar (pelo menos) mais quinze dias a actividade no lado português do Rio Minho.



Em vésperas da abertura da época de pesca no troço do rio com pesqueiras, entre Lapela (Monção) e Melgaço, o presidente da Câmara, Manoel Batista, manifestou-se “desapontado” com a decisão do Ministério dos Negócios Estrangeiros que “a exemplo do que acontece no lado galego, deveria ter aberto esta excepção”.

Recorde-se que a época de pesca de lampreia estende-se até 16 de Maio. Entre Monção e Melgaço, a época ideal para a levar o ciclóstomo do rio ao prato estende-se para lá da campanha promovida pelos municípios do Vale do Minho. No caso particular de Melgaço, os pescadores mais experientes preferem inclusivamente a pesca mais tardia.

Até 15 de Abril, os restaurantes dos seis municípios do Vale do Minho voltam a cumprir o calendário ‘oficial’ de degustação da lampreia. De Caminha a Melgaço, convida-se à prova ciclóstomo em moldes diferentes.

As medidas impostas no combate à pandemia Covid-19 remetem a iniciativa “Lampreia do Rio Minho – Um Prato de Excelência”, promovida pela Adriminho, apenas para os fins-de-semana e em regime de *take-away*. A situação será reavaliada de acordo com as directrizes do Governo.

Restaurantes de Melgaço que aderiram à iniciativa, em regime de *take-away*: Adega do Sossego, Hotel Boavista, Verde Minho, Casa Real, Mini Zip, restaurante O Adérito e Tasquinha da Portela.

Para uma Quaresma de verdadeira caminhada pascal

O tempo de quaresma não é nem deve ser um tempo de penitências mal entendidas e mal aceites, realizadas por descargo de consciência, muito à semelhança dos fariseus, mas deve ser um tempo em que damos maior atenção ao silêncio para redescobrirmos o Deus Amigo que preencheu os nossos momentos de maior e verdadeira alegria, o Deus que nos convida a deixarmo-nos acariciar no seu rosto e, com os olhos bem fixos nos seus lábios, sentirmo-nos por Ele imensamente amados, sabendo de Quem nos fiar e a Quem nos confiar.

Para fazermos esta caminhada, procuremos praticar 15 gestos simples de amor, e algumas maneiras de praticar o jejum que mais agrada ao Senhor, como nos recorda o papa Francisco.

15 actos simples de caridade:

1. Saudar quem encontrarmos, sempre e em todo o lugar.
2. Dizer ‘obrigado’, mesmo que não devam fazê-lo.
3. Dizer aos outros quanto lhes queremos bem.
4. Saudar com alegria as pessoas que encontramos cada dia.
5. Escutar o que o outro nos quer contar, sem preconceitos e com amor.
6. Pararmos para ajudar. Estarmos atentos a quem precise de nós.
7. Animar quem estiver abatido.
8. Celebrar as qualidades ou os êxitos dos outros.
9. Escolher o que já não usamos e dá-lo a quem precisar.
10. Ajudar quando alguém precisar, para que possa descansar.
11. Corrigir com amor; não calar por medo.
12. Proporcionar bons momentos com os que estão perto de nós.
13. Limpar o que uso em casa.
14. Ajudar os outros a superar obstáculos.
15. Telefonar aos pais (se ainda tens a felicidade de os ter), aos parentes e amigos.

Maneiras de praticar o Jejum que mais agrada ao Senhor:

1. Jejuar de palavras que ferem e sê pródigo em palavras bondosas.
2. Jejuar de descontentamentos, e enche-te de gratidão.
3. Jejuar de irritações, e enche-te de mansidão e paciência.
4. Jejuar de pessimismo e enche-te de esperança e optimismo.
5. Jejuar de preocupações e enche-te de confiança em Deus.
6. Jejuar de queixar-te e enche-te das coisas simples da vida.
7. Jejuar de pressões e enche-te de oração.
8. Jejuar de tristezas e amargura, e enche de alegria o coração.
9. Jejuar de egoísmo e enche-te de compaixão pelos outros.
10. Jejuar de faltas de perdão e enche-te de atitudes de reconciliação.
11. Jejuar de palavras e enche-te de silêncio e de escuta dos outros.



LAMPREIA
DO RIO MINHO

UM PRATO
DE EXCELÊNCIA

15 FEVEREIRO
A 15 ABRIL

AOS FINS DE SEMANA NOS RESTAURANTES
ADERENTES EM REGIME DE TAKE AWAY

Mais informações em www.cm-melgaco.pt

CAMINHA | MELGAÇO | MONÇÃO
PAREDES DE COURA | VALENÇA
VILA NOVA DE CERVEIRA



TURISMO DO PORTO E NORTE DE PORTUGAL
portoenorte^{TEM}



Pastoral Litúrgica

Comunidade, Palavra,
Silêncio e Beleza

José Rodrigues Lima



A Igreja Cristã é uma comunidade celebrante, de modo especial na eucaristia “fonte e cume” de toda a ação apostólica.

A presença de Jesus Cristo sente-se com mais intensidade através da palavra bíblica, “quando dois ou três se reúnem em Meu nome, Eu estou no meio deles” (Mt. 18, 20) ou pela presidência do celebrante que age *in persona Christi* ou nas sagradas espécies no sacrário.

A comunidade congregada recebe o Espírito de Luz santificante onde se comunica a verdade, a bondade e a beleza, sentindo o mistério de estar em unidade com a transcendência, com o divino. O *Ámen* da assembleia manifesta participação ativa na celebração.

“Vinde a mim todos os que andais sobrecarregados e oprimidos e eu os aliviarei” (Mt. 11.28-30).

BELEZA LITÚRGICA

O Domingo é o dia da Ressurreição. Dia da celebração por excelência da nossa fé. Este tempo de quaresma é uma revitalização da vida interior de cada cristão para que seja capaz de haurir toda a riqueza e beleza do Mistério da Páscoa. Nele, celebramos a festa da nossa fé em comunidade, sabendo que somos caminheiros da verdade, bondade e beleza, encontrando luzes, referências e escutando vozes e sons de eternidade que nos levam à harmonia existencial, à verdadeira estrutura antropológica, sentindo a contemplação do transcendente, do divino.

Se na Igreja Paroquial ou noutra assembleia comunitária celebramos a fé no Pai, Filho e Espírito Santo, na igreja doméstica isto é, em família, somos convidados a reforçar a mesma fé batismal.

O teólogo Tomas Halik, no seu livro “O sinal das igrejas vazias”, sublinha: “talvez devamos aceitar a atual crise de abstinência de serviços religiosos e da atividade da Igreja como Kairos, isto é, como uma oportunidade para pararmos e fazermos uma reflexão profunda e empenhada sobre o que significa Deus para nós e qual a nossa relação com Deus.

O desafio mais premente é o de ir ao centro do Evangelho, fazer uma viagem ao interior do Mistério cristão.



Talvez este estado de emergência atual seja um indicador de qual deve ser o novo rosto da Igreja.

Creio que devíamos, sim, por à prova a veracidade das palavras de Jesus: “Onde estão dois ou três reunidos em Meu nome, Eu estou no meio deles”.

Que nós possamos exclamar extasiados: «Maranata» – Vem, Senhor Jesus!

O Deus dos Deuses

“A verdade é o conhecimento absoluto da realidade”

Barros da Costa

A Realidade é como É. Mutável e Transitória. Ela domina as circunstâncias com valores instáveis e aleatórios. Condiciona a vontade e limita as nossas ambições e saberes. Muitas vezes, impõe-nos comportamentos de atores falhados em amargas representações. Somos como temos que ser, para continuarmos socialmente integrados. Ficamos zangados e descontentes conosco. Perdemos-nos em nós no meio dos outros. Estes, são quase sempre obstáculos que, com as suas ambições e desejos podem por em causa os nossos valores e convicções. Fraternidade, diálogo e consenso tornam-se monstros invisíveis e, quase sempre invencíveis. Vivemos perdidos numa solidão que não conseguimos superar. Sem capacidade para ouvir os outros, protestamos contra tudo e todos, para repetir e assumir o eco das nossas próprias palavras.

Por falsas afirmações de confusos valores estamos perdidos em nós. Constantes e inverosímeis verdades fazem-nos tristes e infelizes. Rapidamente nos conduzem para extremismos de pensamento e ações onde as vítimas sempre seremos nós.

A Verdade é um valor de conhecimento absoluto. Só os deuses dizem ser e ter a sua encarnação. Nesta divina furtividade de termos nascido e aqui viver, só a convicção da nossa fraterna existência poderá fazer acontecer o milagre da Verdade. Então, nos Ceus da nossa humanidade, talvez possamos ser felizes e quase divinos em nova e absoluta Realidade.

... E Deus majestoso e humano, como mendigo que ninguém ouve, cantará conosco a sua divindade.

Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...

RA Adérito
restaurante
capacidade para 250 pessoas

casamentos * baptizados * comunhões
aniversários * serviço de catering * diárias

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716
restauranteaderito@gmail.com
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

Peso Paderne Melgaço

HB
HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Alojamento e Restauração

Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

Melgaço distinguido “Destino Gastronómico do Ano 2020” pela Revista de Vinhos

“Ainda iremos muito a tempo de usufruir deste galardão”

João Martinho



No início de Fevereiro, a edição especializada em vinhos e gastronomia realizou a cerimónia de entrega de prémios no âmbito da iniciativa “Os Melhores do Ano 2020” e entregou ao município de Melgaço a distinção de **Destino Gastronómico do Ano** “pela diversidade de propostas enogastronómicas, culturais, patrimoniais e de turismo de natureza, a que se junta a grande vertente promocional de um território conhecido pelo Alvarinho e pelo fumeiro”.

No que respeita à gastronomia, às entidades e pessoas que se tornaram referência ao longo do ano 2020 neste ramo, a Revista de Vinhos reconheceu várias figuras de referência nacional, mas há muito de Alto e Baixo Minho na lista de premiados.

Melgaço faz parte da estrita lista de galardoados que distinguiu, entre outros, **João Cepeda** enquanto **Personalidade do Ano na Gastronomia** pelo “arrojo demonstrado e o reconhecimento da internacionalização do conceito para destinos como os EUA, Dubai ou Londres”; **Ljubomir Stanisic** enquanto **Chefe de Cozinha do Ano**, “por ter sido das vozes mais escutadas do sector e por ter ainda alcançado uma estrela Michelin para o restaurante 100 Maneiras”; e **Stéphanie Audet**, uma canadiana radicada em Portugal que “dá nas vistas no Senhor Uva”, em Lisboa, conquistando assim o prémio **Chefe de Cozinha Revelação do Ano**.

Os produtos minhotos estão ainda subentendidos no galardão **Restaurante do Ano**, atribuído ao “clássico” **Solar dos Presuntos** (de origens monçanenses), “que desde a década de 70 tem conquistado lisboetas e visitantes da capital com sabores de matriz minhota”.

O prémio de **Produtor Artesanal do Ano** foi atribuído aos **Lacticínios Marinhas** (Esposende), “famosos pelos queijos e pela manteiga que tem sido considerada das melhores em termos internacionais”.

“Encontrar mérito implica estar no terreno para conhecer na primeira pessoa, saber o que se faz em Portugal e o que se passa no mundo para poder acompanhar o dinamismo de sectores ágeis e sofisticados, que criam tendências. Classificar esse mérito implica objectividade, rigor, independência e perspicácia, que se tem de aliar e conjugar com esse conhecimento obtido e processado dia a dia. Ter mérito merece reconhecimento, e “Os Melhores do Ano” da Revista de Vinhos são o culminar disso mesmo”, notou Nuno Pires, director da Revista de Vinhos.

Em declarações ao jornal “A Voz de Melgaço”, o edil melgacense congratula os agentes locais envolvidos nos sectores agora distinguidos, considerando que este prémio “é um reconhecimento pelo trabalho de todos”.

“Tive a oportunidade de dar os parabéns a todos os actores locais ligados aos vinhos, aos produtos locais e à gastronomia; aos homens e mulheres que trabalham na restauração, porque o prémio deve-se muito a eles, de forma conjugada com a comunicação e promoção

do território que temos feito, todos juntos”, sublinhou Manoel Batista.

“É claro que este selo nos ajudará a colocar o destino no mapa logo que tivermos oportunidade para abrir portas e os restaurantes estiverem a funcionar. Garantirá uma excelente promoção, utilizaremos esta bandeira. Ainda iremos usufruir bem deste galardão”, notou ainda o autarca, reforçando esperanças para que a época alta de 2021 possa retomar alguma da ‘normalidade’ perdida nos últimos meses.



Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o **251 096 297** e o e-mail é **cnmelgaco@gmail.com**.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI TRANQUILIDADE ZURICH



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Eva de Jesus P. Lourenço
Tortim - Cristóval | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José de Carvalho**
Granja - Alvaredo | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Joaquim Alves**
Pinheiro - Paderne | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Leonardo Domingues Casal**
Vila | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria de Lourdes F. Afonso**
Prado | 59 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Mâncio Alves de Melo**
Bouços - Prado | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Aurora Afonso**
Laceiras - C.Laboreiro | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Sérgio Rocha**
Vila - Melgaço | 80 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Ana Maria Lima Peres**
Vila - Melgaço | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António Esteves Marques**
Vila - Melgaço | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Marco Alexandre Rodrigues**
Vila - Melgaço | 44 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Isabel D. Magalhães**
Granja - Alvaredo | 73 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



CFAM Internacional Funerária (Vilarinho)

Júlia Esteves
Sobreiro - Cristóval | 97 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Rosa Lourenço Domingues**
Coto Santo - P.Monte | 87 Anos

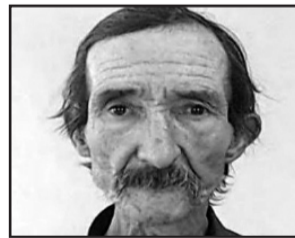
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Amado de Jesus da Rocha**
Parada do Monte | 62 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Manuel Fernando Barreiros**
Bouços - Prado | 72 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria de Lourdes Lemos**
Couso | 84 Anos

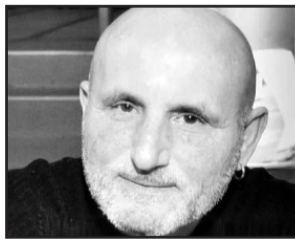
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Rosa Domingues**
Rib.Baixo - C.Laboreiro | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Luís de Castro**
Casais - Paços | 60 Anos

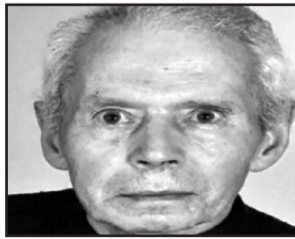
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Henrique Domingues**
S.Gregório - Cristóval | 85 Anos

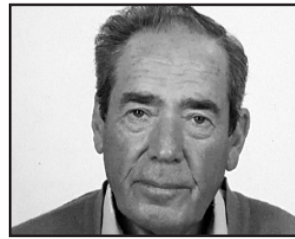
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Tomás Fernandes de Barros**
Paderne | 73 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António Domingues**
Santo Amaro - Prado | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



FALECIMENTOS EM FRANÇA

Maria Teresa Pinto

Foi em 24 de Janeiro que esta nossa estimada assinante deixou seus familiares e amigos, com uma morte ainda não esperada, pois tinha muito para dar.

Sendo natural do lugar da Igreja, em Chaviães, foi no cemitério da terra natal que foi sepultada.

Descanse em paz!

A família agradece todas as mostras de solidariedade, carinho e conforto com que foi ajudada a superar tão dolorosos momentos.



João Pinto Rodrigues

Natural da Vila, estava em França há muitos anos e era um fiel assinante do jornal.

Aparentemente, andava bem, pois tinha 79 anos, mas uma indisposição que o levou ao hospital acabaria por o vitimar inesperada e rapidamente, com enorme desconforto e desgosto da família, que tem a impressão de que lhe poderiam ter dado outro atendimento hospitalar e talvez salvo a vida.

Faleceu em 10 de Fevereiro e foi sepultado na localidade onde residia Saint Pierre-Des-Corps.

Era viúvo de Carmelinda Lopes e tinha três filhos: Maria de Fátima, Deolinda e João. Tinha 8 netos e 2 bisnetos.

Era uma pessoa muito estimada e prestável para ajudar no que fosse necessário. E amigo verdadeiro dos seus amigos.

Que Deus o tenha no seu regaço de Pai amoroso e misericordioso.

Por certo viverá nos pensamentos e corações dos seus familiares.



AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Rosa Domingues
Rib.Baixo - C.Laboreiro | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Noémia Esteves
Portelinha - C.Laboreiro | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Maria Manuela Rodrigues
Vila - Melgaço | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Zulmira Augusta Rodrigues
Fiães | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Armando Fernandes
Picotim - C.Laboreiro | 71 Anos

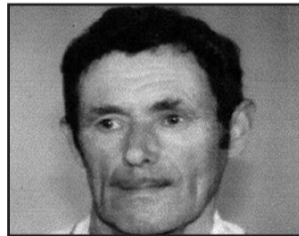
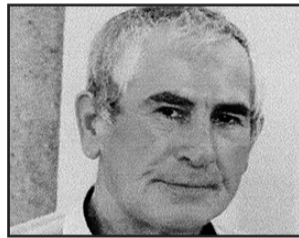
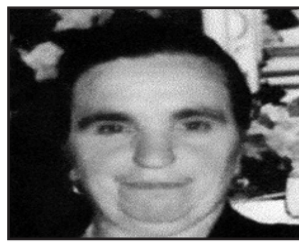
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

António da Cunha Martins
Chaviães | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Elvira Rodrigues Afonso
Vila - C.Laboreiro | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/02/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICADO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **dezanove de fevereiro de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas treze e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZANOVE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **MANUEL JOSÉ ROUCEIRO FERNANDES** e mulher **IRADINA PIRES ESTEVES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da freguesia de Gavieira, concelho de Arcos de Valdevez, ela da extinta freguesia de Parada do Monte, concelho de Melgaço, residentes no lugar de Aldeia Grande, União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, concelho de Melgaço, da dita freguesia declararam que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, dos seguintes bens imóveis, sitos na indicada **União das Freguesias de PARADA DO MONTE E CUBALHÃO**:

VERBA UM: Prédio Rústico, denominado **“CAVADOSSO”**, composto por terreno de cultivo e vinha, sito no lugar de **COTO SANTO**, com a área de **quinhentos e sessenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com José Pires e Caminho, de **SUL** com Armindo Lourenço, de **NASCENTE** com Iradina Pires Esteves e de **POENTE** com Manuel Esteves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1639** que teve origem no artigo 759 **rústico da extinta freguesia de Parada do Monte**, com o valor **patrimonial tributário e atribuído de € 85,32**;

VERBA DOIS: Prédio Rústico, denominado **“CAVADOSSO”**, composto por terreno de vinha, sito no lugar de **CAVADOSSO**, com a área de **quatrocentos e trinta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Caminho Público, de **SUL** com Armindo Pires, de **NASCENTE** com Constantino Domingues e de **POENTE** com Maria Esteves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1645** que teve origem no artigo 762 **rústico da extinta freguesia de Parada do Monte**, com o valor **patrimonial tributário e atribuído de € 203,32**;

VERBA TRÊS: Prédio Rústico, denominado **“CAVADOSSO”**, composto por terreno de cultivo e vinha, sito no lugar de **CAVADOSSO**, com a área de **quatrocentos metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Caminho Público, de **SUL** com Manuel Rodrigues, de **NASCENTE** com Manuel Domingues e de **POENTE** com Maria da Conceição Esteves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1647** que teve origem no artigo 763 **rústico da extinta freguesia de Parada do Monte**, com o valor **patrimonial tributário e atribuído de € 90,92**;

Que desconhecem os artigos da antiga matriz rústica e os referidos prédios vieram à sua posse em dia e mês que não podem já precisar por volta do ano de **mil novecentos e noventa e cinco**, por contratos verbais de compra e venda, em que foram vendedores:

Quando ao prédio indicado sob a **verba um**, Manuel José Esteves e mulher Maria Rosa de Barros, residentes ele que foi e ela que é no lugar de Costa, na referida União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão; quanto ao prédio indicado sob a **verba dois**, Manuel Luís Domingues e mulher Rosa Esteves, residentes que foram no lugar de Paço, na dita União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão e quanto ao prédio indicado sob a **verba três**, Maria Esteves, viúva, residente no lugar de Chão de Bezerro, na aludida União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão;

Que, no entanto, nunca chegaram a formalizar as respetivas escrituras públicas de compra e

venda e, desde essas datas, já no estado de casados, entraram na posse dos referidos prédios, limpando-os, cultivando-os, sulfatando, tratando a vinha e colhendo os seus frutos, nos de cultivo, limpando e usufruindo de todas as utilidades quanto aos demais, e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, continua e em nome próprio dos prédios **há mais de vinte anos** conduziu à sua aquisição por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, dezanove de fevereiro de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/03/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICADO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **dezanove de fevereiro de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas dezasseis e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZANOVE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **LUIZ MARTINS** e mulher **MARIA JUDITE FERNANDES MARTINS** casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da freguesia de Alvaredo, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de Presa, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte imóvel, sito na referida freguesia de **ALVAREDO**, não descrito na Conservatória do Registo Predial de MELGAÇO: Prédio Rústico, denominado **“CAMPO DA BESADA”**, sito no lugar de **PRESA**, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de dois mil metros quadrados, a confrontar de **NORTE** com Caminho Público, de **SUL** e **NASCENTE** com António Domingues e de **POENTE** com Cândido Domingues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1273**, com o valor **patrimonial tributário de € 287,36**;

Que desconhecem o artigo da antiga matriz rústica e entraram na posse do citado prédio em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de **mil novecentos e setenta e oito**, por doação verbal que lhes foi feita por Valeriano Martins e mulher Aurora Carnes, pais do justificante marido, residentes que foram no dita freguesia de Alvaredo, não tendo nunca chegado a formalizar a mesma, pelo que não dispõe de qualquer título formal para o registar na conservatória;

Que há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, cultivando-o, Limpando-os tratando a vinha, sulfatando-a e colhendo as uvas, agindo, quer quanto à fruição, quer quanto aos encargos, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade e que esta posse tem sido exercida sem interrupção, de forma ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja;

Que da presente justificação

não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, continua e em nome próprio do prédio por mais de vinte anos conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, dezanove de fevereiro de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



«A Voz de Melgaço» 01/03/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICADO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **vinte e quatro de fevereiro de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas 44 e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **148 - A** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **ELVIRA DA PUREZA LOURENÇO**, N.I.F. 184 937 442, solteira, maior, natural da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde reside, no lugar da Barreira, declarou: Que é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, dos seguintes imóveis, **omissos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço:

Verba um: Prédio Rústico, composto por terreno de pinhal e mato, denominado **“Chão da Velha”**, sito no lugar de Sante, freguesia de **Paderne**, concelho de **Melgaço**, com a área de oitocentos e vinte metros quadrados, a confrontar do norte com Manuel Francisco Alves, do sul com António Rei Cardoso, do nascente com Caminho Público e do poente com Francisco Gonçalves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2363**, com o valor **patrimonial de €7,98** e o atribuído de igual valor.

Verba dois: Prédio Rústico, composto por terreno de pinhal e mato, denominado **“Leira da Devessa”**, sito no lugar de Barreira, freguesia de **Paderne**, concelho de **Melgaço**, com a área de novecentos e trinta metros quadrados, a confrontar do norte com Caminho público, do sul com Estrada Camarária, do nascente com Maria Amélia Gonçalves e do poente com Madalena Alves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2176**, com o valor **patrimonial de €9,78** e o atribuído de igual valor.

Verba três: Prédio Rústico, composto por terreno de cultura arvenses de regadio e vinha em ramada, sito no lugar de Barreira, freguesia de **Paderne**, concelho de **Melgaço**, com a área de quatrocentos e oitenta metros quadrados, a confrontar do norte e do poente com Elvira Vieites, do sul com caminho público, do nascente com Ernesto Malheiro, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2532**, com o valor **patrimonial de €42,10** e o atribuído de igual valor.

Verba quatro: Prédio Rústico, composto por terreno de cultura arvenses de regadio e vinha em ramada, denominado **“Pomar”**, sito no lugar de Barreira, freguesia de **Paderne**, concelho de **Melgaço**, com a área de noventa metros quadrados, a confrontar do norte, do sul e do nascente com Caminho público, e do poente com António Joaquim Louro, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2534**, com o valor **patrimonial de €8,78** e o atribuído de igual valor.

Verba cinco: Prédio Rústico, composto por terreno de cultura

arvenses de regadio e vinha em ramada, denominado **“Machuca”**, sito no lugar de Sante, freguesia de **Paderne**, concelho de **Melgaço**, com a área de seiscentos metros quadrados, a confrontar do norte com Francisco Lourenço, do sul e do nascente com António Augusto Alves e do poente com José de Carvalho, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2665**, com o valor **patrimonial de €50,08** e o atribuído de igual valor.

Verba seis: Prédio Rústico, composto por terreno de cultura arvenses de regadio e vinha em ramada, denominado **“Chão do Souto”**, sito no lugar de Sante, freguesia de **Paderne**, concelho de **Melgaço**, com a área de mil e seiscentos metros quadrados, a confrontar do norte e do sul com Caminho Público, do nascente com José Fernando Meleiro, e do poente com Manuel Joaquim Alves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2820**, com o valor **patrimonial de €122,90** e o atribuído de igual valor.

Verba sete: Prédio Rústico, composto por terreno de lameiro, denominado **“Pelo da Coutada”**, sito no lugar de Santo, freguesia de **Paderne**, concelho de **Melgaço**, com a área de oitenta metros quadrados, a confrontar do norte e do poente com Manuel Esteves, do sul com Rosa Esteves Vaz e do nascente com Humberto Rei, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 3057**, com o valor **patrimonial de €3,59** e o atribuído de igual valor.

Verba oito: Prédio Rústico, composto por terreno de pinhal e mato, denominado **“Carvalho Velho”**, sito no lugar de Sante, freguesia de **Paderne**, concelho de **Melgaço**, com a área de oitocentos e quarenta metros quadrados, a confrontar do norte com Libânia Souto, do sul com Oliveiros Alves de Castro, do nascente com Alberto Sérgio e do poente Maria Amélia Alves Lourenço, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 3430**, com o valor **patrimonial de €9,38** e o atribuído de igual valor.

Verba nove: Prédio Rústico, composto por terreno de pinhal e mato, denominado **“Carriceiras”**, sito no lugar de Sante, freguesia de **Paderne**, concelho de **Melgaço**, com a área de oitocentos e trinta metros quadrados, a confrontar do norte com Manuel Cabanos, do sul e do poente com Caminho Público e do nascente com António Fernandes Codesseira, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 3673**, com o valor **patrimonial de €7,88** e o atribuído de igual valor.

Que desconhece os artigos da anterior matriz rústica, o que declara sob sua responsabilidade.

Que entrou na posse dos citados prédios em dia e mês que não consegue precisar, do ano de mil novecentos e setenta, por doação verbal, que não chegou a ser formalizada, feita, por Manuel Lourenço e mulher Maria Alves Garelha, residentes que foram no referido lugar da Barreira.

Que há mais de **vinte anos** se encontra a justificante na posse e fruição dos citados prédios, exercendo sobre eles todos os poderes de facto inerentes ao direito de propriedade, na qualidade de sua dona, coma coisa sua e nessa convicção, cultivando-os, providenciando o corte da lenha e do mato, procedendo à sua limpeza, pagando a respetiva contribuição, usufruindo de todas as utilidades possíveis em nome próprio e sem oposição de ninguém, pelo que exerceu uma posse de boa fé, pacífica, continua e pública, sem interrupção e ostensivamente com conhecimento de toda a gente, adquirindo o seu direito por **usucapião**.

Que, não tendo a possibilidade de comprovar a posse dos citados imóveis, pelos meios extrajudiciais normais, os **justifica** para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Valença, 24 de fevereiro de 2021.

A Notária, Cláudia Sofia Vieira Barreiros

«Numa altura tão dura em que somos privados de acompanhar pessoalmente os nossos amigos na dor da perda de um ser querido, aqui nos fazemos eco dos sentimentos de todos quantos fazem com que a ausência imposta legalmente seja vencida pela proximidade de uma presença em página impressa que dá a conhecer a muitos e permite que nos unamos em oração agradecida por quantos esperamos estejam já nos braços do Pai, e pelos familiares para que consigam superar momentos tão difíceis».

Caminho Minhoto Ribeiro

Um percurso de peregrinação jacobea a valorizar e incentivar

Carlos Vaz

Já tem mais de 20 anos de trabalho (começou em 1998), o estudo deste caminho por parte de Cástor Pérez Casal, de Celanova e J. Ramón Estévez, de Ribadavia, historiadores e documentalistas, interessados sobremaneira na História Local.

Desde logo viram que tinham muito trabalho pela frente para investigar, recuperar e documentar historicamente o caminho. Passados quase 11 anos, em 2009, em Ribadavia, nasce a Associação 'Encomenda do Ribeiro' que, passadas algumas semanas, renasce como 'Caminho Jacobeu Minhoto Ribeiro', ficando como presidente o Cástor, que assume o pesado encargo de continuar, em conjunto com o J. Ramón, o trabalho de recuperação, fundamentação e consolidação documental e histórica do Caminho.

O percurso a recuperar e documentar ficou a chamar-se «Caminho Minhoto Ribeiro», porque é também um caminho dos peregrinos do Minho, guiado fundamentalmente pelo rio Minho para os concelhos mais próximos da fronteira, Monção e Melgaço. De Padrenda, primeira localidade de fronteira marcada pelo Rio Trancoso, outrora denominada 'Barjas', segue até Ribadavia. E com a propósito se pode denominar também 'Ribeiro', porque, a partir desta localidade galega, é precisamente o vinho do Ribeiro o elemento fundamental que dá sentido e características específicas a um percurso de peregrinação que segue aquele que era também o percurso do vinho e sua venda para outras terras, entre elas Santiago.



também várias jornadas de divulgação e participação noutros convénios que enquadram ainda melhor a proposta de Caminho por eles documentada.

Em 23 de Novembro de 2013, em Padrenda, Cástor lança o desafio aos representantes municipais galegos e portugueses por onde passa este camunho a que se constituam como associação independente, a fim de iniciarem os trabalhos administrativos perante a Junta da Galiza para a consecução do fim último de todo este trabalho: a declaração oficial deste percurso como Caminho de Santiago. Nesse trabalho, contariam com todo o apoio e assessoria dos dois historiadores.

Em princípios de 2014, Cástor sente necessidade de uma nova aposta, a cartografia dos lugares, tendo em vista encontrar um mapa histórico rigoroso e bem documentado, que reproduza e plasme o mais fielmente possível o traçado oficial deste percurso (vial) ao longo dos séculos. E quanto mais avançava o estudo cartográfico, mais claro se tornava que esta rota de peregrinação dá seguimento à que vem de Portugal. Por isso se abalçou também a tentar documentar o trajecto português. E este trabalho de documentação histórica está também feito, e as câmaras municipais interessadas tiveram várias reuniões com o Cástor e elementos da equipa de investigação que dirige, para traçar o itinerário da parte portuguesa. O percurso de Braga a Santiago de Compostela está devidamente documentado, desde 14/XI/2020, fruto de múltiplas reuniões com técnicos das várias câmaras municipais envolvidas no projecto conjunto. O que falta é polir e afinar o projecto em termos de trajecto concreto entre os vários concelhos. Aliás, o trabalho sério e profundo efectuado teve o seu reconhecimento oficial na reunião conjunta dos municípios dos dois lados, em Melgaço, em 14 de Dezembro último. Foi aliás uma reunião que contou com a presença da Secretária de Estado do Turismo de Portugal e a Diretora de Turismo da Galiza.

Já em Maio de 2017, a Associação dos Concelhos do Caminho Minhoto Ribeiro, reunida em Ribadavia, tinha decidido apostar na sinalização, limpeza, tramitação e gestão administrativa para levar a efeito o reconhecimento oficial do Caminho. E é pedido ao Cástor para colaborar com todos e cada um dos presidentes nos trabalhos de documentação e assessoria sobre o traçado particular de cada um dos concelhos envolvidos. Trabalho ingente e a exigir mais ampla colaboração. Daí a criação, em Junho de 2017, de Grupo oficial de investigação histórica do Caminho Minhoto Ribeiro que, além do Cástor e do J. Ramón, incorpora mais 4 licenciados em Geografia e História, sendo um documentalista, outro arqueólogo, mais um em trabalhos de doutoramento. E ainda uma professora da Universidade de Vigo, 1 licenciado em Língua e Literatura, com a especialidade em Literatura Medieval, e 3 técnicos, sendo um deles encarregado da gestão e organização dos recursos naturais e paisagísticos.

Disto se infere que o projecto do Caminho Minhoto Ribeiro é um projecto rigoroso e sério, bem estruturado e documentado, fruto do trabalho esforçado e competente

de todos estes anos. Não há interesses de propaganda e de aliciamento apressado de incautos que se deixem seduzir por propaganda enganadora. Por isso, não transigem com a verdade dos dados de investigação histórica e arqueológica. Sucede, porém, que houve quem pretendesse favorecer a própria terra e concelho, advogando e custeando a sinalética para um percurso que, com documentação histórica à mão, se comprova que nunca, por tal local, passou o itinerário do Caminho. Mais, com a apropriação indevida do projecto, fruto do trabalho de outros durante muitos anos, e mudança de nome do Caminho e percurso efectuado, só confundem os peregrinos. Para mais: «publicam e vendem guias que não têm a autorização e o aval oficial e que mostram um itinerário erróneo, algo que o público que os compra desconhece».

O projecto do Caminho Minhoto Ribeiro tem um momento histórico: a inauguração, em 20 de Agosto de 2017, do primeiro troço em terras da província de Orense: - o traçado correspondente ao concelho de Ponte Deva, localidade que fica entre Padrenda e Cortegada.

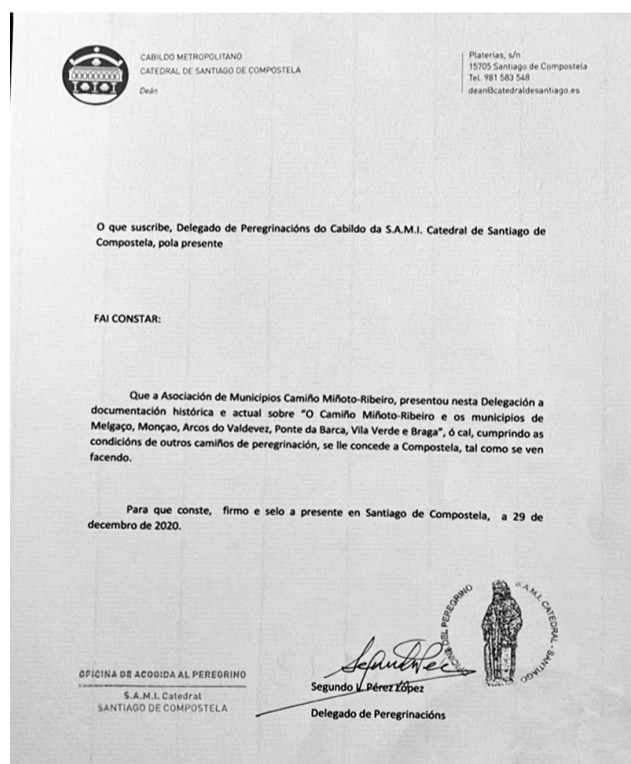
Outra data histórica para o Caminho é 12 de Julho de 2019, em Castro Laboreiro: a reunião dos representantes dos municípios galegos e portugueses por onde passa o Caminho Minhoto Ribeiro. Melgaço esteve representado pelo presidente Manoel Batista.

Sem dúvida que a data mais marcante, até ao momento, é a de 29 de Dezembro de 2020, em que o Delegado de Peregrinações, Segundo L. Pérez López, assina o Documento pelo qual se concede a Compostelana. Faz constar o seguinte: «A Associação de Municípios Camiño Miñoto Ribeiro, apresentou nesta Delegação a documentação histórica actual sobre o «Camiño Miñoto Ribeiro» e os municípios de Melgaço, Monção, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Vila Verde e Braga, ao qual, cumprindo todas as condições de outros caminhos de peregrinação, se lhe concede a Compostela, tal como se vem fazendo».

Desafios e trabalhos pendentes

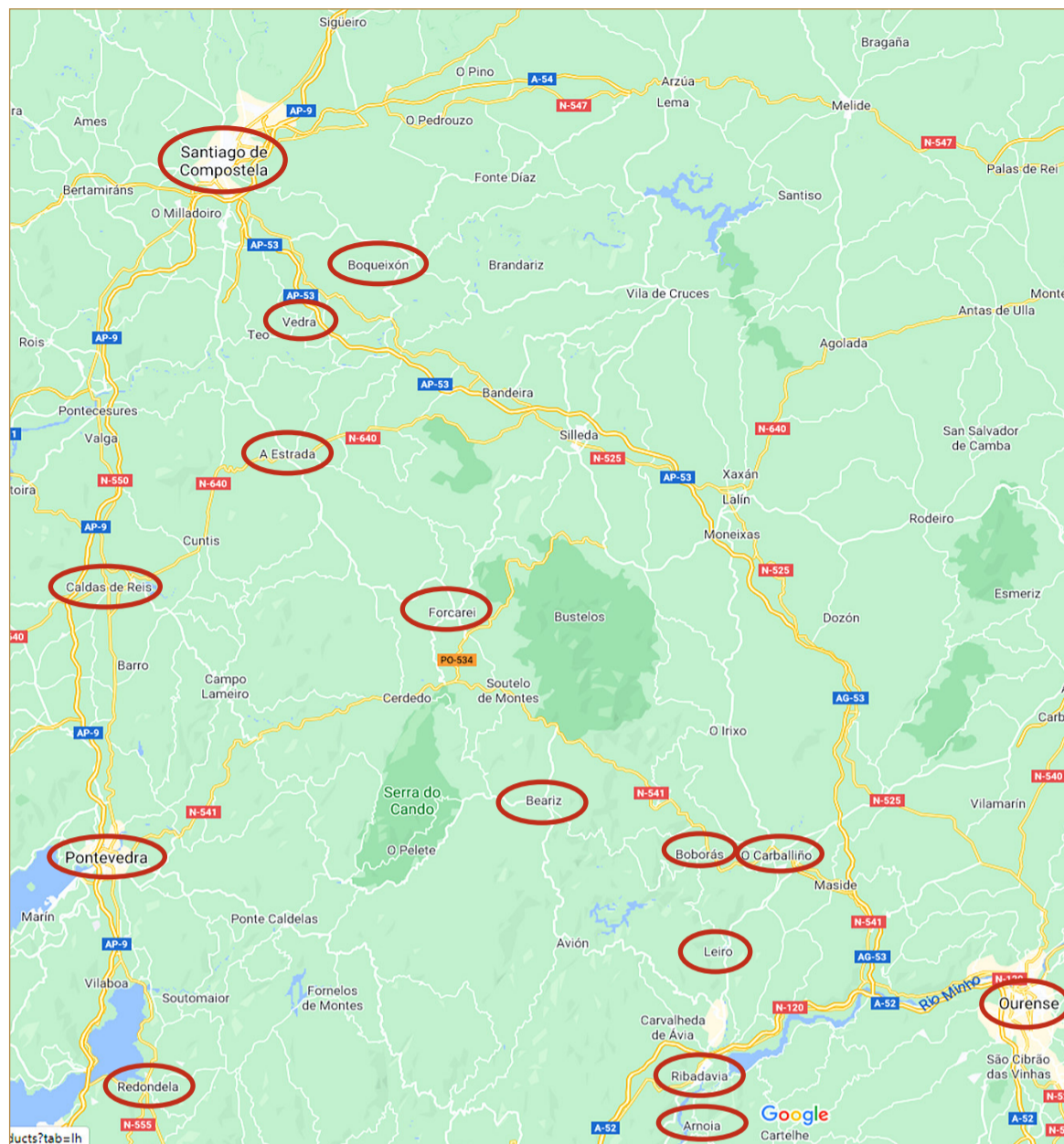
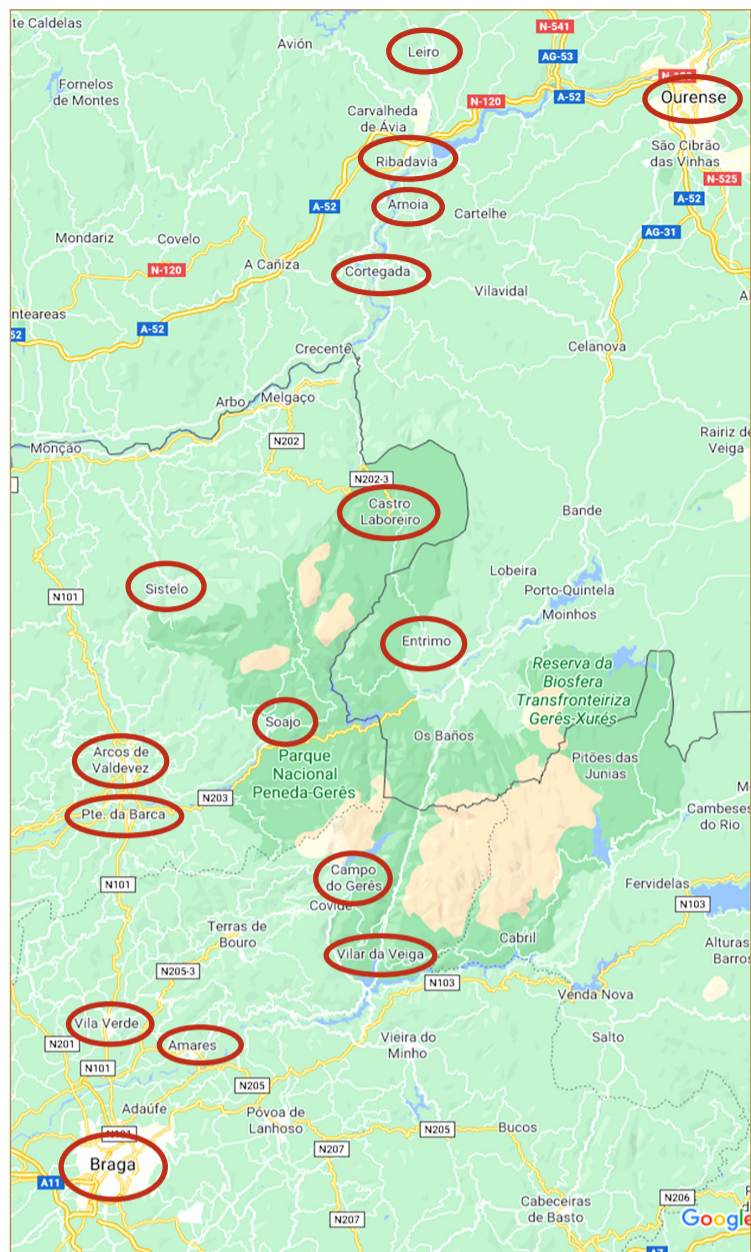
Com o aprofundar da investigação histórica, os mencionados historiadores e grupo de investigação, juntamente com os contributos que cada câmara municipal possa fazer e ajudar a fazer, vão tentar traçar com maior precisão ainda os percursos deste caminho, a partir de Braga.

Sabe-se que o caminho mais utilizado era o de Braga, Ponte de Lima, Valença, Tui, Porrinho, Redondela, Pontevedra, Caldas de Reis, Padrón, Faramellos e Santiago, também chamado 'Caminho Português Central'. Tal percurso foi feito a pé, em 2019, pelo Doutor João Alberto Correia, professor da Faculdade de Teologia de Braga da Universidade Católica, juntamente com mais 4 pessoas. Logo no ano seguinte, 2020, acompanhado de um aluno, fez o denominado percurso da costa, dividido em 3 etapas de dois dias: 27 e 28/7; 3 e 4/8, e 10 e 11/8/2020, partindo de Vila do Conde, e seguindo por Póvoa de Varzim, Apúlia, Esposende, Viana, Afife, Âncora, Moledo, Caminha, seguindo pela parte espa-



De 2009 a 2014, conseguiram uma rigorosa documentação e fundamentação histórica do traçado global da parte galega. E trataram ainda de apresentar o projecto às diferentes autoridades interessadas e envolvidas para que o caminho viesse a ser oficialmente reconhecido pelas competentes autoridades civis e religiosas. A coroar esse trabalho, em 2010, publicaram mesmo o livro «Camiño Xacobeo Miñoto Ribeiro», um verdadeiro compêndio de trabalho documental e que contou par a publicação com uma subvenção da Diputación Provincial de Ourense.

Naturalmente que desde o princípio sentiram que o caminho teria ainda mais pertinência e sentido se fosse também o prolongamento do caminho das populações vindas do norte de Portugal confinantes com a Galiza pelo rio Trancoso e fronteira seca de Castro Laboreiro. E daí vem a presença, por exemplo, nas IX Jornadas de História de Castro Laboreiro, em Agosto de 2010. E há



Dois trajetos: 1º – Braga, Vila Verde, Ponte da Barca, Monção, Melgaço seguindo para Ribadavia Santiago; **2º** – Braga, Ponte da Barca, Soajo, Castro Laboreiro, Cortegada, Ribadavia, Santiago

Continuação do Caminho Central Português: 1º – Redondela, Pontevedra, Caldas de Reis, Santiago de Compostela; **2º** – **Parte Espanhola do Caminho de Braga-Santiago:** Arnoia, Ribadavia, Leiro, Boborás, A Estrada, Vedra, Santiago

nhola a começar em La Guardia, O Rosal, Baiona, Vigo, Redondela, retomando aqui o percurso do chamado caminho central português que tinha feito no ano anterior. (Ver revista Cenáculo, nº 215, IIª Série, Ano 59. Semestral II . 2020).

O Caminho Minhoto Ribeiro prevê um percurso diferente a partir de Braga e duas entradas na Galiza, província de Ourense:

1. Braga, Vila Verde, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, Monção, Melgaço, atravessando os municípios galegos de Padrenda, Pontedeva, Cortegada, Arnoia, Castelo de Miño, Ribadavia, onde atravessa o Minho para o lado esquerdo de quem vai na direcção da nascente, seguindo para Beade, Leiro, O Carballiño, Boborás, Beariz, Forcarei, A Estrada, Vedra, Boqueixón e Santiago de Compostela.

2. Braga, Vila Verde, Ponte da Barca, Lobios, Entrimo, Castro Laboreiro, Portelinha, Alcobaça, Assureira (através do Porto dos Cavaleiros), até chegar a Lapela e Monterredondo, seguindo em direcção a Lapiñeiras, Freás, Carballal, San Roque, San Amaro, Lordelo, Car-

reira e Condado. Aqui, no Hospital de Santa Maria do Condado, uma das estruturas de então no apoio aos peregrinos, encontrar-se-iam com os do outro traçado, que desemboca em Cevide e Frieira, juntando-se ainda com os que, desde Paderne e Fiães e outras terras de Melgaço e Monção desciam por Pousafoles até Lavandeira. Daqui seguiriam por Saa, Lousa, Trado, atravessando o rio Deva pela Ponte de Trado. E depois seguiam até ao caminho que passa em Arnoia e unir-se-iam às pessoas vindas das terras de Cella Nova ou Reza, até Ribadavia. Depois, seguiram o restante percurso já assinalado em 1.

Os mapas que acompanham este texto, dentro do que é possível, tentam espelhar melhor o trajecto principal do Caminho Minhoto Ribeiro.

Esperemos que vão aparecendo mais elementos que permitam a sinalética no traçado português com toda a precisão e fundamentação histórica.

NOTA – Este texto foi escrito com base em toda a documentação produzida para o efeito pelo Dr. Cástor Pérez Casal que, para o efeito, me forneceu e que li e reli com agrado. E teve



em conta ainda referências bibliográficas próprias, atinentes ao caso dos caminhos medievais e aos caminhos de peregrinos para Santiago de Compostela. Entre eles, alguns do saudoso Amigo, Doutor José Marques, a quem dedico este texto, e outros do falecido professor da Faculdade de Letras do Porto, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, sobre os Caminhos Medievais Portugueses, a que dedicou a sua Tese de Licenciatura, já em 1968.

PIZZARIA

T. 251 403 058

Inovação é o que nos distingue

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia

EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

Melgaço pintado por Jaime Murteira

Filomena Salgado



Sem título e sem data



Sem título e sem data



Trecho de Rua, 1956



Sem título e sem data



Rua de Melgaço

Quem foi Jaime Murteira e a razão de retratar Melgaço, são as duas questões que de imediato se colocam quando apreciamos a obra pictórica do artista inspirada no nosso concelho.

Jaime Murteira nasceu em Lisboa a 10 de Dezembro de 1910, sendo como pintor um seguidor tardio do movimento naturalista português. Em 1933, licenciou-se no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras de Lisboa, tendo começado a trabalhar nos serviços das alfândegas. Mais tarde, em 1942, frequentou o curso de pintura da Sociedade Nacional de Belas-Artes, tendo realizado, entre 1942 e 1950, diversas exposições individuais no Salão Silva Porto, no Museu Regional de Lagos e na Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde foi premiado com uma menção honrosa, recebendo também o 2º prémio em pintura a óleo no Salão de Primavera, Prémio Silva Porto e a 3.ª medalha em pintura no Salão Estoril. Em 1954, obteve a primeira medalha em pintura da Sociedade Nacional de Belas-Artes e, mais tarde, o prestigiante Prémio Silva Porto outorgado pelo Secretariado Nacional de Informação.

As principais obras deste artista, compostas predominantemente por paisagens, tanto do litoral como do interior do país, com destaque para as paisagens outonais e melancólicas do Ribatejo, as “manchas” espantadas do litoral algarvio e as rústicas ruas de aldeias minhotas, encontram-se bem representadas na colecção do Museu José Malhoa, nas Caldas da Rainha, acervo de referência do Naturalismo Português.

Murteira faleceu, em 1986, de pneumonia. Foi homenageado pelo Município de Lagos com a atribuição do seu nome a uma rua da cidade - Rua Pintor Jaime Murteira.

Com efeito, durante o seu percurso profissional nas alfândegas nacionais, Jaime Murteira chefiou muitos dos diversos postos aduaneiros de Portugal Continental, quer nas zonas fronteiriças com Espanha, quer em toda a orla costeira nacional, tendo chegado, por fim, ao exercício do cargo de Director Geral das Alfândegas.

Deslocava-se muitas vezes, por exigência profissional, aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, assim como a todas as então designadas povíncias ultramarinas; sempre que lhe foi possível, nos seus tempos livres e por sua conta e risco, também viajou um pouco por



Rio Minho, sem data

todo o mundo, aproveitando sempre estas oportunidades para pintar.

Em Portugal, o Naturalismo foi introduzido por Marques de Oliveira e Silva Porto quando regressam de Paris, na década de 70 do século XIX, sendo Jaime Murteira um seguidor tardio e um dos últimos artistas do movimento naturalista português.

A pintura naturalista aparece no século XIX em França e interessa-se pela natureza. É pintada fora dos ateliers, ao ar livre e tem como temática paisagens, marinhas e cenas bucólicas em ambientes populares.

Os pintores tiveram um particular interesse pelas variações atmosféricas e pelos efeitos de luz. Na pintura naturalista, o pintor busca “imitar” a Natureza, preocupando-se apenas com as cores do local, com o sol, o dia, a noite, muitas vezes, retratando cenas rurais com exatidão para fazer sentir a atmosfera do local e sem quaisquer outras pretensões.

Os pintores naturalistas retratavam paisagens, cenas do quotidiano e retratos, fazendo com que a maior parte das suas obras fosse ao ar livre, uma vez que esta era feita no local, enquanto o pintor observava diretamente aquilo que queria pintar, considerando a luz e a cor do local, deixando ao abandono as temáticas religiosas, de inspiração histórica ou literária e a fantasia que os pintores do romantismo tanto gostavam. Queriam pintar a natureza, na imensa variabilidade da luz natural que alterava as cores das coisas e da atmosfera, ao longo do dia e nas sucessivas estações do ano. Para os Naturalistas, o campo e as paisagens tinham uma superioridade moral em relação à cidade.



Outono, Castro Laboreiro

Em Portugal, os pintores das primeiras décadas do século XX, apesar de conhecerem as correntes artísticas europeias, permaneceram mais ligados ao naturalismo: a um naturalismo sentimental e romântico que ainda hoje é entendido e admirado (destaca-se o facto de, atualmente, as telas de Malhoa, Columbano ou Silva Porto sendo muito procuradas, atingem valores muito elevados em leilões nacionais).

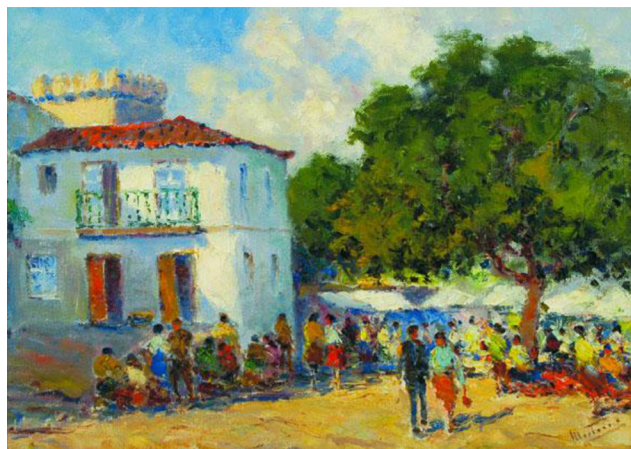
A partir da década de 30 do século passado, já depois da criação do Secretariado de Propaganda Nacional, a pintura portuguesa esteve limitada a uma pintura oficial que passou a ser feita só por uma pequena elite de artistas.

Este Secretariado passou a controlar a pintura, organizando exposições (Salões Anuais de Arte Nacional), escolhendo os artistas, as temáticas (cada vez mais nacionalistas, ruralistas e de pendor sentimental), as formas de representação (dentro do esquema tardo-naturalista e por isso figurativo e de fácil leitura) e as próprias cores (claras e calmas). Aqui encontramos Jaime Murteira no seu esplendor.

Da vasta produção artística deste pintor, referente ao concelho de Melgaço, da qual podemos apreciar alguns quadros a ilustrar estas notas, serão quase inexistentes as obras que aqui terão permanecido, dado que foram adquiridas por muitos dos apreciadores de obra de Jaime Murteira, bem como por outros colecionadores privados e diversas instituições públicas espalhadas pelo país. Que saibamos, deste pintor, apenas uma das obras inspiradas nas terras de Inês Negra, atualmente, é propriedade de um melgacense.



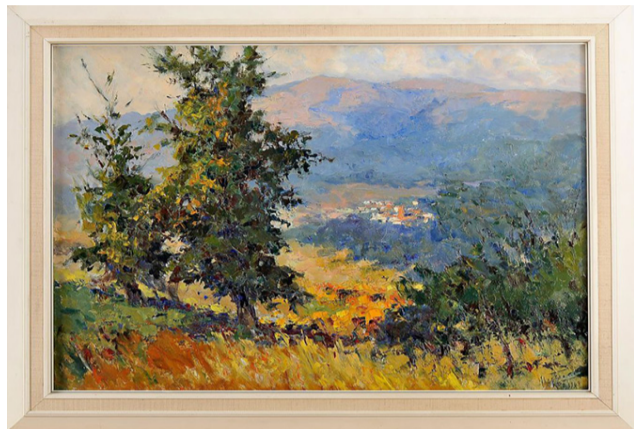
Melgaço, 1961



Dia de Mercado, sem data



Sem título e sem data



Melgaço, 1967



Coleção particular de um melgacense, 1954



Peso, sem título e sem data



Praça com figuras, sem data



Penso Street, sem data



Casa Minhota, Gondufe, 1970

Em jeito de conclusão desta breve notícia sobre o trabalho de Jaime Murteira, transcrevemos o texto de Valter Alves, no seu blog *Entre o minho e a serra*, datado de 22 de maio de 2020, que, fazendo referência ao blog de Ilídio de Sousa, *Melgaço do Monte à Ribeira*, de 7 de março de 2013, diz o seguinte: “Nos idos anos sessenta e setenta do século passado, havia uma presença que era notada na vila de Melgaço nas temporadas de Verão. Era a do pintor Jaime Murteira que costumava passar os verões no Terreiro onde pintava e ainda hoje há pessoas que se lembram de o ver por lá a pintar. Nessas temporadas de permanência em Melgaço, pintou alguns dos seus mais bonitos quadros que retratam recantos da nossa terra

e que vamos recordar no artigo de hoje. Quadros que retratam Penso, Gondufe (Chaviães), o rio Minho, um dia de Feira, uma rua da vila de Melgaço, entre outros...

Quem se recorda dos tempos em que o conceituado pintor passava temporadas em Melgaço conta que:

“Do prédio do terreiro saía o Sr. Murteira, bata branca, olhar altivo, cavalete de madeira debaixo do braço e maleta na mão, passo largo como que a medir terreno e chegado ao terreiro pequeno cravava o cavalete de pontas metálicas, sacava da maleta, paleta, tintas e espátula e os putos esqueciam o jogo. Eles eram os únicos a seguir o filme que o Sr. Murteira passava para a tela, silenciados pela maravilha das cores que nem no Pelicano com índios

e cowboys os impressionavam tanto.

Os outros sussurravam, encolhiam os ombros, debandavam para a tasca escolhida sem darem conta que os jogos e berreiro dos putos tinham acabado.

Sentados à roda ou em pé, bocas abertas seguiam os vermelhos e amarelos, azuis e verdes, as cores da terra que os vira nascer e sempre ignoraram.

Recolhida a tela, fechado o cavalete, o cortejo dos putos seguia Sr. Murteira até à porta do prédio. Nessa noite os sonhos dos rapazes da vila foram mais coloridos e até o comboio galego, feio e cinzento, apitou com mais doçura”. (in: Blogue “Melgaço do Monte à Ribeira”).

27-02-2022

Terminada intervenção na zona de lazer e Mamoas do Batateiro

João Martinho

Pelo interesse turístico de toda a envolvente e pela procura enquanto área de estadia e lazer, a autarquia procedeu à criação de um parque de merendas e pavimentação de uma área para estacionamento.

A intervenção permite assim delimitar a área de plantação e cultivo de batatas, impedindo a entrada automóvel e os estacionamento abusivos. Anteriormente protegida por cerca electrificada, a área de cultivo está agora vedada com cerca.

A Mamoas do Batateiro, monumento megalítico de



razoáveis dimensões e com significativos vestígios estruturais no que concerne à câmara dolménica, está também delimitada com vedação. Esta Mamoas en-

contra-se a poucos quilómetros do Planalto de Castro Laboreiro, onde existe uma necrópole megalítica com cerca de uma centena de monumentos da pré-história.

Educação Física à distância? Inovador, mas “estranho”

Regresso(?) das aulas online com balanço positivo

João Martinho



A Escola Básica 2,3/S da Vila, do Agrupamento de Escolas de Melgaço, readaptou-se para os vários métodos de ensino. Já os alunos continuam a adaptar-se ao processo.

Paula Cerqueira, Directora do Agrupamento de Escolas de Melgaço, fazia uma avaliação “positiva” do regresso às aulas à distância, após os 15 dias de pausa forçada devido à nova vaga da pandemia Covid-19. O ensino à distância arrancou a 8 de Fevereiro e já ditou alterações ao calendário lectivo. Até agora, já eliminou as férias de Carnaval das habituais paragens e promete reduzir as da Páscoa a apenas quatro dias.

Em Melgaço, foram feitas “adequações curriculares significativas, com medidas pedagógicas adicionais” para onze alunos que estão a ser acompanhados pelos professores coadjuvantes.

As soluções para o acompanhamento presencial também tiveram de considerar os cerca de vinte alunos que frequentam “uma vez por semana” as terapias da fala, ocupacional ou de apoio psicológico; os seis alunos filhos de trabalhadores dos sectores essenciais e ainda

cerca de cinco alunos referenciados de risco pela CCPJ.

No que respeita ao apoio de material para acompanhamento das aulas à distância, a directora do agrupamento escolar indica que foram cedidos para empréstimo “68 computadores e 9 equipamentos de ligação à internet”, mas foi preciso recorrer em alguns casos ao apoio das Juntas de Freguesia ou associações locais para complementar a oferta de condições aos alunos.

“Não temos ninguém em lista de espera. Tive o cuidado de ser eu própria a ligar às famílias para perceber realmente as necessidades e, de todas as solicitações que tínhamos, está tudo controlado. As solicitações a que não conseguimos responder, tivemos apoio das Juntas de Freguesia, que se disponibilizaram espaços e utilização dos equipamentos, onde as crianças podem ter acesso a internet ou tirar fotocópias”, esclareceu a responsável escolar.

Em frente aos monitores, há um pequeno ‘exército’ de docentes que mantém a máquina na normalidade possível. Na escola há um professor de apoio, mas entre os professores coadjuvantes e os de todas as disciplinas

somam-se mais de oitenta no ensino à distância, “inclusive o de Educação Física”.

Do lado dos alunos, “há casos pontuais de meninos que, provavelmente, porque não estão a ser acompanhados em casa porque a partir dos 12 anos os pais já os podem deixar ficar sozinhos, não estão a encarar o ensino à distância com a seriedade devida. Mas são casos muito pontuais que os directores de turma tratam com as famílias”, indicou a Directora.

Sobre o impacto da adaptação ao ensino à distância na aprendizagem e eventuais ajustes nas matérias de estudo para os alunos que terão exames nacionais, Paula Cerqueira diz que os professores, a exemplo de outros anos, estarão disponíveis para dar aulas suplementares aos alunos que necessitem deste apoio extra.

“Não há nada que substitua o ensino presencial, mas é consequência da situação que vivemos. O mais importante é salvarmos a nossa saúde e a dos nossos alunos, se depois demorarem mais uns dias a aprender, mas estivermos todos vivos, compensa”. “Estou convencida de que o Ministério terá em conta todos estes constrangimentos, não quererá que os alunos saiam prejudicados na sua vida académica. Na altura das aulas presenciais, os professores terão em atenção o que não ficou consolidado no ensino à distância e mesmo em anos que não são de pandemia, no final do ano lectivo os professores dos exames nacionais dão, de forma voluntária, algumas aulas suplementares”, explicou.

O jornal “A Voz de Melgaço” visitou a escola. Em algumas salas, os alunos que estavam a ter aulas à distância... na escola. Contudo, a situação mais inusitada terá sido a de uma aluna que estava a ter uma aula de Educação Física no pavilhão com o professor via internet. A aula era de treino com bola e o professor explicava e controlava a execução do exercício por parte da aluna via *webcam*. “Curioso?” “Não, é estranho”, retorquiu a aluna.



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756



MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF N° 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133



CONVOCATÓRIA

Pedro João Mendes de Sousa e Silva, Presidente do Conselho Fiscal da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, convoca, nos termos da alínea a) do n.º 4 do art.º 22.º do Compromisso, conjugado com o n.º 3 do art.º 173.º do Código Civil, a Assembleia-Geral de Irmãos, para uma reunião extraordinária, que terá lugar no Pavilhão Gimnodesportivo da Escola EB 2,3+S de Melgaço, sita na Av. Salgueiro Maia 385, 4960-570 Melgaço, pelas 14h 30m, do dia 27 de março 2021, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º. Proposta de destituição do Presidente e da Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral;

2.º. Eleição de Presidente e de Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, para o restante período do quadriénio 2019-2022.

Se no dia e hora indicados não comparecerem número suficiente de irmãos, a reunião terá lugar meia hora depois, em segunda convocação, com qualquer número de irmãos presentes.

Melgaço, 26 de Fevereiro 2021

O Presidente do Conselho Fiscal,


(Pedro João Mendes de Sousa e Silva)

Atendendo às orientações das autoridades, na sequência do período que atravessamos, a reunião decorrerá de acordo com o plano de contingência elaborado para o efeito, o qual se encontra disponível nos serviços administrativos e será distribuído e explicado antes da entrada no local da reunião.

Obrigatório o uso de máscara de proteção.



SANTA CASA DA
MISERICÓRDIA
DE MELGAÇO

geral@mmelgaço.pt

251 401 646
Largo Loja Nova - Rossas
4960-570 Melgaço
www.scmelgaço.pt

CONVOCATÓRIA

Aprígio Manuel da Costa, Presidente da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, convoca, nos termos do n.º 2 da alínea b) do art.º 22.º do Compromisso da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, a Assembleia-Geral de Irmãos para uma reunião ordinária para o dia 20 de março de 2021, pelas 14,30h, que terá lugar no Pavilhão Gimnodesportivo da Escola EB 2,3/S de Melgaço, sito na Avenida Salgueiro Maia, com a seguinte ordem de trabalhos:

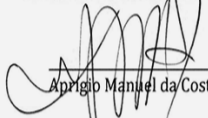
1.º. Leitura e aprovação das atas n.ºs 77 e 79, das reuniões realizadas em 22 de agosto e 21 de novembro de 2020, respetivamente;

2.º. Apreciação, discussão e aprovação do Relatório de Atividades e Contas do Exercício do ano anterior e do parecer do órgão fiscalizador, devendo estes documentos estarem acessíveis para consulta dos Irmãos, na sede e, no sítio institucional, logo que a convocatória seja expedida.

Se no dia e hora indicados não comparecerem número suficiente de irmãos, a reunião terá lugar meia hora depois, em segunda convocação, com qualquer número de irmãos presentes.

Melgaço, 25 de Fevereiro 2021.

Presidente da Assembleia Geral


Aprígio Manuel da Costa

NOTA: Segundo orientação da DGS, é obrigatório o uso de máscara, higienização das mãos, e será distribuído proteção para os sapatos (cobre sapatos descartáveis)



SANTA CASA DA
MISERICÓRDIA
DE MELGAÇO

geral@mmelgaço.pt

251 401 646
Largo Loja Nova - Rossas
4960-570 Melgaço
www.scmelgaço.pt

COMUNICADO

Eu, Aprígio Manuel da Costa, na qualidade de Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, venho comunicar o seguinte: Fui interpelado pelo Conselho Fiscal e pela Mesa Administrativa em 31 de Janeiro de 2021, para a realização de uma reunião extraordinária com dois pontos de ordem:

- Um com a proposta de destituição do Presidente e Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral

- outro com a eleição do Presidente e Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, para o restante período de quadriénio 2019-2022.

Segundo o número 5 do artigo 23 do Compromisso: "A decisão de convocação da Assembleia Geral extraordinária deve ocorrer no prazo de quinze dias após o pedido ou requerimento e a reunião deve realizar-se no prazo máximo de trinta dias, a contar da data da receção do pedido ou requerimento".

Antes de decorridos os quinze dias para a convocação da referida Assembleia Geral extraordinária, na dúvida, e de forma a acautelar a proteção de todos os Irmãos, solicitei ao Exmo. Senhor Coordenador da Unidade de Saúde Pública do Alto Minho, Dr. Luís Moreno Delgado, quais as condições em que se poderia realizar tal reunião, atendendo a atual situação pandémica, bem como o estado de emergência decretado, tendo sido por este informado que: "a reunião extraordinária da Mesa da Assembleia Geral da Santa Casa Misericórdia de Melgaço, no contexto da pandemia deverá ser realizada por videoconferência."

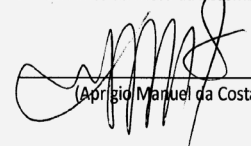
Atendendo a que era impossível de todo a realização da reunião pretendida, pelas razões acima referidas, informei os requerentes que a mesma ficava sem poder realizar-se enquanto vigorasse o tal estado de emergência e fosse permitida a realização da reunião de forma presencial.

Neste contexto a marcação da reunião ordinária para apreciar, discutir o relatório de atividades e contas do exercício do ano anterior, estatutariamente implícita no cumprimento dos deveres da Mesa da Assembleia Geral, conforme prevê o número 2 da alínea b) do artigo 22 do Compromisso em detrimento da reunião extraordinária acima referida é marcada pelos seguintes factos:

- A Assembleia Geral ordinária para aprovação de contas, por constituir um rito formal recorrente, é habitualmente frequentada por um reduzido número de Irmãos;
- A Assembleia Geral extraordinária, dada a delicadeza das questões que aí se poderão vir a discutir, será previsivelmente concorrida, por poder vir a implicar uma decisão quanto à destituição de membros de órgãos associativos;
- A Assembleia Geral extraordinária, pela natureza do seu objeto, tendo em vista o regular exercício do direito de voto, em condições próprias de um Estado de Direito Democrático, pressupõe uma discussão alargada e necessariamente demorada sobre o seu objeto, imprescindível ao esclarecimento dos Irmãos e a uma tomada de posição informada e consciente, por parte dos mesmos;
- A Assembleia Geral ordinária para aprovação de contas reveste-se de primordial importância para o cumprimento, pela Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, das suas obrigações, com particular impacto na relação com terceiros e, concretamente, no cumprimento de obrigações pecuniárias;
- A Mesa da Assembleia Geral, pela sua natureza, não tem natureza executiva, pelo que, sendo o campo de atuação desse órgão insusceptível de causar impacto relevante no atual funcionamento da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, não há razões de especial urgência que imponham a eleição de novos órgãos, devendo prevalecer, neste contexto, o cumprimento das obrigações de natureza legal e sanitária, necessárias à salvaguarda da saúde pública e de todos os Irmãos;
- Para além da omissão de invocação de fundamentos para a destituição de membros de órgãos associativos, por parte do Senhor Provedor, Mesa Administrativa e Conselho Fiscal, no pedido de convocatória de Assembleia Geral extraordinária, os mais tarde sucintamente indicados são genéricos e não circunstanciados e, sobretudo, reconduzem-se a diferendos pessoais, e não ao incumprimento de obrigações legal e estatutariamente impostas àqueles membros;
- O exposto na precedente alínea afasta uma situação de especial urgência que se possa sobrepor ao cumprimento de obrigações de natureza legal e sanitária e à salvaguarda da saúde pública e de todos os Irmãos;
- Por todas as razões acima invocadas, proceder-se-á à marcação da Assembleia Geral ordinária (sem prejuízo da sua desmarcação, por imperativo legal ou sanitário), relegando-se para momento ulterior, subsequente à cessação de tais restrições, a possibilidade de vir a ser marcada reunião da Assembleia Geral;
- Por essa altura, deverá ser submetido novo pedido de realização de reunião da Assembleia Geral, por quem tiver legitimidade para o efeito, devidamente circunstanciado e fundamentado.

Melgaço, 25 de Fevereiro de 2021

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral


(Aprígio Manuel da Costa)

Assembleias Gerais da Santa Casa da Misericórdia

Esclarecimento/Clarificação

Deve ser caso único na vida das instituições particulares de solidariedade social que se publicitem, simultaneamente, duas convocatórias para a realização de duas assembleias gerais, uma das quais ordinária, convocada, para o dia 20 de março de 2021, pelo presidente da Mesa da Assembleia Geral, e uma extraordinária, a ter lugar apenas uma semana após (a 27 de março), convocada pelo Presidente do Conselho Fiscal, e cuja convocatória nos foi remetida, em alinhamento com o que tem sido o habitual, pelos serviços administrativos da Santa Casa.

A reunião extraordinária agendada para o dia 27 de março de 2021, segundo nos foi dado a perceber, tornou-se necessária em razão de, amparando-se no estado de emergência e nas limitações (da presença física) decorrentes da atual situação pandémica, a não

ter o Presidente da Mesa da Assembleia Geral convocado para momento anterior, após pedido que para esse efeito lhe foi dirigido pelo Conselho Fiscal e pela Mesa Administrativa da Santa Casa, com data de 31 de janeiro de 2021.

Não nos foi, todavia, explicado (nem o logramos perceber) o porquê de não terem sido incluídos, na reunião ordinária convocada para aquele dia 20 de março, os dois assuntos (fulcrais) propostos pela Mesa Administrativa da Santa Casa e pelo Conselho Fiscal.

É nas assembleias gerais que os assuntos se discutem, se votam e se decidem, depois de expostas as propostas e as razões das mesmas.

Como órgão de comunicação e informação inserimos as duas convocatórias, bem como o Comunicado da autoria do senhor Presidente da Mesa da Assembleia Geral.



MIRA

Consigo desde 1850

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço | www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em www.mmira.pt.



O primitivo lugar de Vilela (Rouças - Melgaço) e a História do culto a Santa Rita

A localidade onde se encontra o santuário de Santa Rita tem muita História mas foi conhecido durante muitos séculos como o lugar de Vilela e apenas durante o século passado o topónimo referido entrou em desuso. Atualmente, o lugar é mais conhecido como Santa Rita e o antigo topónimo terá tendência a cair definitivamente no esquecimento.

O lugar de Vilela é mencionado em documentos históricos desde a Idade Média, séculos XII e XIII, sobretudo no chamado Livro de Datas, do mosteiro de Fiães.

Este lugar é citado no inventário de lugares da freguesia nas Memórias Paroquiais de 1758 como um lugar povoado. Na época, e especialmente até ao século XVIII, os seus limites deviam ser mais largos e incluir alguns lugares vizinhos já que os números de batismos são anormalmente elevados se comparados com os outros lugares da freguesia. Em meados do século XVIII, Vilela teria cerca de sessenta vizinhos, segundo documento apresentado mais à frente.

O topónimo “Vilela” é um diminutivo de “Vila”, do tempo dos romanos. As vilas do período romano eram unidades agrárias pertencentes a um senhor de elevada classe social. Vilela deriva do latim vulgar “villella”, que significa “pequena quinta”.

Este lugar é conhecido pelo seu culto a Santa Rita no seu Santuário concluído na década de cinquenta do século passado. Contudo, esta História do culto à Santa dos Impossíveis começa com uma capela dedicada a São Paio que ficava no lugar de Lobiô e que desapareceu no século XVIII...

Temos que recuar aos finais do século XVII, altura em que existia uma capelinha dedicada a São Paio acima do lugar de Lobiô, desta freguesia. Nessa época, esta ermida estava arruinada e os visitantes já tinham chamado à atenção anteriormente para o seu estado de avançada degradação.

O ilustre cónego José Marques, natural da freguesia de Rouças, num artigo escrito no jornal “Voz de Melgaço”, lembra-se dos “restos das paredes, emergentes do solo, até à altura de uns cinquenta ou sessenta centímetros, muitas vezes vimos, quando menino e moço, com os nossos companheiros, depois das sementeiras dos campos, iamos bem cedo, por causa do calor, apascentar os gados para o monte baldio da encosta de S. Paio, cuja designação lhe adveio da presença da capela...” (MARQUES, J., 2019).

Sabemos que 1707 a capela de São Paio já estava demolida e por determinação do visitador, deveria ser reedificada junto do lugar de Lobiô, como deixou determinado o pároco de Rouças, Brás Andrade da Gama, Doutor em Direito Canónico e Civil no livro “Livro que serve para os Títulos das Sepulturas, Capellas, Altares e Irmidas desta Freguezia de Santa Marinha de Rouças”, rubricado e assinado, nos serviços arquidiocesanos de



Braga, no dia 26 de outubro de 1707.

Segundo MARQUES, J. (2018), a capela que o visitador mandou erigir junto de Lobiô, acabou por ser construída no local onde atualmente se encontra o Santuário de Santa Rita, praticamente implantada, dentro da cabeceira desta nova igreja.

A nova capela de São Paio, construída no lugar de Vilela, estava já concluída em 1738 ou no primeiro trimestre do ano seguinte. Esta precisão funda-se no facto de o pároco de Rouças, Manuel da Cunha Lira, ter pedido licença para benzer a capela, em 26 de Junho de 1739, tendo a licença sido concedida pelo Cabido Sede Vacante em 28 desse mês e ano.

No documento do pedido de licenciamento pode ler-se: “... Diz Manuel da Cunha Lira, abade de Santa Marinha de Rouças, termo de Melgaço, comarca de Valença que havendo em a dita freguezia huma capella da invocassam de Sam Paio há tempo emmemorial cita em o lugar de Lovio que fica distante da egreja huma mea legoa e serra montuosa e caminhos empraticaveis fabricada pelos freiguezues por ser muito necessária para adeministrassam dos sacramentos para o sobredito lugar e outrossim, digo, e outro serconvizinho chamado Vilella que consta de sessenta vizinhos a sobredita capela por estar em parte desabrigada e sujeita às tempestades se foi arruinando; e vendo os Reverendos Vezitadores a grande necessidade que dela havia para os lugares sobreditos e desamparo do sítio, mandaram que os freguezes a reedificassem em melhor sítio e mais abrigado e acomodado para ademenistras-

são dos sacramentos dos dous sobreditos lugares, o que visto pelso freguezes com muito zelo reedificarão a dita capela no sítio mandado e de presente está feita com todo o primor e bem lajada forrada altar e retábulo com perfeição finalmente com todo o afeto e decencia para nela se celebrarem os ofícios divinos. E como se necessita de ser benzida que à sua fábrica os freguezes estão obrigados e de tempo emmemorial a esta parte pede a Vossa Senhoria seja servido conceder-lhe licença para a benzer para nela se celebrar por ser muito precisa a sua necessidade e receberá mercê”.

Uns dias depois, a 28 de Junho de 1739, é concedida a licença para se poder benzer a capela. No documento, podemos ler: “...vista a petição do suplicante Manoel da Cunha Lira, abbade de Santa Marinha de Rouças, termo de Melgaço, Comarca de Valença para que na forma do Ritual Romano benza a capela de que se trata e depois de benzida damos licença para que nela se diga missa e celebrem os Ofícios Divinos e nas costas desta passará sua certidão por que consta o dia, mês e ano em que foi benzida. E pello assim haveremos per bem mandamos passar a presente que será registada em o Registo Geral e sem isso não valerá.

Dada em Braga sob nossos sinal e sello capitollar, digo e sello desta desta Corte aos vinte e seis dias dos mês de Junho de mil e setecentos e trinta e nove (...)

Licença para o Reverendo Parocho da freguesia de Marinha de Rouças da Comarca de Valença benzer a capela de que se trata por Vossa Senhoria ver e assinar. E não se continha maes em a dita licença e maes Requerimentos. A qual heu Manoel Vieira Marra escrivão do Registo Geram desta Corte e pello Reverendo Senhor Cabido Sede Vacante Primaz das Hespanhas (...)

Em Braga oje aos vinte e oito dias do mês de Junho de mil e setecentos e trinta e nove annos. E eu Manoel Vieira Marra escrivão que o escrevi e assinei. Manoel Vieira Marra.” Sabemos que em 1755, a 20 Julho, por escritura, o Padre Manuel António Pinheiro de Figueiroa, impôs na Confraria das Almas de Rouças, uma capela de 4 missas anuais, das quais uma seria cantada a 22 de Maio, dia de Santa Rita, e assistida por 4 padres, uma cantada, outra rezada na mesma capela de Santa Rita a 26 Junho, no dia de São Paio, o seu patrono (ESTEVES, 2003).

Segundo o relato do padre Cleto José de Azevedo Sotomaior, pároco da freguesia na época, nas Memórias Paroquiais em 1758, esta capela era uma das quatro existentes na freguesia, sendo que já era dedicada a São Paio mas também a Santa Rita e ficava fora do lugar.

Mas quando é que terá começado o culto a Santa Rita nesta capela? Segundo MARQUES, J. (2019), “não podemos justificar como se foi implantando entre nós, mas podemos afirmar que, pelo menos, a partir de 1742, se terá desenvolvido, na sequência da graça ou “milagre”operado a favor de uma devota do lugar da Cela, cuja memória ficou perpetuada no ex-voto, que ainda se encontra na atual igreja”.

Esta velha capelinha do século XVIII desapareceu há pouco mais de meio século. Na verdade, foi demolida na década de 50 do século passado para dar lugar ao novo santuário dedicado a Santa Rita. O padre Carlos Vaz, pároco de Rouças na época e grande obreiro do Santuário de Santa Rita, escreveu na “Voz de Melgaço” em 1 de Junho de 1954: “A velha capelinha desapareceu. E ficaram-no muitas saudades. Pois se ela, muda e queda, era a testemunha viva de tantas lágrimas ali choradas, em vivo reconhecimento. (...) A velha capelinha de Santa Rita apertava-se entre quatro estreitas paredes, mal alinhadas e toscas. Cobria-a docemente, nas longas calmarias de Verão e abrigava-as das intempéries do Inverno um carvalho secular, alto, ramalhal, frondoso. Tudo passa.” (VAZ, C.,1954)

A estrutura do novo santuário de Santa Rita ficou concluída em 1955. O padre Carlos Vaz escreveu na “Voz de Melgaço”, na edição de 1 de Agosto de 1955:

“Graças a Deus. Terminámos a primeira etapa da construção do mosteiro.

Foi no dia 16. Vieram pela nossa casa os artistas que se encarregaram da cúpula e cruz, bem como de todo o

Irmã André, Decana da Europa, soprou 117 velas em Toulon

Costa Guimarães

Ela sobreviveu a duas guerras e lutou contra o Covid-19. Irmã André celebrou o seu 117.º aniversário no passado dia 11 de Fevereiro na companhia dos residentes da casa de saúde Sainte-Catherine Labouré em Toulon. Mas também foi um dia de reencontro “virtual” com seus parentes.

A Irmã André recebeu uma mensagem do Presidente da Câmara de Toulon, Hubert Falco, que mandou entregar um ramo de flores. O autarca só faltou uma vez nos últimos anos, por ter sido celebrado em Paris. Isso não escapou ao reitor, que não teve vergonha de dizer-lhe no ano seguinte. “Ela ainda fala comigo sobre isso”, sorri David Tavella.

No dia de aniversário, a Irmã André assistiu a uma missa na capela do estabelecimento, partilhou um almoço com os outros residentes: salmão e uma omelete norueguesa, a sua sobremesa favorita.

Com 117 anos está em boa forma, embora um pouco cansada por este período em que teve que ficar isolada, porque não está acostumada. A irmã André enfrentou o Covid. “Testada como positiva em meados de janeiro, disse que nem percebeu que tinha tido”, conta a confidente que especifica: “a irmã André também está ansiosa para comemorar este aniversário”.

De facto, foi um dia excepcional para a casa de repouso Sainte-Catherine Labouré em Toulon. A pessoa mais velha da Europa comemorou seu 117º aniversário.

117 velas para Lucile Randon, conhecida como Irmã André desde os 40 anos, ou seja, há mais de sete décadas. Um dia de reencontro para quem dedicou grande parte da sua vida aos outros.

Um dia foi marcado por uma reunião virtual, obviamente. A irmã André pôde conversar com os seus parentes, sobrinhos, sobrinhos-netos que ela não via há muito tempo, por causa da situação de saúde.

“Ela estava realmente ansiosa para ouvi-los e eles estão muito contentes de poder vê-la desta forma”, indica David Tavella, o oficial de comunicação do Estabelecimento que acolhe a Irmã André há 12 anos.

Para saber mais, <https://www.varmatin.com/vie-locale/la-toulonnaise-soeur-andre-doyenne-des-europeens-a-117-ans-a-reussi-a-vaincre-la-covid-19-641920>.

A irmã André deu à rádio France Bleu Provence uma entrevista de alguns minutos na véspera em que disse: «hoje estou bem porque dormi bem. A minha irmã Marie-Pierre veio visitar-me», disse, aproveitando para deixar uma mensagem de amor: «amar-se e ajudar os outros, em vez de me martirizar”.

Nascida em Alès (Sul), no seio de uma família protestante não praticante, única menina rodeada de três irmãos, a Irmã André foi governanta em várias famílias, em Paris e nas províncias.

Foi batizada aos 26 anos e recebeu ordens bem tar-



de, aos 41 anos, na companhia das Filhas da Caridade. Colocada num hospital em Vichy (Centro), lá permaneceu 31 anos.

Trabalhou até o final dos anos 1970 e depois passou 30 anos numa instituição para idosos nos Alpes franceses, antes de se mudar para uma instituição em Toulon.

Na véspera dos 117 anos, aquela que conheceu três repúblicas e 19 presidentes desde seu nascimento apaixonou pouco de sol no jardim, rodeada de louros, com as mãos cruzadas em oração, o rosto para o lado, os olhos fechados. Aos mais jovens, ela recomenda ser “corajosa” e ter compaixão.

Este Jornal

Creemos que saberão avaliar a riqueza deste número do jornal, mas permitam que realcemos esse facto, para dizer também a todos que não é em vão que assinam esta publicação. Vale muito mais que os euros da assinatura anual. Tem a colaboração

empenhada e gratuita e muita gente que nos estima e quer bem.

É uma maneira nossa muito especial de desejar que se sintam embalados a fazer uma caminhada quaresmal que realmente prepare para uma vivência muito rica e profunda do maior mistério cristão: a Páscoa -Jesus Vivo e Ressuscitado, presente no meio de nós.

Sendo a Páscoa em 4 de Abril, a edição do próximo mês já só chegará às mãos dos nossos leitores e assinantes depois da Páscoa. A sorte é que a Páscoa não é só um dia. Prepara-se durante dias e celebra-se o mais festivamente possível durante 50 dias.

Boa caminhada quaresmal e votos de uma Santa e Feliz Páscoa!

Continuação da pág. anterior

serviço de acabamento externo, enchimento, caiação, etc., comunicar-nos a boa nova de que haviam terminado os seus trabalhos.

Com efeito. Que beleza naquelas linhas brancas, esbeltas, finas do mosteiro! Vê-se de longe.

Ao fundo do monte, naquela bonita mancha branca, alvinitente a atestar a generosidade, a fé, a dedicação de um povo!...”

Contudo, ficariam a faltar acabamentos no interior, obras que apenas foram levadas a cabo a partir de Março de 1956. Na “Voz de Melgaço” de 15 de Março desse ano, o pároco de Roussas escreve “Mais uma notícia agradável. Já aqui chegaram os artistas para começar os trabalhos interiores da nova igreja. Vamos ver se na altura da festa em honra a Santa Rita, lá para o fim de Maio, já temos avançado um pouco. O certo é que temos de preparar mais uns vinte mil escudos para as novas obras. E o caso é sério...”

No final do ano seguinte, por altura do Natal de 1956, chega a Santa Rita, o relógio da torre e o sino. Como vinha sendo habitual, o Padre Carlos conta aos leitores da sua “Voz de Melgaço” a boa nova: “Temos uma novidade a contar aos nossos amigos e benfeitores: - Já chegou aqui o relógio da torre e um sino, oferta do Ministério das Obras Públicas. De maneira que, dentro de dias, já os vizinhos de Santa Rita ouvirão bater as horas, dia e noite. E o novo sino fará chegar mais longe o convite para as funções sagradas. Já cá esteve o técnico da casa fornecedora, de Lisboa, a dar ordens e de novo regressará para a instalação definitiva. A Comissão Fabriqueira confessa-se muito agradecida ao Ministério das Obras Públicas por esta prenda de Natal...”

Em Janeiro de 1957, o Padre Carlos dava mais notícias: “Vocês não imaginam o alvoroço desta boa gente quando viu que o relógio de Santa Rita começou a funcionar. Até a petizada olhava, inquiria sorria e não deixava os seus lugares...”

A nova igreja de Santa Rita foi oficialmente benzida e inaugurada em 10 de Junho de 1957. O padre Carlos dava-nos conta do programa de atividades para esse dia:

“BENÇÃO E INAUGURAÇÃO OFICIAL DA NOVA IGREJA DE SANTA RITA

A começar no dia 2, haverá missa, uma solene Novena com pregação e santa missa, diárias, às 6:30 oficiais. A partir do dia 6, a Novena terá lugar às 9:30.

No domingo, 9, missa e sermão pelo Rev. António Esteves, às 9:30. De tarde, às 17:30, procissão, novena e pregação.

Na segunda, 10, às 9 horas oficiais, saída da peregrinação do Santo Preto para a igreja de Santa Rita, tomando parte várias freguesias do concelho, com as suas bandeiras e opas, Vila, Chaviães, Prado, S. Paio, Couso, Cubalhão Fiães e Rouças.

Esta peregrinação será presidida por Sua Ex.cia Rev. Senhor D. Francisco Maria da Silva, venerando Bispo Auxiliar de Braga. À chegada ao mosteiro, alocução por Sua Ex.cia Rev.

A Banda Arcuense, dos Arcos de Valdevez, acompanhará a peregrinação e tocará durante dia. Às 10:30, bênção da nova igreja por Sua Ex.cia Rev. E missa solene, comemorando as bodas de prata sacerdotais do Rev. Pároco da freguesia de Rouças e homenagem aos benfeitores da igreja. Será orador o Rev. Padre Benjamim Salgado, de Vila Nova de Famalicão.

Às 16 horas, lançamento da primeira pedra para

o “Lar de Santa Rita”, a construir nas imediações do mosteiro.”

E assim aconteceu...

Contudo, a conclusão da igreja seria apenas uma parte da grande obra que estava a nascer em Santa Rita...

Fontes consultadas:

- ESTEVES, Augusto C. (2003) - Obras Completas. Volume I, tomo 2; Edição: Câmara Municipal de Melgaço.

- LEAL, Augusto de Pinho (1875), Portugal Antigo e Moderno, Livraria Editora de Mattos & Companhia, Lisboa.

- MARQUES, José (2019) - Origem da nova capela de São Paio - depois Santa Rita - em Rouças. In: Jornal “A Voz de Melgaço”; Edição de 1 de Março de 2019.VAZ, Carlos & VAZ, Júlio (2010) - Padre Carlos Vaz: Uma vida de serviço. Edição de Carlos Nuno Salgado Vaz.

Vendem-se Campo de Souto - Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

Têm muita água própria.

Contactos:

251 414 973 / 969623094

Covid 19 e distanciamento: O tempo das igrejas vazias

Costa Guimarães

Já aqui abordamos no mês passado esta questão: que efeitos terá a pandemia na prática e na pastoral das nossas comunidades cristãs, assemelha-as um pouco à prática desportiva e às dinâmicas culturais.

Continuamos e ssa reflexão por causa de um livro a quem roubamos metade do título deste artigo: “O tempo das Igrejas Vazias”, escrito por Tomáš Halík e recentemente editado Pelas Paulinas.

Todos estamos a constatar que a ausência da celebração dos sacramentos traz dificuldades pastorais futuras, numa análise ao acompanhamento pastoral no contexto da pandemia Covid-19.

Está a ser muito difícil a celebração dos sacramentos e particularmente os celebrados em ambiente de catequese. O ano que passou não houve praticamente nada e, em 2021, vamos pelo mesmo caminho, nestes dois sectores.

A pandemia impede ou dificulta muito o trabalho dos párocos e outros agentes da Patoral infantil, jovem e adulta porque é quase impossível conseguir realizar as celebrações que marcam determinadas fases da vida.

Se esta dificuldade é evidente no presente a passado recente, estamos ainda longe de avaliar aquilo que traz dificuldades pastorais no futura.

Desde 21 de janeiro, que, por ordem da Conferência Episcopal Portuguesa, está em vigor a suspensão das celebrações públicas da Missa, da catequese e outras atividades pastorais que “impliquem contacto, até novas orientações, na sequência do agravamento da pandemia de Covid-19.

Veja-se o caso da catequese. É mais difícil na primeira infância, porque é necessário serem muito acompanhados pelos pais e pelos educadores em casa, enquanto nos adolescentes e nos jovens há uma maior autonomia e capacidade de resposta na catequese através dos meios online. Acontece precisamente o mesmo com as actividades da prática desportiva e esta ausência está a ser insuportável para muitos adolescentes e seus familiares. Este ambiente de ausência no culto é uma dor intensa

Voltemos ao livro que justifica este artigo, em que o teólogo checo P. Tomáš Halík adverte: «Com as reflexões no tempo das igrejas vazias desejei, animar e encorajar os meus leitores a penetrar mais fundo no mistério da Páscoa, neste coração da fé cristã, mas também prepará-los para uma época em que teremos de entrar com maior coragem e confiança na nuvem do mistério e

saber viver no meio dos paradoxos e dos novos desafios para os quais não temos respostas feitas.»

Tomáš Halík redigiu as homilias referentes às celebrações de Quarta-feira de Cinzas, Quinta-Feira Santa, Sexta-feira Santa, Sábado Santo e domingos da Quaresma e Tempo Pascal (até ao Pentecostes), oferecendo-as, através da internet, durante o primeiro período de confinamento originado pela primeira vaga da pandemia, aquando da «espantosa primavera de 2020».

É Quarta-feira de Cinzas. Pomo-nos a caminho da Páscoa.

Neste primeiro dia do grande jejum, «tempo de penitência pré-pascal», celebramos pela vigésima quinta vez, na nossa paróquia universitária, As Cinzas dos artistas – uma oportunidade para encontro entre o mundo da arte e o mundo da religião. Esta tradição surgiu no final da Primeira Guerra Mundial, quando foi celebrado neste dia, na Catedral de Notre-Dame em Paris, um Requiem pelos artistas que morreram na Guerra.

O mundo da arte e o mundo da religião são intimamente unidos. A história da arte não se pode pensar sem a história da religião e vice-versa. Deixo aqui algumas frases para reflexão.

Esses dois mundos estão historicamente interligados: praticamente todos os tipos de arte – dança, música e canto, bem como expressões visuais, nomeadamente a construção de edifícios sacros – foram provavelmente criados, no amanhecer da história humana, como parte de um culto religioso.

Uma arte que não aponta para o mistério, mas que permanece preguiçosa e sem qualidade numa superfície atraente é um mero kitsch. Uma religião que apresenta os símbolos primordiais como sendo realidade, que não é capaz de olhar para os símbolos como um caminho de aprofundamento, é o oposto exato de uma religião autêntica, é fundamentalismo

O que seria a liturgia sem a música, sem o canto, sem a arquitetura de templos!

A pedra essencial de construção da religião e da arte são os símbolos: a arte e a religião tentam por meio da linguagem dos símbolos expressar o inexprimível e reproduzir o impronunciável. O símbolo tem um carácter paradoxal: revela e, ao mesmo tempo, oculta o mistério a que se refere e para o qual aponta.

O que seria a arte sem a sensibilidade à dor – e o que seria a fé sem a experiência da «noite escura da alma», sobre a qual escreveram os grandes místicos, es-

ses poetas do mundo da religião?

Descer às profundezas, todavia, significa, geralmente, também tocar o fundo, ser confrontado com o nada, com o rosto noturno e trágico da existência humana, com a temporalidade; significa libertar-se das ilusões. (Mesmo em mitos, contos de fadas e rituais arcaicos, o «caminho em busca do tesouro», do amadurecimento e da maturidade, inclui provas dolorosas.) O orgulho cega e torna ignorante, aprisiona na superfície. A humildade abre os olhos e expõe-se à verdade plena.

Os nossos tempos parecem contrariar tudo o que esteve na raiz da reforma litúrgica de Paulo VI, introduzida em 1964, onde surge a vontade de favorecer a participação consciente, activa e fácil dos fiéis na liturgia. Para quem ainda se consegue recordar como se fosse ontem, a mudança foi uma revolução absoluta.

O povo tornava-se protagonista, e não apenas “espectador” do rito, do qual muitas vezes não compreendia sequer o significado de fórmulas e respostas, a custo aprendidas de memória, com frequência de maneira errada.

Pode hoje o Povo de Deus tornar-se protagonista quando os templos estão vazios? Ou corre o risco de – por imposição sanitária – habituar-se a ser um mero espectador numa prática religiosa que assenta na presença, na participação e na partilha? O distanciamento físico pode alargar-se a uma separação religiosa e de vivência da Fé, da Esperança e da Caridade.

Tomáš Halík assegura-nos que o amanhã passa por encontrarmos Cristo para lá do ritual, a reconhecê-lo nas suas feridas – nas da humanidade –, na sua voz de Ressuscitado, quando fala a cada um intimamente, pelo Espírito que traz paz e afasta o medo.



A Vacinação está a Derrapar não só no Nosso País como também em toda a União Europeia...

Abílio Francisco Conde

A vacinação em Portugal, ao ritmo que está, só no final de 2021 10 por cento da população ficará imunizada. A percentagem subirá para 22 por cento no final de 2022. A vacinação está assim a derrapar não só no nosso país como também em toda a União Europeia e resto do mundo. As farmacêuticas mostram as suas incapacidades em honrar os compromissos assumidos de milhares de milhões de euros de contratos com Bruxelas. Há falhas de produção, de prolongamentos, de pressões políticas e comerciais. A conclusão a tirar destas más notícias, a manter-se esta lentidão das vacinas, a nossa integração política e económica vai arrastar os seus efeitos da crise para 2022 e 2023, em contraste com os Estados Unidos, Israel e Reino Unido. A retoma da economia europeia está assim em causa, o que marcará uma diferença acentuada com a dinâmica dos outros países, melhor protegidos. Por outro lado, o confinamento prolongado degrada as relações sociais e políticas com movimentos populacionistas e extremistas a semearem a desordem e a ganharem va-

lor nos insucessos dos governos na desgastante gestão do covid-19, como se tem visto em estados-membros, em saturação pandémica. Para fazer face a este crescente mal estar, alguns governos furaram a negociação europeia das vacinas e compraram já milhões de doses a outras farmacêuticas, abrindo fendas na solidariedade europeia e no bloco dos 27. O descontentamento com a União Europeia subiu de tom e parece que o “salve-se quem puder” é decisivo. Os números da previsões, quanto a nós, escondem um desequilíbrio muito grande entre países ricos e pobres. Por mais imunizados que estejam os países ricos, o vírus continuará com mais mutações e variantes. A normalidade do comércio livre, das fronteiras abertas, do turismo livre e da partilha não regressarão sem uma imunidade global. Portugal não escapa a esta dinâmica, acrescentando-lhe a sua deformação histórica do negócio ilícito, do chico-espertismo, da cunha familiar, da falsa propaganda e da mentira. É pena que os políticos não combatam isto porque cada abuso é veneno para a democracia e cada



dia sem vacinas é um dia mais na agonia da famílias e das empresas. Há uma relação inversa entre o confinamento e a vacinação. Quantas mais pessoas forem vacinadas menos confinamento haverá ou seja quanto mais durar a vacinação mais tempo durará a crise económica e social. A falta da liberdade dos cidadãos será também maior como o desgaste do serviço nacional de saúde. Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Fevereiro 2021

João Caupers: juiz que pensa e partilha é quase... estropiado

Costa Guimarães

João Pedro Caupers foi eleito Presidente do Tribunal Constitucional no passado dia 9 de fevereiro, após indisponibilidade do até então Presidente do Tribunal Constitucional, Manuel da Costa Andrade. A polémica homossexualizou-se —literalmente— numa Assembleia da República que se esqueceu da “heterossexualidade” dos poderes judicial, executivo e legislativo. Vamos tentar endireitar a polémica.

No centro de uma polémica, merece elogios a alunos, críticas aos pares. “É arrogante, agressivo, dado a fúrias.” Ninguém quer dar a cara quando fala do novo presidente do Tribunal Constitucional. São muito cobardes contra um Juiz corajoso que escreve o que pensa, fora dos parâmetros do politicamente correcto. Já me explico mas não vai ser fácil para os preconceituosos.

João Pedro Caupers nunca pertenceria a um clube que o aceitasse como sócio, dadas “as tensões e contradições da natureza humana, nos seus dilemas e paradoxos”. Assim se explicou no discurso de tomada de posse como presidente do Tribunal Constitucional (TC): “Nós, seres humanos, somos capazes do melhor e do pior (...) mas temos uma particular compreensão desta verdade: somos capazes do melhor, nós; e do pior, os outros”.

“Todos daríamos uma pequena contribuição para um Mundo um pouco melhor se (...) procurássemos ter para com os outros alguma da tolerância que temos para com nós próprios; e se aplicássemos a nós próprios alguma da exigência que temos para com os outros”, acrescentou, passando pouco depois para o designio do Palácio Rattón a sede do TC.

Mal acabou de proferir esta frase, foram vasculhar tudo o que escreveu até agora, como aquele texto público, escrito em 2010, a propósito do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Nele, João Caupers exprime ideias que colidem de frente com os preceitos que está obrigado a defender. Classifica os homossexuais como uma “inexpressiva minoria cuja voz é despropositadamente ampliada pelos media”. Faltava uma prova, ela aqui está. Foi a primeira que encontraram para tentar desfazer a sua nomeação. Ele criticava a “promoção das respetivas ideias” e o “lobby gay”, fazendo a sua declaração honesta e leal de interesses como sendo integrante de uma “maioria heterossexual” e afirmando-se nem “disposto” nem “disponível” para ser “tolerado”. “Por eles.”

Dizem que o choque entre os textos — os dele e o constitucional — é violento. E, zás, deve ser destituído, através de um massacre comunicacional.

Descendente de uma família da aristocracia austríaca, chegada a Portugal no século XVIII, é professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa, a casa onde leciona há 17 anos. Merece elogios a alunos, críticas aos pares.

João Caupers chegou ao TC em 2014, cooptado pelos dez juizes eleitos pela Assembleia da República. Torna-se vice-presidente de um tribunal “complicado”, com membros “emparelhados por partidos” e tensões entre “juizes de carreira e juizes de academia” ou entre “juizes mais antigos e os que vão chegando”.

No discurso inaugural deixou um recado: “a situação atual, multiplicando e vulgarizando intervenções do Estado que, em nome da proteção da nossa saúde, vão limitando a nossa liberdade, torna ainda mais imprescindível e dramática a defesa daqueles direitos”. É mentira?

Quem o escolheu? Em 9 de Fevereiro de 2021 foi eleito, pelos demais Juizes, Presidente do Tribunal Constitucional. É Conselheiro de Estado, por inerência, desde 17 de Fevereiro de 2021.

Seria um golpe de Estado se o Presidente do Tribunal Constitucional (TC), João Caupers, fosse chamado à Assembleia da República, porque escreveu contra os

direitos dos homossexuais antes de chegar ao Palácio Rattón, e não se coibiu de criticar num acórdão as mulheres que queiram ser mães solteiras, por considerar que os filhos têm direito a saber quem é o pai.

O País pandémico, com centenas de mortos diários distrai-se a descobrir o que o novo presidente do Tribunal Constitucional (TC) escreveu em verões passados.

Quem é afinal João Caupers, o professor catedrático que se tornou juiz do Palácio Rattón, em 2014, quando foi cooptado pelo coletivo do TC, e chegou agora à sua presidência?

Colocou o Parlamento de cócoras quando defendeu: “diga o direito o que disser, omita o que omitir, a concepção de uma criança sem pai é tão absurda como a de uma criança sem mãe”. Mais, “todos os filhos têm mãe e pai”. Meses depois, tendo o Parlamento mantido a lei nos mesmos moldes, o TC voltou a chumbá-la. Há menos de meio ano, os deputados alteraram a legislação, adaptando-a às exigências.

O Diário de Notícias trouxe a público um artigo de opinião, na coluna “Pontos de vista” da Faculdade de Direito da Nova, em maio de 2010, da pena de João Caupers, sobre os homossexuais: “Não passam de uma inexpressiva minoria, cuja voz é enorme e despropositadamente ampliada pelos media”. São como os “vegetarianos ou os adeptos do Dalai Lama”, mas “existem mais vegetarianos do que homossexuais em Portugal — e, porventura, até mais adeptos do Dalai Lama”.

JUSTIFICAÇÕES DA POLÉMICA MAL EMBRULHADA NO SEXUAL?

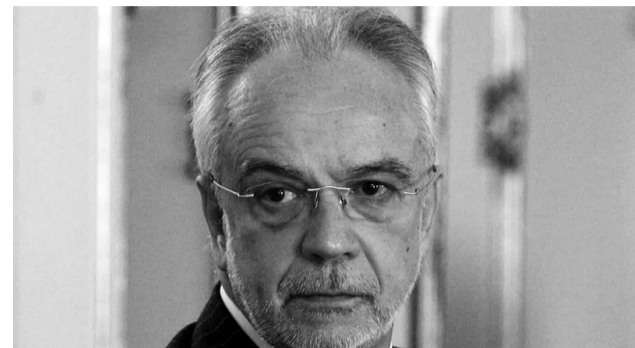
Antes de entrar no TC, havia considerado que as mexidas nas pensões eram um “abuso, roubo, confisco”. Em causa estava a convergência das pensões da Caixa Geral de Aposentações, que implicava um corte de 10% acima dos 600 euros líquidos, e que o coletivo, chamado a pronunciar-se pelo Presidente da República, Cavaco Silva, havia chumbado.

Caupers foi um dos que impôs à ministra das Finanças, Maria Luís Albuquerque, uma pesada derrota relativamente ao seu primeiro Orçamento do Estado, após a saída de Vítor Gaspar do Governo. Os cortes nos subsídios de desemprego, de doença e no de sobrevivência acabaram chumbados.

Findo o curso, além de dar aulas, entrou como funcionário para o Ministério das Corporações, em janeiro do ano da Revolução, onde ficou até 1976, quando foi chamado para cumprir o serviço militar obrigatório. Ficou pouco tempo na Escola Prática de Cavalaria já que o primeiro Provedor da Justiça, o coronel Manuel da Costa Braz, um dos militares de Abril, faria que com acabasse a recruta como seu assessor. Um dos fundadores do PS, Magalhães Godinho, que sucederia a Costa Braz, manteve-o por perto. Depois Costa Braz levá-lo-ia para o Alto Comissário contra a Corrupção como adjunto.

A actual ministra da Modernização Administrativa, Alexandra Leitão, foi uma de muitos alunos que tiveram como arguente das suas teses o presidente do TC, que tem ainda na bagagem colaborações na elaboração de legislação diversa. Entre essa, conta-se o decreto de 20 de setembro de 1979, que estabeleceu a proibição da discriminação das mulheres no trabalho.

Os juizes são independentes e não podem ser sujeitos a pretenso controlo parlamentar. No caso do TC, ainda mais: é a Assembleia da República que está sujeita à fiscalização pelo Tribunal Constitucional, quanto à constitucionalidade das leis; o TC e os seus membros não podem ser sujeitos a qualquer tipo de fiscalização pela Assembleia da República, Seria um golpe de Estado se João Caupers, presidente do Tribunal Constitucional, lá fosse ou a Assembleia o exigisse — como defende o PAN.



É suposto os deputados saberem que uma das regras essenciais do Estado constitucional é a independência dos juizes e dos tribunais e é um disparate propor a comparência de juizes no Parlamento. Impõe-se um curso breve de Estado de direito constitucional em São Bento — como escreveu Vital Moreira, a propósito desta iniciativa do PAN, a qual confirma o que João Caupers escreveu sobre a classe política: “tem cada vez menos classe” — porque “a maioria dos nossos agentes políticos é francamente medíocre: nas tontices e dilates que profere, na falta de verticalidade e de sentido de responsabilidade, no que não diz e muitas vezes insinua, no que faz e, sobretudo, no que não faz”.

DORES DE COTOVELO PARA TANTO ESTRONDO

Procuremos mais explicações para este fragor ou estrondo contra João Caupers. Num dos textos, mostrou-se surpreendido por Miguel Relvas ter sido convidado para falar “num misterioso Clube dos Pensadores, onde supostamente iria espraiair o seu pensamento (?) político (?)”, e, depois, “num estabelecimento de ensino superior, onde iria dar conta do seu espírito visionário em matéria de comunicação social”.

“Por um lado, não lhe conheço obra susceptível de despertar o interesse pelo seu pensamento, se o tiver. A sua presença no tal clube de pensadores é intrigante — a menos que os próximos convidados sejam a Teresa Guilherme ou o Jorge Jesus. Por outro lado, depois das alegadas interferências no trabalho jornalístico de um conhecido diário e das peripécias da privatização (?), venda (?), concessão (?) da TP, convidá-lo a falar sobre comunicação social é assim como convidar o Oliveira e Costa [fundador do BPN] para uma conferência sobre ética financeira”, escreveu.

Caupers referiu-se a Mexia — a propósito do corte de pensões chumbado pelo TC — como o “lídimio representante do capitalismo “nacional”, no que ele tem de mais reles”. “Montado no seu salário de vários milhões de euros por ano, o mandatário do patrão chinês da EDP permitiu-se criticar o Tribunal Constitucional, considerando que as suas decisões não tiveram em conta o “contexto” e haviam aumentado os riscos de um segundo resgate”, criticava.

João Caupers dirigiu-se ainda ao ex-primeiro-ministro Pedro Passos Coelho. “O ‘despesismo alucinado’ — e, parece, alucinogénio também, já que afastou da realidade não apenas os socialistas mas também as gentes do PSD e do CDS, que não me recorde de o ter ouvido contrariar ou denunciar — endividou o país e arruinou os portugueses. O atual governo ter-se-á limitado a herdar a desgraça. Então não foi o PSD que se fartou de gabar do seu papel decisivo nas negociações com a troika, sendo graças a ele — melhor, graças a essa hábil combinação do sentido de Estado do Dr. Passos Coelho com o génio negocial do Dr. Catroga, ambos amparando altruisticamente o derrotado governo socialista — que o memorando de entendimento pôde ser aquilo que é?”. Acho que chega — chega não, caramba! — basta!, para explicar tanto barulho que nos quer distrair do essencial: combate à pandemia e recuperação da nossa economia. Não conseguirão.

Viajar pela Birmânia – 4

M. J. Lobo Elias



Os sapatos ficam cá fora



Os alunos budistas



As alunas no refeitório rezam antes de começar



Birmânia



Colecção de Budas



Templos na floresta



Espécie de espaço de meditação com alunos da escola



Os coloridos são sempre uma um girândola de cores



Perspectivas lindíssimas dos guarda-sois coloridos ...É só escolher!



Junto aos guarda -sois e em boa companhia

Os grupos étnicos

A realização desta minha segunda e mais longa viagem pela Birmânia, cerca de cinco anos depois da anterior, ampliou para além dos percursos, a compreensão de aspectos surpreendentes da cultura deste povo.

Um país muito heterogéneo na sua diversidade étnica que mantém marcadas sub-identidades étnicas traçadas pelas suas origens, e se agrupam maioritariamente em regiões tradicionalmente distintas até pela sua topografia. Por exemplo a planície central do país e a sua zona mais fértil, atravessada pelo rio Irrawadi, foi ocupada há vários séculos pelo grupo étnico mais forte, os Bamar, ou seja os Birmaneses.

A maior parte dos outros grupos étnicos continuam vivendo em zonas mais montanhosas e geograficamente encostados a zonas de fronteira. Citando alguns : os Shan, os Kaya e os Kayin na zona leste, os Kachin a norte e os Chin e Rakaing a oeste. As identidades e tradi-

ções nas raízes étnicas e de crenças ancestrais de cada grupo são mantidas através das gerações e o budismo, apesar de tudo, tem sido de certo modo um importante aglutinador comum.

Ao continuar a nossa óptima viagem de mota pelo centro do país sentimo-nos mais integrados com a população local e menos turistas a ser observados externamente, o que para mim era muito mais agradável.

As várias cidades localizadas na zona central da Birmânia numa região não demasiado extensa, à beira do rio Irrawadi permitiram-nos percorrer com facilidade as distâncias relativamente curtas que ligam cidades importantes nesta zona das antigas capitais e centros de poder, e parar onde apetecia, visitando com facilidade locais que tiveram grande importância durante vários séculos, quer por terem sido sedes do poder real, quer por possuírem centros de devoção budista, ou ainda centros de crenças muito mais primitivas como os nats,

que poderemos traduzir por “espíritos” e a que nos referiremos adiante.

Da travessia pela ponte de teca

Depois de contemplarmos , como já referimos, um nascer do sol inesquecível no Lago Inle a bordo de um pequeno barco, e em seguida atravessar a pé a extraordinária e surpreendente ponte bicentenária em teca, encontramos-nos na outra margem juntamente com muitos vendedores e feirantes, e uma paragem num pequeno café. Seguimos atravessando antigas construções arruinadas de monumentos abandonados cobertos de musgo e trepadeiras, para entrar de seguida num colorido mercado de guarda-sóis birmaneses cheios de cor fascinantes e de que enviamos um registo fotográfico. Realmente um conjunto muito apelativo. Havia algum comércio. Vendem-se também muitas flores, completas

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior



A stupa branca



É nostalgicamente belo este envolvimento dos muros que restam por uma natureza que se renova e se mantém viva...



Indicações para o percurso da visita a Mingun



Sagain



Venda de recordações



O nosso almoço na escola budista

ou na forma de pétalas soltas. Tomamos por ali o pequeno almoço àquela hora matutina.

Ao ar livre visitamos um grande anfiteatro em pedra e depois seguimos viagem nas nossas motas, com o ar ainda fresco da manhã mas agora para atravessarmos de regresso uma outra ponte, longa e moderna, com centenas de metros, que nos levou de novo para a outra margem para a visita às cidades de Sagaing e Mingun.

Sagaing

Situada a 25 km a oeste de Mandalay, Sagaing é uma importante cidade comercial que reúne centenas de pagodes e mosteiros budistas no perímetro urbano como nos seus arredores. Muitas dessas construções datam do século XIV, época em que Sagaing foi por pouco tempo capital da Birmânia durante a poderosa dinastia regional mas com um jovem rei cheio de iniciativa (1300-1327). Não se imagina como um povo tem capacidade e motivação para construir uma tal quantidade de pagodes e mosteiros num tempo que foi em proporção a tamanha tarefa, relativamente curto.

Em Sagain também é surpreendente a galeria Umin Thounzeh com dezenas de budas sentados numa base de apoio em forma de quarto crescente lunar. Segue uma foto em que me integrei como referência para as dimensões.

Há uma visita neste conjunto de construções que merece a pena: ao enorme e singular Hsinbyume Pagoda, um grande pagode mas neste caso todo branco, o que não é habitual. Situado também na região de Sagaing, mas no lado norte de Mingun, na margem ocidental do rio Irrawaddy. Fica a aproximadamente 10 quilómetros a noroeste de Mandalay. Foi construído em 1816 por Bagydaw que o dedicou à memória da sua primeira mulher a Princesa Hsinbyum, que viera da Índia, e que faleceu de parto aos 23 anos, muito perto desta zona. Uma homenagem muito sentida manifestada através deste pagode enorme e singularmente branco e não dourado.

Almoçamos numa escola de educação budista

No caminho visitamos exteriormente, ou seja percorrendo os jardins e o lugar de culto a Buda, em duas escolas budistas, uma masculina outra feminina.

Os alunos vivem nestas escolas vários anos em regime de internato. Além dos trajas que usam, rigorosa-

mente iguais, quer os alunos quer as alunas apresentam o cabelo completamente rapado. É surpreendente.

Não significa que sigam mais tarde a vida monástica mas adquirem assim uma formação de regras budistas durante vários anos.

As raparigas vestiam umas túnicas cor de rosa, todas iguais, com uma faixa vermelha a tiracolo e assim com o cabelo rapado, ficavam difíceis de identificar.

Percorremos o enquadramento exterior, espaçoso e ajardinado, com um grande espaço aberto, muito agradável.

Foi-nos proposto almoçar também, mas não no refeitório das alunas, que se sentavam descalças no chão em frente de mesas muito baixas. Assistimos à entrada para o almoço de mais de duzentas alunas com o prato e a colher na mão, em fila, dirigindo-se ao seu lugar para a refeição que decorria bastante silenciosa.

Nós almoçamos num espaço exterior contíguo ao ar livre, junto à enorme sala de almoço das alunas, mas com mesas e cadeiras normais como estamos habituados.

O tempo estava muito agradável e foi na verdade uma gentileza que permitiu uma vivência integrada. Seguem algumas fotos do desfile das alunas para o refeitório cada uma com o seu prato e colher na mão, em fila deixando no exterior o calçado meticulosamente arrumado.

Monte Popa

A Birmânia é um país com especificidades muito singulares na sequência de antigas crenças, anteriores à introdução do budismo, portanto ao século X, que integram fortemente certas vivências culturais do país com especificidades muito singulares e antiquíssimas. Uma delas é uma crença realmente muito antiga, e que continua a ter muitos seguidores especialmente nas zonas rurais: são os nats que já referi no início deste texto, cada um com o seu perfil e capacidades e que acreditam poder ajudar as pessoas que o solicitarem em circunstâncias específicas.

Há 36 nats reconhecidos a ser invocados para pedidos diferenciados de ajuda.

O principal local onde se encontram todos representados é no cimo do Monte Popa, o local onde se encontram representados por imagens na forma humana, em tamanho natural, onde muitos birmaneses buscam

a sua influência. Quando foi introduzido o budismo, no século X, o rei quis eliminar a prática desta crença mas a oposição foi de tal ordem que ele recuou e permitiu a coexistência. Actualmente mantem-se mais em zonas rurais.

É um lugar que faz parte das visitas turísticas, quase obrigatório, pois é muito específico nas suas características tradicionais e inesperadas.

Para lá chegar têm de se subir 700 degraus, com espaços laterais ao longo dos quais os vendedores de toda a espécie de comércio se encontram espalhados. Costumavam aparecer por lá pequenos macacos sempre à procura de alguma coisa que lhes interesse para deitarem rapidamente a mão. Desta última vez tinham colocado vidros de isolamento do exterior pelas escadas acima e havia mais sossego. Enfim há situações extraordinárias por esse mundo fora e quem viaja para outras latitudes em que os costumes e as crenças são por vezes surpreendentes é prudente que se informe para não ter surpresas que aborreçam e de que simplesmente desfrutem observando...

Por aquelas escadarias acima havia até um astrólogo instalado para fazer previsões a quem desejasse.

Como os degraus são muitos é só ir observando toda a atividade de comércio e outra que se desdobra ao longo das escadas que provocam as paragens que abrandam o ritmo... Um pequeno descanso integrado no percurso. Uma aventura, podem crer!

Lá em cima em salas adequadas estão representados na forma humana em tamanho natural os 37 nats, e os que seguem essa linha de convicções sabem exactamente a quem se dirigir entre todos.

A vista lá de cima é magnífica, quando não chove e não há nevoeiro... Mas é preciso ter mais cuidado com os macaquitos que saltam no exterior e que subtraem o que podem pois aí andam à solta!

Viajar é uma aventura!

Nota: Não posso deixar de referir aqui com grande inquietação a brusca tomada do poder pelas forças militares, com a instalação de uma nova ditadura militar, sem razão aparente, para um povo que teve já uma longa experiência nessa situação e com grande esforço conseguira eleições recentes em que o povo se manifestou de forma inequívoca.

Juan Carlos Dominguez e uma comunidade que já não sabe viver com fronteiras

“Continuamos a tentar fazer a nossa vida, mas agora como contrabandistas”



A IMPRENSA É SEGURA!

João Martinho

Debaixo de um dia chuvoso, Juan Carlos Dominguez lutava contra a meteorologia e as medidas restritivas do governo português a uma população que “já não está habituada a ter fronteiras”.

Proprietário de um posto de combustível em Pontebarxas, localidade galega que convive com a vizinha portuguesa de São Gregório desde tempos que os pergaminhos da História não saberão precisar, Juan Carlos foi um dos mentores da manifestação popular que assolou à antiga fronteira entre Melgaço e Espanha a 20 de Fevereiro último.

Com o bloqueio português, Juan Carlos estima ter perdido “mais de 60% das vendas”, mas assume que a transição de pessoas e bens nesta comunidade transfronteiriça se tem feito – com precauções de contrabandista e responsabilidade social de quem se preocupa com a saúde da comunidade – dentro de alguma “nervosa” normalidade.

Avançou, como os demais galegos revoltados com este corte viário reforçado com blocos de betão, para o muro que dividia galegos e portugueses. A tarja do lado português implorava o desbloqueio, mas ninguém rasgou as vestes nem cedeu à indignação.

Juan Carlos e alguns dos manifestantes pediam a abertura desta passagem (seria a segunda entre Melgaço e o território galego), mas já havia descrença na luta e resignação perante o cenário que se viria a confirmar no final do Fevereiro, quando o Conselho de Ministros português aprovou, sem qualquer alteração, a renovação das medidas do Estado de Emergência que já tinha viabilizado quinze dias antes.

“Haver mais ou menos casos de Covid-19 não tem a ver com estas pequenas fronteiras, tem a ver com a responsabilidade das pessoas. Estes fechos de fronteiras e de negócios é que arruinam a vida à gente”, notava o empresário, à altura da manifestação popular.

“Numa fronteira como a nossa, o risco é muito menor. Aqui devem circular por dia mais ao menos cem carros, de um lado para o outro. Fronteiras como Valença tem muito mais gente a passar. Entendemos que devia haver um tratamento igualitário. Os nossos trabalhadores não têm que passar como delinquentes, sobretudo os portugueses que trabalham em Espanha”, frisou Juan Carlos.

Apesar de a centralidade desta passagem na rota de circulação transfronteiriça já não ser a mesma de há alguns anos, o empresário galego reconhece que esta barreira entre países está a matar inclusive alguma dinâmica económica à localidade e até menos frequência de população espanhola.

“Eu estou com 30% das vendas. Na bomba, 60% dos nossos clientes são portugueses, são os que nos dão a



vida, e agora com a fronteira fechada, os espanhóis desta zona que iam comprar a Melgaço agora não podem passar, também já não param aqui”, explicou ainda.

A esperança, ainda que sem optimismo, era que a organização não prejudicasse tanto os negócios nem a relação da comunidade transfronteiriça que já não sabe lidar com barreiras.

“Há décadas que já não temos fronteiras. Somos todos espanhóis, todos portugueses, temos os mesmos costumes, amigos e interesses, para nós já não há diferenças. Este bloqueio faz-nos voltar ao contrabando. Ainda há pouco mandei vir de Melgaço as pastilhas para o cão, ou medicamentos. Na altura do primeiro confinamento tive que ir comprar o sulfato a Melgaço. Os portugueses continuam a vir aqui à Galiza buscar as coisas que tinham por hábito, mas agora é pelo contrabando. Que havemos de fazer?”, rematou Juan Carlos Dominguez.

Maria José Pinho, vice-presidente da Câmara Mu-

nicipal de Melgaço, uniu-se ao manifesto do lado português, lado a lado com o presidente da Junta de Freguesia de Cristóval, David Barbeitos, empresários e população.

Recordou a luta assumida pela autarquia contra qualquer bloqueio fronteiriço em todo o território nacional e apelou a uma abertura em nome do dinamismo da economia das zonas de fronteira.

“Precisamos destas passagens, em nome de uma melhor condição para os trabalhadores fronteiriços e de uma economia que precisa de algum dinamismo. Se fecharmos tudo, ficamos numa situação muito má para quando tivermos de levantar tudo isto de novo e estamos a piorar a vida a todos estes trabalhadores”, frisou.

No âmbito da abertura à circulação transfronteiriça no Alto Minho, apenas Ponte da Barca reabriu o ponto de passagem de fronteira da Madalena, no Lindoso.

